

Reprodução de um quadro da igreja de Pinhais



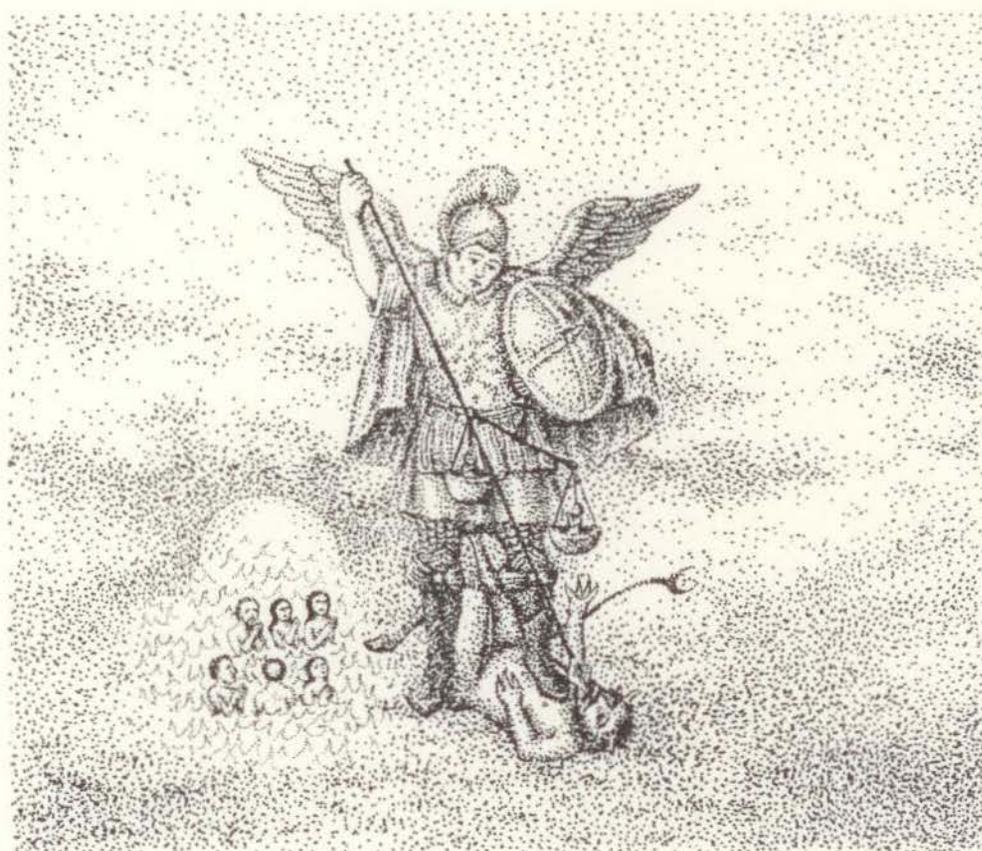
Mulier supbeſtam eſt.
rupta. et opa nequie
et voluptates. fornicatio.

nis. Qui de profpitate mundi
lectant. qui caritate nō habet.
qui paupib' bene nō facit. qui

Bruzas da Serra

Estudo numa comunidade beirã

Capa: reprodução de "A mulher do Sol e a Besta", Apocalipse do Lorvão, fl. 3/4



Reprodução de um quadro da igreja de Pinhais

RESUMO

BRUXAS DA SERRA

Estudo numa comunidade beirã

Seminário de Investigação

Licenciatura de Antropologia

F.C.S.H. - U.N.L.

Lisboa, Outubro de 1984

Clara Afonso de Azevedo de Carvalho

O referente "bruxa" é utilizado em Antropologia para designar seres, reais ou imaginários, com o poder ou o saber de controlarem forças imateriais que lhe permitem intervir e/ou atacar pessoas próximas. Aplicado ao contexto europeu, este termo tem uma natureza polissêmica, pois designa três figuras distintas: a "bruxa" produtora de mau-olhado, a "bruxa" sabática, geralmente associada ao demônio e com os poderes de se tornar invisível e de voar de noite, e a "bruxa"-curandeira.

Na comunidade estudada, pequena aldeia de 81 habitantes situada nas faldas da serra do Caramulo, trabalham cinco pessoas como "bruxas"-curandeiras. O objectivo deste trabalho é o estudo do discurso e métodos utilizados por essas "bruxas" e das razões que os tornam pausíveis e pertinentes para os restantes membros da comunidade. Quatro delas assumem o poder de comunicar com os espíritos: são as chamadas "espíritas" ou "médias". Uma outra mulher trabalha como cartomante e exorcista, pois lê em cartas o futuro e a causa dos problemas e conhece os encantamentos para expulsar os espíritos que assombram pessoas, animais ou casas. Pela análise do processo percorrido por essas pessoas até se tornarem "bruxas", do seu discurso, dos ritos efectuados nas sessões que realizam, dos casos que lhes são apresentados e das soluções apontadas para esses problemas, cheguei às seguintes conclusões, que apresento concisamente:

- a) Estas pessoas tornaram-se "bruxas" depois de passarem por um longo e doloroso processo, iniciado no momento em que ficam com a "morada aberta", podendo ser possuídas por qualquer espírito que delas se abeire. Este processo termina quando sobre elas "desce" um guia, sendo este habitualmente o espírito de um santo. Os estados de possessão passam a ser controlados pelo guia que assume a função de mediador entre a "média" e os espíritos em geral. No caso da cartomante e exorcista, esta pretende ter passado por um processo semelhante, tendo-lhe sido atribuído S. Cipriano como guia; no livro deste santo aprendeu a ler nas cartas e a expulsar os espíritos. Todo este processo pode ser encarado como um "rito de passagem", tal como é definido desde Van Gennep, e justifica perante a comunidade o novo poder e estatuto atribuídos a estas "bruxas"-curandeiras.
- b) Os habitantes desta comunidade e pessoas do exterior começam a consultá-las desde o momento em que "desce" o guia, apresentando-lhes os seus problemas pessoais para os quais as "bruxas"-curandeiras deverão encontrar explicação e solução. A qualquer dos problemas deste conjunto aparentemente heterogêneo é sistematicamente apontada uma de duas causas: assombramento por espíritos, geralmente de parentes mortos, ou inveja dos vizinhos.
- c) Tanto os métodos de cura utilizados ou prescritos pelas "bruxas"-curandeiras, como as causas que apontam para o infortúnio, se relacionam com o discurso da Medicina "Popular" (assim definida por oposição à Medicina "Científica" ou "Oficial").

Os processos de cura passam pela realização de encantamentos e defumadoiros que são conhecidos ao nível doméstico e inserem-se no saber da Medicina "Popular". Por outro lado a explicação do infortúnio como sendo causado pela inveja dos vizinhos ou assombramento dos espíritos é também coincidente com o discurso da Medicina "Popular".

- d) Esta explicação causal insere-se num sistema conceptual que considera poderem os vizinhos atacar-se entre si apenas por o desejarem, lançando-se pragas, mau-olhado e "mal de inveja". Este ataque efectua-se sob a forma de um roubo da energia vital dos membros de uma casa (ã qual corresponde habitualmente um grupo doméstico cujos membros estão ligados por laços de parentesco em 1º grau) ou dos seus animais. Neste sistema conceptual insere-se igualmente uma visão escatológica segundo a qual todos os que sofreram uma "mã-morte" - morreram longe da família, sem terem pago as dívidas ou resolvido os seus contenciosos, ou sem que os ritos funerários tenham sido devidamente cumpridos ou ainda aqueles que mataram, roubaram ou realizaram partilhas desiguais pelos seus herdeiros - voltam à Terra e assombram os vivos, especialmente os que lhes eram mais chegados: os parentes próximos.
- e) Como na maioria dos assombramentos por espíritos são acusados os parentes (mortos) que realizaram más partilhas, podemos inferir que nesta sociedade se considera que o infortúnio individual pode ter a sua origem em relações sociais defeituosas. Nesta comunidade, o círculo de sociabilidade onde as relações são mais intensas é o grupo doméstico, caracterizada por relações de reciprocidade generalizada (definição de Sahlins). Os outros círculos de sociabilidade mais densa são delimitados pelas relações entre parentes até ao 3º grau e entre vizinhos. Em qualquer destes grupos as relações são caracterizadas pela reciprocidade equilibrada. As causas do infortúnio apontadas anteriormente relacionam-se com os pontos de ruptura destes círculos de sociabilidade: o momento da divisão da casa original pelos herdeiros ou a possibilidade dos grupos domésticos vizinhos se atacarem entre si, recusando-se a manter as relações de cooperação e solidariedade que mantêm esta comunidade. As "bruxas"-curandeiras relacionam o infortúnio individual com os pontos estruturais de tensão social.
- f) Raramente estas "bruxas"-curandeiras acusam um actor social de ser o causador do infortúnio. Limitam-se a criar a imagem do vizinho invejoso ou a designar um ser cuja relação com o paciente está mediatizada pela morte, mas que com ele terá estabelecido uma relação de proximidade excessiva, traduzida no assombramento. Nos rituais realizados por estas pessoas, o infortúnio individual é relacionado com o mal estar virtual da sociedade e/ou com uma desordem cômica - a relação de proximidade excessiva entre mortos e vivos. A "bruxa"-curandeira realiza um ritual em que é restaurada simbolicamente a ordem social ou cômica, e consequentemente

será restabelecido o bem estar individual, numa sociedade que o conceptualiza como sendo dependente daquela.

- g) Note-se que apesar das "bruxas"-curandeiras apresentarem uma explicação e uma solução para o infortúnio, elas são apenas um dos meios à disposição dos actores sociais. Com efeito estes podem igualmente recorrer à Medicina ou à Religião. O recurso à "bruxa"-curandeira só é efectuado quando se considera que um determinado tipo de infortúnio é causado por uma relação social (ou com os mortos) perigosa e defeituosa.

BRUXAS DA SERRA

ESTUDO NUMA COMUNIDADE BEIRÃ

Trabalho realizado por
Clara Afonso de Azevedo de Carvalho
para a cadeira de Seminário de Investigação
do 4º ano da Licenciatura de Antropologia
F.C.S.H. - U.N.L.

Lisboa, Setembro de 1984

Este trabalho nunca teria sido possível sem a colaboração de todos os habitantes de Calhandra e de seis lisboetas: Celsa e Valentim, Maria, João, Manuel João e Luís.

A todos eles, muito obrigada.

INDICE

1. Introdução Pág 1.
 2. Cuidar-se entre si Pág 16.
 3. Do poder das "adivinhoas" Pág 37.
 4. Da inveja dos vizinhos aos ~~espíritos~~
espíritos dos parentes Pág 68.
 5. Conclusões Pág 108.
- Apêndice I: Dados complementares
sobre Mortágua e Calhandra. Pág 117.
- Apêndice II: Orações e "risponso" Pág 135.
- Apêndice III: Orações realizadas
pela exorcista Pág 145.
- Apêndice IV: Sessões da média Lúcia .. Pág 155.

1. INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é o estudo das manifestações do discurso da bruxaria numa pequena comunidade beirã situada nas faldas da serra do Caramulo. Nesta aldeia trabalham como "bruxas" cinco dos seus habitantes. Com este trabalho pretendi descrever os métodos utilizados por essas cinco pessoas e os mecanismos que levam a restante população a utilizar esse discurso. Não se trata aqui de um levantamento e análise das diversas figuras designadas pelo termo "bruxa", tal como foi realizado por Lisón - Tollosana no contexto galego (Tollosana, 1979 b)). Tão pouco pretendi proceder à análise exaustiva do simbolismo expresso nos objectos, termos e ritos utilizados pelas "bruxas".

O referente "bruxa" é utilizado em Antropologia para designar seres, reais ou imaginários, com poder ou conhecimento que lhes permite atacar outras pessoas por controlarem forças imateriais. Marwick dá a seguinte definição dos sistemas de bruxaria e feitiçaria:

" "Witchcraft" and "sorcery" are terms referring to closely related systems of belief of wide distribution among human societies. Common to the two systems, which often exist side by side in the same society, is the cardinal belief that certain members of the community harm their fellows illicitly by supernatural means." (Marwick, 1982: 11)

As cinco "bruxas" da aldeia utilizam "supernatural means" não para atacar os seus vizinhos mas para os defender. A sua actuação é sancionada pela comunidade e considerada benéfica. Neste sentido estes profissionais inserem-se na categoria mais vasta de "mágico", uma vez que se caracterizam por dominarem forças imateriais mas não por serem considerados perigosos para a sociedade (1). Defini-los com "bruxas" é não só incorrecto segundo a terminologia antropológica como segundo as designações locais. O termo "bruxa" é conotado negativamente pelo que o preteri a favor da designação local de "adivinhoas", utilizada de um modo mais neutro. Das cinco "adivinhoas" uma é homem, mas mantém a designação feminina pois assim é utilizada na comunidade.

Quatro destas pessoas assumem o poder de comunicar com os espíritos e os fazer falar através deles: são os chamados "espíritas" ou "médias". Uma das mulheres lê o futuro e a causa dos problemas em cartas e expulsa os espíritos que assombram pessoas, animais ou casas. Trabalha portanto como cartomante e exorcista.

(1) Marwick faz a seguinte definição sintética de "magia" e "mágico":

"This (magic) is a morally neutral term in the sense that magic may be used with or without social approval. It refers to the activities or craft of the magician, a person who, suitably prepared, performs rituals aimed at controlling impersonal supernatural forces held responsible for the succession of events. In these rituals, the magician manipulates material objects and substances, often having characteristics or origins symbolically related to the objectives desired while reciting an appropriate verbal formula" (id. ibidem: 12)

Os dados aqui apresentados foram obtidos durante 9 - 10 semanas de trabalho de campo, entre Abril de 1983 e Junho de 1984. Além de reunir diversos elementos de carácter geral, privilegiei a recolha de dados relativos aos processos caseiros de cura de doenças e às crenças e actos relacionados com a morte. No que respeita ao discurso da bruxaria utilizo aqui dados de três fontes: os que obtive junto das "bruxas", sobre o seu discurso e a sua actuação; as descrições das diversas sessões a que assisti e nas quais participavam maioritariamente pessoas estranhas à aldeia; e, ainda os relatos que os próprios habitantes da povoação me fizeram de situações em que recorreram à "bruxa" (1). Estes últimos dados exigem um pequeno reparo: nem sempre é fácil falar com as populações locais sobre os motivos que os levaram a recorrer à "bruxa". Se os assuntos que aí os levaram eram pouco importantes, tendem a ser esquecidos. No caso contrário, mais usual, as soluções apontadas pela bruxa envolvem dramas familiares e conflitos entre vizinhos que se pretendem esconder. Por outro lado o próprio discurso da bruxaria se condena ao ostracismo: em numerosas ocasiões ouvi comentar que "Quanto mais se anda por esses caminhos pior é. O melhor é nem falar disso que atrai a desgraça". Além disso todos têm a noção que o discurso da bruxaria é ridicularizado no exterior, especialmente nos meios urbanos e letrados.

(1) O mesmo método foi seguido por J. Favret-Saada na sua estadia de 30 meses no Bocage francês, onde estudou fenómenos de bruxaria e feitiçaria. (Favret-Saada, 1977)

As condições para poder referir o assunto nas conversas com os habitantes da aldeia passavam por estabelecer um pacto de amizade e confiança e por declarar que participava do mesmo sistema de crenças. Por estas razões os dados que aqui apresento relativamente à população são significativos, mas não exaustivos.

Um último grupo de dados foi obtido no exterior da povoação, quer contactando com alguns padres que me foram referidos como exorcistas, quer junto de pessoas que consultavam habitualmente outras "bruxas" da região e que me descreveram os métodos utilizados pelas últimas.

À povoação onde foi realizado este estudo dei o nome fictício de "Calhandra" por respeito para com os seus habitantes e porque tal me foi pedido expressamente pelas "adivinhoas". Modifiquei igualmente o nome de algumas das povoações vizinhas e o da sede de freguesia. Calhandra situa-se nos contrafortes do Caramulo, a poucos quilómetros do local em que esta serra dá lugar às planuras da Bairrada. Pertence à freguesia de Pinhais e situa-se no extremo noroeste do concelho de Mortágua, no limite sudoeste do distrito de Viseu. Neste concelho demarcam-se duas zonas distintas: o vale, zona de maior densidade populacional, explorações agrícolas de pequena e média dimensão e uma nítida estratificação social; e a zona de serra cujas povoações, com menor área de regadio, variam entre os dez e os trinta fogos, e onde só se encontra a pequena propriedade. Calhandra é uma povoação da serra de 81 habitantes distribuídos por 23 fogos que sobem ao longo duma encosta de acentuado declive. Ao fundo aglomeram-se as casas e os currais velhos, na sua maioria desocupados; a meia encosta estão as construções de pátio fechado com quinze a trinta anos; ao cimo espalham-se as casas recentes já com quintal circundante.

Possui electricidade desde Julho de 1983, diversos fontanários e um lavadouro público. É abastecida regularmente por um peixeiro e dois merceiros ambulantes, mas todos estes bens se podem obter na povoação vizinha de Linhares, a 1,5 quilómetros de distância. Também nesta povoação se encontra o telefone público e a escola primária e aí é feita a distribuição do correio. A igual distância de Calhandra, e desde 1975, passa uma estrada nacional onde os estudantes do ciclo apanham diariamente o transporte escolar. A restante população só pode utilizar a camioneta que os leva à feira quinzenal junto a Mortágua. Tanto a vila, onde se encontram diversos serviços especializados e bens diferenciados, como a sede de freguesia, Pinhais, distam 12 quilómetros por estrada, mas existe um caminho de 6 quilómetros em terra batida que liga Calhandra a Pinhais. Aqui se encontram a junta de freguesia, a igreja paroquial e o cemitério. Há meia dúzia de anos que não reside um padre na paróquia, sendo os serviços religiosos assegurados por um sacerdote do concelho ou por leigos. O ensino religioso é dado na escola primária de Linhares, mas a assistência à missa é bastante reduzida tanto em Calhandra como nas povoações vizinhas, igualmente distantes de Pinhais. Embora Calhandra, como as restantes povoações da serra, se encontra numa posição de relativa marginalidade em relação aos locais centrais de que está dependente (a sede de concelho e de freguesia), nela se fazem sentir os principais factores de mudança que afectaram toda a região: a florestação, a industrialização e a emigração. Actualmente em todas as casas pelo menos um dos seus membros trabalha ou trabalhou na indústria de abate de árvores. São os chamados madeireiros, pessoas que se dedicam ao corte, descasque e transporte dos pinheiros e eucaliptos que invadiram os antigos baldios. A maioria das empresas de madeireiros são dotadas de uma organização extremamente simples e podem-se limitar a possuir os moto-serras se não se encarregarem do transporte da madeira. A quantidade de produção e o carácter familiar destas empresas explica o seu rápido desenvolvimento. Também a emigração e a industrialização afectaram esta povoação e actualmente três dos seus membros trabalham em indústrias próximas, enquanto que dois são migrantes e 14 emigraram para a Venezuela, Luxemburgo ou França (destes três são crianças que foram com os pais).

A agricultura domina a economia local. As 21 casas usualmente habitadas dedicam-se à produção agrícola de autosubsistência, caracterizada pela policultura. Os excedentes provêm da venda de animais (gado bovino, caprino ou ovino), ou de madeira de pinheiro ou ainda de feijão em quantidades insignificantes (20 a 30 quilogramas anuais por casa). A cada casa corresponde habitualmente uma família nuclear, mas em alguns casos comporta também um elemento ascendente (progenitor viúvo) ou um casal descendente que ainda não construiu casa própria. A casa funciona como uma unidade de produção e consumo, realizando a maioria das tarefas agrícolas sozinha. A propriedade é pequena e extremamente fragmentada: a maioria das casas declararam possuir entre 7 e 30 terras de semeadura. Estes números não são em si significativos: as parcelas de terreno podem ter 3 e 4 metros quadrados, como acontece com as terras de horta. Na realidade 6 casas necessitam de arrendar terras para proverem às suas necessidades, e apenas duas têm terrenos arrendados. Além das terras de semeadura, todas as casas possuem pinhais e eucaliptais vulgarmente designados por "sortes". Sendo a madeira a principal fonte de excedentes desta zona, a riqueza real de cada casa é melhor expressa pela quantidade e tamanho de "sortes" que possui. As terras de semeadura dividem-se em terrenos de regadio e de sequeiro. Os primeiros encontram-se nos dois fundos vales que rodeiam a elevação onde se situa a povoação e, aí crescem, alternadamente, milho e forragem. Nos terrenos de sequeiro, mais altos e batidos pelo sol, semeiam-se batatas e cereais de sequeiro: aveia, centeio e milharada. Junto à povoação encontram-se as hortas e as árvores de fruto. O produto principal desta economia é o milho, base da alimentação humana e animal, logo seguido da batata e da forragem. Tanto esta como os cereais de sequeiro são destinados à alimentação animal. Todos estes produtos são cuidadas quase exclusivamente pelos membros da casa que em certas ocasiões do ciclo agrícola pedem ajuda aos vizinhos: esse é o caso das sementeiras, das ceifas, do arrancar das batatas e das espigas de milho, das desfolhadas, bem como das vindimas.

Cada povoação é organizada como um conjunto discreto de casas que possui um nome próprio e um território reconhecido pelos seus habitantes, que têm um sentimento de pertença a essa comunidade, chamando-se entre si de "vizinhos" e estabelecendo relações de cooperação padronizadas. As povoações não possuem uma identidade político-administrativa: perante a lei o órgão autárquico de base é a assembleia de freguesia - que elege a respectiva junta - e em cada freguesia estão incluídas diversas povoações. Após o 25 de Abril de 1974 a assembleia é eleita por sufrágio directo, tendo em conta o total populacional da freguesia e a representação partidária mas não a representação dos aglomerados que a compõem. Calhandra, como acontece com outras povoações, não tem representação na junta nem possui qualquer órgão político-administrativo interno.

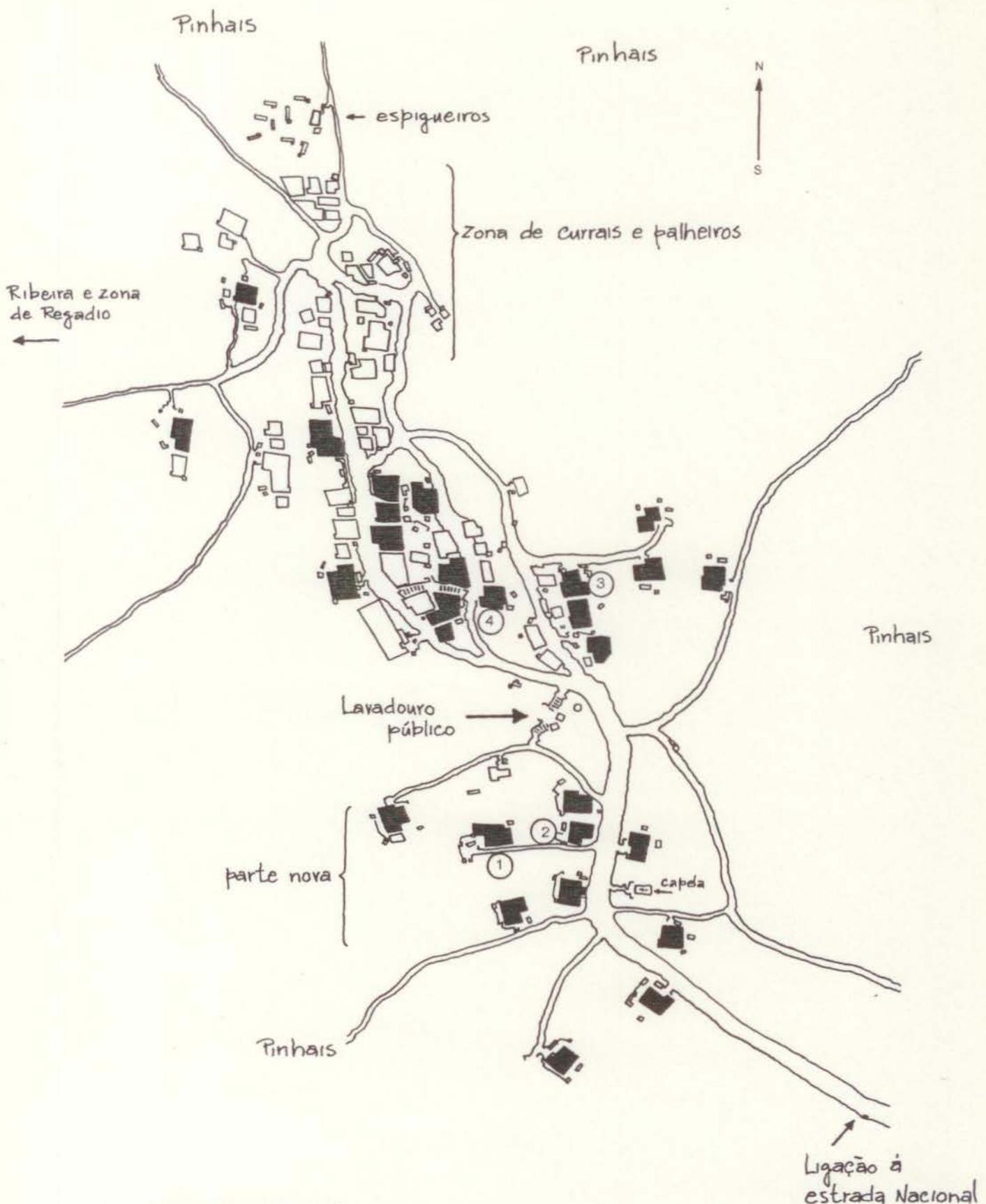
A identidade de cada povoação, apesar de não ser marcada a nível político, é-o a nível religioso, uma vez que cada aldeia possui uma capela, um santo patrono e uma festa própria. A comissão da festa (1) é também o único organismo administrativo interno estável. Calhandra é uma excepção a esta regra pois a sua capela é comum a Linhares, Maças de Cima, Maças de Baixo e Santo Amaro. A capela, cuja fundação data do início do milénio (2), situa-se nesta última povoação e é dedicada ao santo do mesmo nome.

- - - - -

(1) Composta por diversos mordomos e presidida por um juiz, cabe-lhe organizar as festividades e tomar conta da capela durante o ano.

(2) Ver Apêndice I

Em Santo Amaro existe também uma pequena capela dedicada a Nossa Senhora do Rosário, que é festejada no primeiro domingo de Outubro, embora com menos pompa que o santo patrono a 15 de Janeiro. Esta última festa reúne características das festas comunais e das romarias que se fazem a capelas isoladas. Tal como no caso das últimas, dura dois dias, ambos com missa, baile e arraial, e a ela acorrem numerosas pessoas exteriores ao concelho, a pagar promessas. Mas, tal como qualquer festa patronal, é organizada por uma comissão onde estão incluídos jovens das cinco povoações referidas. É ocasião para em cada casa destas aldeias se realizar uma refeição cerimoniosa (cujo custo orça, actualmente, entre 15 a 20 mil escudos) para a qual se convidam todos os parentes em segundo grau e alguns amigos. Esta é a única festa em que se convidam pessoas externas à aldeia. Todos os restantes momentos do calendário festivo (Natal, Reis, Carnaval, Páscoa, dia de Nossa Senhora do Rosário e dia de Todos os Santos) são festejados na intimidade da família. Só os jovens de cada aldeia se costumam reunir ou para realizarem uma refeição comum (dia de Reis) ou para as partidas carnavalescas ou ainda para os "tradicionais" jogos de futebol. Para além do momento da festa patronal ou, eventualmente, da cerimónia do "rito de passagem" de um dos seus membros, Calhandra vive entre si.



- . casas habitadas
- . casas abandonadas / palheiros
- 1 . Lúcia (espírita)
- 2 . Prazeres (espírita)
- 3 . Cilene (espírita)
- 4 . Natália (exorcista / cartomante)

*Povoação de Calhandra - (planta) *

Os cinco "profissionais" que actuam em Calhandra definem os casos que lhe são postos como "problemas de amor, saúde e dinheiro". Mais especificamente são casos de doenças humanas e animais, ou mal definidas - "perder as forças", "ficar prostrado", crianças que não "medram" ou que recusam os alimentos - ou graves e persistentes; casos de comportamentos estranhos, como seja por exemplo o de pessoas que se tornaram subitamente agressivas ou que começaram a ter medos nocturnos; casos de mortes repetidas de animais domésticos; casos de problemas conjugais ou amorosos; casos de negócios e empreendimentos individuais que correm mal e ainda de apreensão face a esses mesmos empreendimentos futuros como seja, por exemplo, a realização duma longa viagem, o que é vulgar nesta zona de emigração. São pois apresentados às adivinhoas os casos em que se introduziu uma alteração negativa no decurso esperado e considerado normal da vida, ou ainda os casos de grande expectativa face a um acontecimento, expectativa geradora de angústia. Estes problemas são encarados como tratando-se "má-sorte", a "má-fortuna", o infortúnio. Numa primeira aproximação poderíamos dizer que se recorre à "adivinha" em casos de infortúnio, seja para resolver o problema em si ou a angústia e apreensão por ele provocada. No entanto em Calhandra como em qualquer sociedade camponesa, que por definição se encontra integrada numa cultura e sociedade mais vastas, encontram-se outros meios de resolver os problemas de "saúde", amor e dinheiro". Vejamos o que acontece nesta povoação. Actualmente as doenças humanas podem ser tratadas por um médico da vila, seja a nível particular, seja através da Caixa de Previdência.

Mortágua possui um hospital concelhio, e as consultas da especialidade que aí não se encontram são ministradas em Coimbra, cidade cujo acesso sempre foi facilitado pela existência do caminho de ferro que passa tanto na sede do concelho como na sede da freguesia, Pinhais.

Na vila têm constantemente residido um ou mais médicos desde o século passado os quais, em caso de necessidade, subiam às aldeias da serra para atender os pacientes. Os habitantes mais velhos de Calhandra referem que sempre recorreram aos serviços do médico, embora a melhoria dos meios de comunicação e as facilidades de pagamento através da Caixa de Previdência tenham provocado um grande aumento na procura e utilização dos serviços médicos.

As mesmas facilidades não se encontram ao procurar os serviços veterinários. Desde a década de 50 que um veterinário se desloca três vezes por semana à vila concelhia, podendo ser chamado às casas de particulares. Mas os seus serviços só na última década têm sido mais requisitados pelas populações da serra. É hábito desde há gerações recorrer aos "capadores" em caso de doença no gado. Estes homens são negociantes locais em gado lanígero e caprino e possuem um saber empírico sobre as formas de tratamento das doenças de gado mais vulgares, conhecimento esse que vão passando de pai para filho. Se a sua actividade como negociantes decaiu desde que os rebanhos desapareceram por a zona de pastos ter sido transformada em floresta, os seus serviços de veterinária continuam a ser mais requisitados do que os do especialista.

A solução para o infortúnio pode ser procurada a um outro nível, o da religião, representada pela figura do padre. Junto deste as populações acorrem em busca de apoio moral e religioso e em busca de conselhos em momentos especiais da sua vida. Em Calhandra a assistência do pároco não é quotidiana, uma vez que a sede da sua paróquia dista de 6 quilómetros. Devido à distância a assistência à missa por parte das populações da serra é bastante reduzida. Salvo no dia de Todos os Santos ou na Quinta-Feira da Ascensão, em que se realizam as comunhões das crianças da catequese, ou ainda nos dias em que hajam missas por intenção das almas dos familiares mortos ou ainda em dias de baptizados, casamentos ou funerais, estas populações raramente vão à missa. Nos últimos anos a assistência religiosa tornou-se mais difícil pelo facto de Pinhais já não ter pároco residente e os serviços religiosos terem de ser prestados por um padre de outra freguesia. Mas apesar destas dificuldades persiste a imagem do padre como um conselheiro e um confessor, como um dos possíveis apoios em caso de contrariedade. Recorrer ao padre insere-se na busca duma solução para o infortúnio que passa por pedir a intervenção divina. Mais ainda do que os padres são os santos encarados como intermédios para se obter uma protecção. Ao longo de toda a vida eles são recorrentemente invocados em Calhandra, e são-lhes feitas numerosas promessas, algumas das quais implicam uma importante despesa monetária. Muitas vezes os indivíduos escrevem as suas promessas, que podem ser irrisórias mas deverão todas ser cumpridas. "Antes deixar a ladrão que dever a santo" diz o ditado, referindo-se ao facto de se crer que os santos nunca esquecem o não cumprimento de uma promessa. As orações, a par

participação em romarias e missas, as promessas a santos, são meios de pedir a intervenção divina para solucionar os casos de infortúnio. Face ao infortúnio esta população pode também recorrer aos meios da chamada Medicina "Popular", os quais são conhecidos da maioria dos habitantes desta comunidade. A Medicina "Popular" inclui desde processos de cura baseados no emprego de infusões até aqueles que^{se} inserem nítidamente no domínio dos processos mágicos. Aproxima-se do discurso da Medicina "Oficial" por ser o meio tradicional de resolver alguns dos problemas tratados por aquela. Por outro lado liga-se ao discurso das "adivinhaos" por utilizar algumas categorias de causalidade comuns (o infortúnio causado pela inveja dos vizinhos ou pelo espírito dos mortos) e ainda por ambos os discursos recorrerem a procedimentos mágicos. Tanto a Medicina "Popular" como as "adivinhaos" utilizam um discurso tradicional sobre as causas do infortúnio em geral e da doença em particular. Por essa razão inclui neste estudo uma descrição dos meios de Medicina "Popular" conhecidos em Calhandra.

Verifica-se que a definição do recurso às "adivinhaos" como um meio de resolver o infortúnio é manifestamente insuficiente. Esta população tem ao seu dispor outros discursos alternativos^{os} que lhe fornecem uma explicação do mal e apontam uma solução: A Medicina e a Religião. Se as "adivinhaos" dominam apenas um dos discursos utilizados para explicar e solucionar os casos de infortúnio, então qual é o seu campo de acção específico? Como se caracteriza o seu discurso?

Porque é o seu discurso plausível e pertinente para os seus pacientes? Qual é a importância das "adivinhaos" para esta comunidade? São estas as questões a que procurarei responder neste trabalho.

2. CUIDAR-SE ENTRE SI

Os estudos actuais sobre o modo como as pessoas resolvem os seus problemas de saúde revelam que estes são maioritariamente solucionados ao nível doméstico. É a zona do chamado "self-care", ou seja, dos cuidados de saúde efectuados em casa e segundo os conhecimentos do próprio ou de pessoas próximas (Serrano, 1984: 4). Esta designação refere implicitamente os analgésicos, calmantes, anti-inflamatórios, antibióticos e outros medicamentos que são utilizados sem se consultar previamente o médico. Mas muitas vezes as receitas empregues não implicam a utilização de medicamentos. Ao conjunto de conhecimentos tradicionais em que elas se inserem podemos designar por Medicina "Popular". Ao contrário da Medicina "Oficial", "científica", a Medicina "Popular" é geralmente encarada como um saber empírico e ineficaz.

Na realidade enquanto a Medicina "Oficial" privilegia os métodos de eficácia material, os conhecimentos tradicionais referem sobretudo meios de eficácia simbólica. No entanto o aspecto simbólico de muitas actuações médicas é hoje reconhecido e recorrentemente empregue, nomeadamente em Psiquiatria. Por outro lado a Medicina "Popular" prescreve a utilização de numerosas infusões e de unguentos cujo poder curativo é actualmente reconhecido.

.../...

Os tratamentos efectuados a nível doméstico em Calhandra inserem-se no contexto de Medicina "Popular". Estas prescrições são conhecidas na maioria das casas e aprendidas junto de vizinhos ou familiares quando delas se tem necessidade. A sua apresentação pode ser feita em três grupos:

- os tratamentos que se referem especificamente a doenças infantis;
- os que visam resolver as doenças de adultos em geral;
- os que se referem a "maleitas" cuja causa pode ser atribuída ao "mau-olhado" e ao "mal de inveja".

Embora a maioria das doenças de crianças sejam idênticas às dos adultos, são consideradas específicas deste grupo etário um conjunto de "maleitas" normalmente atribuídas ao comportamento de um tipo de lombrigas que só se desenvolvem em corpos infantis. Estes seres encontram-se normalmente nos intestinos, tal como as lombrigas vulgares, mas ao contrário destas últimas são pequenas e negras e podem-se passear por todo o organismo causando diversos distúrbios.

Os tratamentos utilizados para doenças atribuídas às lombrigas visam obrigá-las a permanecer no lugar que lhes é atribuído e impedi-las de se desenvolverem. Considera-se que elas mordem o cérebro das crianças provocando-lhes dores de cabeça, as quais se curam esfregando a testa do paciente com álcool e alho, pois o cheiro afasta-as. Se picarem a garganta provocam tosse e dá-se mel às crianças para acalmar as lombrigas. Quando as crianças sofrem de dores de barriga diz-se que trazem lombrigas no estômago. Neste caso devem usar um colar feito com alhos e folhas de lírio até a dor passar. O alho é utilizado porque o seu cheiro forte afasta os "bichos" mas a sua acção prolongada pode provocar febre, contra a qual o lírio é empregue como antídoto. As próprias lombrigas podem originar ataques de febre, especialmente nas "mudanças de lua" (lua nova). Contra a febre provocada por lombrigas sabe uma das mulheres da aldeia uma oração secreta que não deverá ser transmitida a mais de três pessoas sob o risco de perder a eficácia. Essa oração é dita em silêncio e no fim são escritas umas palavras, igualmente secretas, num papel que as crianças trarão ao pescoço até "sararem", sendo queimado de seguida.

.../...

Um outro método para curar a febre provocada pelas lombrigas consistia em recitar uma oração que as fazia aparecer nas costas do doente sob a forma de múltiplos pontos negros, seguidamente cortados com uma faca (1). Este método era do conhecimento exclusivo de uma habitante das redondezas, já falecida.

As doenças de adultos mais usuais são as constipações, febre, tosse, dores de ventre, indisposição, infecções cutâneas. O seu tratamento inclui diversas infusões, geralmente de ervas de definição popular (2).

Contra a constipação, febre e tosse utiliza-se uma infusão de erva terrestre, de erva molarinha, de erva "perna de perdiz" ou de flor de sabugueiro. Pode-se ainda dar ao paciente água com mel, pôr-lhe avenca sobre o peito ou banhá-lo dos pés aos joelhos em água a escaldar.

Para as "doenças de dentro", designando este termo todas as doenças que se manifestem por dores de ventre, utiliza-se uma infusão de rosas de Santa Maria.

.../...

(1) Entre os "Vaqueros de Alzada" nas Astúrias, o "mal de lombrigas" é atribuído a uns seres semelhantes aos que descrevi que se introduzem entre a pele e a carne de crianças até aos três anos. A inveja e o mau-olhado são consideradas as causas para a criança ter lombrigas. São cortadas com uma faca depois de com uma reza especial as terem feito surgir à superfície da pele. (Tomas, 1976).

(2) A utilização do termo "popular" remete-nos habitualmente para a oposição "popular" / "erudito" ou "popular" / "cidadino". Utilizo-o aqui para referir os termos empregues tradicionalmente e não oficialmente.

Quando é especificado tratar-se a "doença de dentro" de uma indisposição de estômago dá-se chá de marcelas apanhadas em dia de S. Pedro. Caso se desconfie de doença de fígado são empregues infusões de marcela ou de carqueja. Quanto às feridas, saram mais rápidamente quando lavadas em água de alecrim, de eucalipto ou de alcádia. Qualquer destes tratamentos continua a persistir ao lado dos analgésicos e outros medicamentos vulgarizados nos últimos anos.

Algumas doenças de sintomatologia mais complexa também têm tratamento específico. É o caso do "tresourelho" ou papeira que se curava passando gordura de galinha derretida - designada localmente por "enxunda" - nas partes magoadas. Este tratamento deixou de ser utilizado desde que se vulgarizaram as consultas médicas.

A urticária é ainda hoje em dia tratada passando-se azeite pela zona inflamada, vestindo o paciente uma camisa de homem e descansando.

Um outro tipo de infecção cutânea são erupções designadas por "cobrêlo" pois são atribuídas à peçonha deixada por uma cobra, sapo ou aranha nas roupas da pessoa afectada. No seu tratamento é utilizado azeite aquecido no qual se misturam cinzas de palhas de alho queimadas. Com uma pena de galinha negra vai-se passando este preparado em círculo sobre as zonas afectadas enquanto se diz:

" Se és cobra ou cobrêlo, sapo ou capêlo,
aranho ou aranhêlo, eu te corto a cabeça.

" Se és cobra ou cobrêlo, sapo ou sapêlo,
aranho ou aranhêlo, eu te corto o meiêlho

Se és cobra ou cobrêlo, sapo ou sapêlo,
aranho ou aranhêlo, eu te corto o rabo"

Entre cada frase reza-se um Pai Nosso e uma Avé Maria.

Esta operação repete-se até as borbulhas secarem, durante um número de dias ímpar.

.../...

Outra doença cutânea é a "zerpela" ou "feridas que não saram". No dicionário (Dicionário de Língua Portuguesa, Porto Editora - 5ª edição) a erisipela é definida como uma "doença muito contagiosa que se manifesta por inflamação na pele, provocada por uma infecção estreptocócica e designada também por "fogo de santo Antão". Cura-se com azeite amornado que se vai passando em torno da ferida com uma pena de galinha enquanto se diz:

- " - Donde vens S. Julião?
- Venho de Roma
- Que novidades por lá há?
- Muitas zerpelas e muitos zerpelões e muitas coisas ruins.
- Com que é que são cortadas?
- Com azeite de oliva e penas de galinha viva".

No fim cobre-se a ferida com o resto do azeite, reza-se um Pai Nosso, uma Ave Maria e uma Salve-Rainha em louvor de Nossa Senhora da Encarnação. Tal como acontecia para o "cobrelo", esta operação repete-se um número de dias ímpar até a ferida sarar.

A "trízia", doença definida localmente como sendo uma hepatite mas que o dicionário traduz por icterícia, manifesta-se com os sintomas de perda de apetite e um tom amarelado nos olhos. Cura-se com três pontas de alecrim que se vão passando, uma a uma, sobre a cara do paciente, em cruz, enquanto se repete:

- " - O que é que tem?
- Tenho trízia
- Corto trízia e aro todos os ares e malo todos os males"

.../...

No final reza-se um Pai Nosso, uma Avé Maria e uma Salvé Rainha e diz-se:

"Em louvor de Nossa Senhora da Encarnação,
que o teu corpo fique são."

Uma outra doença, designada por "espinhela caída", aproxima-se pelos seus sintomas das doenças psicossomáticas. Detecta-se quando o paciente fica sem forças para trabalhar e é atribuída ao facto de os ossos terem saído do seu sítio. Para a curar repete-se um dos dois encantamentos seguintes - ou ambos.

No primeiro caso o paciente deve dizer três vezes sem parar:

"Assim como o padre se veste e reveste e
vai para o altar, assim a minha espinhela
há-de voltar para o seu lugar"

A segunda opção deve ser dita por outra pessoa:

" Assim como F ... tem a espinhela caída,
ou o ventre entrevalado,
ou o braço ou perna deslocado,
ou as veias forçadas do seu sítio,
assim como todos os rios e fontes correm para o mar
assim as veias do seu corpo
hão-de voltar ao seu lugar"

Em qualquer dos casos reza-se no fim um Pai Nosso, uma Avé Maria e uma Salvé Rainha em louvor de Nossa Senhora da Encarnação.

O elemento comum a este conjunto de doenças é a sua origem orgânica ou causada pelo contacto nefasto com um animal (lombrigas negras e animais "peçonhentos"). Pelo contrário, considera-se que as doenças expostas de seguida são causadas pelo ataque (simbólico) de outra pessoa, o qual pode ser voluntário ou não. Os sintomas das "maleitas" inseridas neste grupo são geralmente mal definidas e assemelham-se aos das doenças de origem psicossomática. As doenças referidas são o "quebranto", o "aguado" e todas aquelas que são atribuídas ao "mau-olhado" ou ao "mal de inveja".

Designa-se por "ter o quebranto" às dores de cabeça repentinas que podem assolar qualquer pessoa (embora se considere serem as raparigas jovens mais susceptíveis de o apanhar). O "quebranto" é sempre "lançado" por um terceiro que pode ser ou um animal "peçonhento" com o qual o paciente se tenha cruzado, ou uma pessoa que "lance" o "mau-olhado".

Designa-se por "mau-olhado" o dom, ou a capacidade, de causar distúrbios aos outros apenas por os olhar. Pode tratar-se de um dom, inato e involuntário, ou de uma capacidade desenvolvida por pessoas caracterizadas como quezilentas e invejosas. Neste último caso insere-se na categoria mais vasta do "mal de inveja" que será descrito mais tarde. As pessoas inseridas na primeira classificação são caracterizadas por terem "a vista forte demais" e podem por vezes ser reconhecidas por uma mancha ocular com a forma da pata de um gato. Estas pessoas podem, com o olhar, causar os seguintes distúrbios:

- adoecer os animais
- impedir as crianças de crescerem
- "lançar quebranto", especialmente às crianças e raparigas jovens.

Considera-se no entanto que quem tem "a vista forte demais" consegue controlar o efeito nefasto do seu olhar se não trouxer "inveja no coração". Mas como ninguém pode estar absolutamente seguro de não atingir involuntariamente um ser mais frágil, deve-se sempre repetir a frase "Benza-te Deus" quando se vai visitar o filho pequeno ou o novo animal de um vizinho, como fórmula profilática.

Quando o mal já actuou e se desconfia deverem-se as dores de cabeça (e por vezes de ventre) ao quebranto, utiliza-se o seguinte processo: pega-se numa colher cheia de azeite, num prato de água e benzem-se, bem como ao paciente. De seguida diz-se:

" Deus te fez,
Deus te criou,
Deus te tire todo o mal que para ti entrou".

Verte-se o azeite sobre a água: se este se espalhar por toda a superfície, o paciente tem quebranto e o mesmo processo é repetido nove vezes para lho retirar.

Outro processo, utilizado sobretudo em crianças e animais, consiste em repetir o seguinte encantamento:

" Tens quebranto,
dois to deram,
três to tirarão,
é a Nossa Senhora e o Nosso Senhor e o
milagroso São João"

Simultaneamente vão-se fazendo cruces com a mão nas costas do ser atacado ou no lombo do animal. Esta operação repete-se três vezes durante três dias consecutivos. Em cada dia, no final, reza-se um Pai-Nosso, uma Avé Maria e uma Salvé-Rafinha e termina-se dizendo: "Eu peço à Nossa Senhora da Encarnação, por toda a morte de paixão, que isto seja o remédio para o teu corpo ficar são".

Tanto o mau-olhado como o "mal de inveja" podem tornar as crianças ou os animais "aguados". Diz-se que "aguou" um ser que deixa de comer e começa a definhar. Uma maneira de curar o "aguado" é repetir:

" Deus te desague, vai para quem te aguou;
 Deus te desinveja, vai para quem te invejou;
 Deus te desacanche, vai para quem te acanhou"

Entretanto faz-se três vezes o sinal da cruz nas costas da criança ou no lombo do animal.

Um outro meio é roubar 3, 5 ou 7 folhas nas hortas de igual número de vizinhos. Essas folhas são cozidas e passa-se a água sobre a criança ou o animal, recitando o seguinte:

" Se estás aguado eu te curo do aguamento,
 em louvor de Nossa Senhora e do Santíssimo Sacramento".

Deixam-se as folhas cozidas sobre a borrarha da lareira: em secando está a criança ou o animal curado. No final de qualquer uma das recitações reza-se, como habitualmente, um Pai-Nosso, uma Avé Maria e uma Salvé-Rainha em louvor de Nossa Senhora da Encarnação.

Em ambos os processos encontramos referências às relações negativizadas entre vizinhos. Na última estas são implícitamente expressas pelo acto de se roubar uma folha de couve a cada vizinho. Na primeira, há uma referência explícita à pessoa estranha que teria aguado, ou acanhado, ou invejado o ser doente. As relações de inveja entre vizinhos são quotidianamente referidas em Calhandra: é frequente que em família e nos encontros de mulheres nos fontanários

e no lavadouro público a conversa subitamente baixe de tom para declararem que um terceiro (agregado familiar ou mulher) é "invejoso" ou "lança pragas peçonhentas". Considera-se que uma pessoa invejosa ("que traga muita inveja e ganância no coração") e em especial com o dom de lançar pragas pode, só por o desejar "do coração", atacar os vizinhos. Esses ataques traduzem-se nos problemas que vão surgindo em casa da vítima: o gado adocece, as pessoas perdem vitalidade, em especial as mulheres grávidas e as crianças, a produção estraga-se. São particularmente sensíveis à inveja dos vizinhos (ou seja, são mais facilmente "empeçáveis") as pessoas "mais bondosas", "com o coração mais fraco, o espírito dói-lhes mais". Trata-se de pessoas generosas e caridosas para com os pobres, de pessoas que não podem ver sangue ou que se impressionam com a vista dos mortos. As crianças e as mulheres grávidas, são particularmente vulneráveis (1). A esta categoria de pessoas, com as suas características positivas de bondade e negativas de vulnerabilidade opõem-se as pessoas de "espírito forte", mais "afoitas", sem receio de andarem pelas ruas de noite, de matar animais, de se aproximarem dos mortos, mas que podem ter características agressivas para com os vizinhos. Este tipo de classificação não é, obviamente, empregue na caracterização de cada vizinho mas é explicitamente expressa no discurso dos habitantes de Calhandra.

- (1) A vulnerabilidade de crianças e mulheres grávidas é explicitamente apontada em casos de "aguamento" e mau-olhado. Além disso existem algumas proibições relacionadas com os mortos aplicadas apenas a estas pessoas. Considera-se que nenhuma pessoa, especialmente as crianças, deve estar deitada quando a urna contendo o corpo do defunto é levada para fora de casa, pois podem adoecer. As mulheres grávidas não devem participar em velórios, ver pessoas mortas e entrar em cemitérios pois o seu futuro filho poderá nascer com "ar de defunto", ou seja, ter um tom amarelado e não crescer. Neste caso as mães devem-se esconder junto ao caminho onde vai passar um cortejo fúnebre, e segurando a criança no alto dos seus braços repetirem três vezes:

"Baribundo (o morto) leva todo o mal do meu menino para o outro mundo".

Podemos perceber que, segundo esta classificação, a inveja entre vizinhos é vista como um ataque dos "invejosos" e "fortes" aos "bondosos", "honestos" e "fracos". (1)

Este ataque é encarado como um roubo, geralmente um roubo de energia vital. As duas fórmulas utilizadas na cura do "aguado" fazem referência a um contra-ataque simbólico a esse roubo. Na primeira reenvia-se o mal a quem o provocou com a ajuda divina, a qual vem sancionar um acto anteriormente considerado nefasto. Na segunda responde-se a um roubo (de força vital) com um outro roubo (de folhas de couve). Os elementos roubados são muito pouco valorizados nesta comunidade, pelo que o acto não pode ser conotado negativamente. Trata-se de um contra-ataque simbólico que, tal como no primeiro caso, é feito com as mesmas "armas".

Este procedimento (contra-ataque simbólico) é igualmente explícito nos encantamentos e defumadoiros utilizadas contra o "mal de inveja" em geral. As recitações, que devem ser ditas junto da pessoa ou animal "atacado" enquanto se faz o sinal da cruz, são as seguintes:

(1) Os aspectos de ordem sociológica do problema da inveja entre vizinhos serão referidos posteriormente.

" O sol nasce na serra e põe-se no mar,
 que de onde este mal veio para lá torne a voltar.
 Tens mau-olhado, eu to tirarei,
 com as três pessoas da Santíssima Trindade.
 Assim como elas querem e elas podem,
 que de onde este mal veio para lá torne.
 Assim como Nossa Senhora benzeu o seu amado filho,
 também te benzo para retirar o mal de inveja,
 e pragas rogadas e tudo quanto é mau para retirar
 e tudo há-de sarar. Amén".

Ou ainda:

" Se estás invejado, Deus te desinveja;
 Se estás amarrado, Deus te desamarre;
 Se estás enleado, Deus te desenleie.
 Que te deixem comer, que te deixem beber,
 que te deixem medrar,
 e que me deixem a minha vida governar.
 O mal que te botaram à mesma pessoa há-de voltar,
 com a graça de Deus e da Virgem Maria.
 Pelo divino amor do Deus, Pai-Nosso e
 Avé-Maria".

O único defumadoiro que é especificamente contra o mal de inveja efectua-se do seguinte modo: num qualquer recipiente não inflamável colocam-se cinco brasas em cruz e sobre elas cinco pontas de alecrim, de oliveira, de ruda, de mostarda, de mirra, de incenso, e cinco pedras de sal virgem. Sobre isto espalha-se um fio de azeite e com o preparado percorre-se a casa ou o curral dizendo simultaneamente:

" Benza-te Deus, benza-te Deus, benza-te Deus,
 e Jesus, e o santo nome de Jesus.
 Onde eu puser as minhas mãos (1)
 que eu ponha a minha divina virtude.
 As pessoas da Santíssima Trindade são três,
 assim como elas querem e elas podem,
 que de onde este mal veio para lá torne,
 e tem que tornar.
 Nossa Senhora no Egipto passou,
 e três pernadinhas de alecrim cortou,
 e o seu bendito filho defumou,
 defumou-o em cruz para cheirar.
 Também eu te defumo
 para todo o mal de inveja de aqui retirar
 Regista magista, regista magista, regista magista,
 S. Pedro e S. Paulo e S. João Baptista,
 que nos guarde de noite e de dia,
 e quanto à volta de minha casa avista.
 Amén "

Após isto rezam-se três Pai-Nossos, três Avé-Marias e uma Salvé-Rainha.
 As cinzas do defumadoiro devem ser lançadas em água corrente.
 Os defumadoiros são também, e sobretudo, utilizados quando a causa do infortúnio
 é atribuída à acção nefasta do espírito dos mortos. Nesse caso faz-se o mesmo
 defumadoiro (ou uma variante com menos elementos: o que importa é que sejam
 em número ímpar) utilizando-se a seguinte recitação:

(1) colocam-se as mãos sobre o ser atacado

" Em nome de Deus e do Santíssimo Sacramento do altar,
a minha casa vou benzer e defumar,
para todo o mal que nela andar se afastar
em nome de Deus e do Santíssimo Sacramento do altar "

Com o defumadoiro vai-se fazendo o sinal da cruz, enquanto esta recitação é repetida três vezes em cada aposento. No final reza-se três vezes o Credo. No final deste defumadoiro, e para incrementar a sua eficácia esconjuradora, pode-se repetir três vezes o seguinte dito:

" Reco eterno, édoni édonis, és perpétuo e lissódis.
Nós rezamos e esconjuramos se não safres daqui.
Credo, Abrenfúcio, Santo Nome de Jesus "

Este conjunto de processos corresponde à globalidade dos tratamentos baseados na Medicina "Popular" e utilizados a nível doméstico em Calhandra. As doenças a que se referem têm uma definição tradicional, o mesmo acontecendo com as causas que lhes são apontadas. No que respeita às explicações causais delineam-se três grandes grupos.

Um grupo de doenças, de sintomas bem especificados, a que são atribuídas causas orgânicas: é o caso das constipações, tosse, febre, dores de barriga em geral (também designadas por "doenças de dentro"), feridas, urticária, "trízia" ou icterícia, sarampo, "tresorelho" ou papeira, a "espinhela caída". Neste grupo os processos de cura vão dos meios que possuem uma eficácia ao nível fisiológico ou agem como placebos (as diversas infusões; a utilização de gorduras aquecidas) até à utilização de uma eficácia de ordem simbólica, expressa no recurso a meios conotados com uma certa força (o cobertor vermelho contra as borbulhas do sarampo; a camisa de homem, que apela à força masculina, contra a urticária) e das diversas recitações.

A mesma variância no tipo de eficácia dos meios de cura encontra-se ao nível dum segundo grupo de doenças, aquelas a que é atribuída como causa a acção nociva dum animal: as lombrigas negras no caso das doenças de crianças, os animais "peçonhentos" no caso do cobrêlo. Um terceiro grupo de doenças, todas com sintomas pouco definidos e bastante latos, são atribuídas à acção nefasta seja de vizinhos seja dos espíritos dos mortos; neste último grupo são utilizados predominantemente meios de eficácia simbólica.

A maioria destes processos implicam a criação dum pequeno ritual, no sentido em que por intermédio duma série de actos e de uma pequena recitação se isola um determinado dado da experiência - o mal de que o paciente sofre -, se refere a causa apontada desse mal e se tenta modificar o estado do paciente. Esta série de actos incluem sempre uma ou mais referências religiosas (acto de realizar o sinal da cruz com o alecrim, no caso da trfzia; com os defumadoiros, ou com a mão, quando a causa do infortúnio é atribuída à inveja dos vizinhos; invocação directa do nome de Deus, da Virgem, de Cristo ou de um santo; realização sistemática das orações mais usuais, as chamadas "rezas da catequese", dedicadas a Nossa Senhora da Encarnação, no final deste conjunto de actos). Numa sociedade em que a influência da religião católica se sente quotidianamente, onde em qualquer casa existem imagens religiosas e em algumas ainda se pede a benção divina para o comer quotidiano, onde os grandes momentos da vida de cada um são marcados religiosamente (o baptizado, a primeira comunhão, o casamento, o funeral), a invocação da protecção e intervenção divina confere um carácter sagrado a este conjunto de actos. Assegura-lhes a credibilidade que em parte já lhes é concedida por se tratarem de processos sancionados pela tradição. O paciente terá tanto mais tendência a acreditar no processo quanto, para além de saber que já se revelou eficaz com um seu familiar ou vizinho, ao longo do ritual é pedida a protecção divina.

Apesar das múltiplas referências a divindades católicas estes rituais não são sancionados pela religião oficial e seus representantes.

As suas características de busca de eficácia imediata através do apelo duma força imaterial que se pretende que produza efeitos materiais inserem-nos no conjunto de actos a que desde Mauss se chamam de actos mágicos (Mauss, 1974). Vejamos, mais detalhadamente, qual é a forma destas recitações. No caso da "trízia" e do "cobrelo" há uma descrição do acto que se pretende realizar, e esse poder é atribuído à pessoa que cuida do paciente. Contra a "erisipela" é invocado S. Julião para sancionar o acto simultâneo, de passar azeite sobre as feridas. A esta descrição junta-se a comparação ou com os actos do padre ou com o trajecto da água dos rios e fontes no caso da "espinhela caída".

Na primeira recitação contra o aguado é directamente invocado o poder divino para retirar o mal e contra-atacar o ser causador. Também nos ditos utilizados em caso de quebranto é invocado o poder de Deus, ou ainda o da Virgem, de Cristo e de um santo adjectivado de "milagroso". O mesmo acontece na segunda recitação contra o "mal de inveja". Os outros ditos contra o mesmo mal incluem, além da descrição do acto a realizar e invocação do poder divino, uma comparação com o trajecto do sol e com os actos de Nossa Senhora. No caso da recitação que é feita conjuntamente com um defumadoiro é utilizada a expressão "regista magista". Tal como as expressões utilizadas como esconjuramento tratam-se de expressões latinas deformadas, provavelmente retiradas da liturgia católica pré-conciliar.

Estas mesmas categorias formais do discurso foram encontradas por Tzvetan Todorov na sua análise das fórmulas mágicas do folclore francês recolhidas por Arnold Van Gennep. Considera que o enunciado mágico contém três partes distintas: a invocação, que contém toda a informação sobre o acto mágico a realizar, a que correspondem a descrição do acto e a invocação do poder religioso das fórmulas aqui apresentadas: a comparação, que como a designação indica compara o acontecimento presente com outro mítico, ou, neste caso, com fenómenos naturais e imutáveis (o trajecto do sol e das águas de rios e fontes); e finalmente a encantação ou proposição aparentemente incom

preensível composta de nomes latinos deformados (1) que aqui aparecem em dois casos. Note-se que segundo esta divisão das grandes categorias formais que se encontram no texto dos encantamentos, estas são tanto mais elaboradas quanto as causas apontadas para o mal não são naturais ou orgânicas mas do domínio das relações sociais: o mau-olhado, a inveja.

Todos os processos aqui descritos são conhecidos e utilizados a nível doméstico, inserindo-se como tal na categoria dos "ritos mágicos que podem ser cumpridos por não-especialistas" referidos por Mauss. Este autor especificou que tais ritos consistem em " (...) as receitas da benzedeira na medicina mágica, e todas aquelas práticas do campo que podem ser executadas no curso da vida agrícola; igualmente, os ritos de caça ou de pesca, de modo geral, parecem estar ao alcance de qualquer pessoa." (Mauss, 1974: 55)

No entanto o próprio autor refere que nem todos os indivíduos conhecem e praticam estes ritos, sendo especialmente indicadas para tais funções os chefes de família e as donas de casa.

- (1) A utilização, por parte dos mágicos, de uma linguagem diferente, incompreensível, de uma não-linguagem, foi assinalada por Mauss:

" Os encantamentos são feitos numa linguagem especial, que é a linguagem dos deuses, dos espíritos, da magia. (...).
A magia falou em sânscrito na Índia dos prácritos, em egípcio e hebreu no mundo grego, em grego no mundo latino e em latim entre nós. Em toda a parte ele procura o arcaísmo, os termos estranhos, incompreensíveis." (Mauss, 1974: 87)

Em Calhandra este é um saber exclusivamente feminino, reservado em especial às mulheres mais velhas. As receitas passam de mãe para filha ou são obtidas junto dum familiar ou vizinha quando necessário fôr.

Este tipo de práticas podem ser consideradas uma extensão das suas responsabilidades domésticas. Além de fazer a comida, cuidar da roupa da família, cuidar da casa, tratar dos filhos, ir buscar erva ou palha para os animais, "fazer a panela aos porcos", são ainda elas quem cuida dos doentes e que vão, amortalhadas ou de vela na mão, cumprir promessas pela saúde dos seus à capela dos santos. São pois as mulheres as responsáveis pelos cuidados quotidianos para com a família, na saúde ou na doença, e que como tal deverão conhecer as receitas e fórmulas a utilizar para solucionar os pequenos infortúnios.

No entanto esta explicação não dá conta de todos os aspectos da preferência por figuras femininas, em especial de mulheres mais velhas como depositárias deste saber. Já Mauss apontava as mulheres como um dos grupos de pessoas que mais facilmente podiam encarnar a figura do mágico devido aos "sentimentos sociais de que são objecto":

" Os períodos críticos de sua vida provocam espanto e apreensões que lhes conferem uma posição especial. Ora, é precisamente na altura da nubilidade, durante as regras, quando da gestação e do parto, após a menopausa, que as virtudes mágicas das mulheres atingem maior intensidade. É sobretudo então que se julga que elas facilitam meios de acção para a magia ou que sejam as agentes propriamente ditas. As velhas são feiticeiras; as jovens são auxiliares preciosas; o sangue das menstruações e outros produtos são especificidades geralmente utilizadas (...) Mas, mesmo fora das épocas críticas, que tomam uma parte tão grande da existência delas, as mulheres são objecto ou de superstições, ou de prescrições jurídicas e religiosas que marcam claramente que elas formam uma classe interior da sociedade "

Em Calhandra todas as mulheres conhecem e utilizam as mezinhas e pequenas receitas que expus, mas para os processos que implicam o recitar de um encantamento recorre-se preferencialmente a três mulheres que apresentam certos traços diferenciais. São duas mães solteiras com 55 e 60 anos, e uma mulher casada de 68 anos. Qualquer destas mulheres manifestou já crises histéricas, todas consultam vulgarmente as "adivinhaas". Uma é filha de uma mulher, já falecida, que passou sete anos paralisada no seu leito. Outra é filha de um homicida.

São estas as mulheres depositárias do conhecimento sobre encantamentos (1) e sobretudo aquelas a quem se recorre preferencialmente para os realizarem mesmo que o próprio os conheça. Considera-se que elas são mais eficazes pois "têm mais fé". As suas características de mulheres mais velhas e que não se casaram ou que manifestam comportamentos histéricos, bem como o facto de consultarem frequentemente as "adivinhaas" (mesmo anteriormente à existência destas na aldeia), conferem-lhes uma aura de mistério, de marginalidade. Esta imagem contribui para que sejam elas as depositárias e executantes preferenciais dos encantamentos em que abundam referências não só religiosas como à vontade e poder de quem as executa (são ditas na primeira pessoa do singular). Quando as fórmulas destes processos implicam a invocação de seres divinos, de forças imateriais, como principais agentes na resolução do infortúnio procura-se uma pessoa com maior aptidão para as realizar.

Devem-se referir, por último, as orações que são utilizadas, esporadicamente, a nível doméstico.

(1) Se exceptuarmos as "adivinhaas"

O conjunto das orações, que são apresentadas em apêndice, caracteriza-se por todas elas serem consideradas como um meio para atingir um fim específico. Mais do que um meio de comunicar com a divindade elas são um instrumento para invocar os santos para realizarem um determinado acto. São pois utilizadas como encantamentos. Estas orações são dedicadas a S. Justo Juz de Nazaré, para interceder e proteger em casos de justiça; a Santo António para se achar objectos perdidos ou roubados; e a São Bartolomeu e a S. Custódio invocando protecção nas ocasiões em que se teme algo, pois ambos os santos, segundo a lenda, venceram o Diabo.

3. DO PODER DAS "ADIVINHOAS"

Quando os meios da medicina e magia caseira falham ou quando o infortúnio é julgado duma gravidade que os ultrapassa, a procura duma solução ultrapassa o nível do "self-care" e recorre-se aos profissionais: o médico, o padre e a "adivinha". Pelo que pude observar o padre é sempre um último recurso: a maioria dos problemas são apresentados ao médico, à "adivinha", ou a ambos. Muitas vezes confirma-se junto da "adivinha" o diagnóstico do médico ou procura-se que ela dê uma previsão sobre a evolução da doença quando o médico a tal se recusou. Ou então recorre-se primeiro à "adivinha" para que esta descubra a causa de um infortúnio que se manifestou por um qualquer mal estar físico, e só no caso de esta afirmar tratar-se de "doença de médico" se procura o profissional de saúde. O problema que aqui se coloca é de definir quem são as "adivinhoas", como actúan e que tipo de saber, ou poder, possuem, que lhes permita resolver situações de infortúnio.

A existência de "adivinhoas" na região não é recente nem se limita apenas a Calhandra. Os seus métodos de trabalho também são diversificados como veremos. Na lista seguinte são

indicadas todas as "adivinhoas" que em alguma época foram conhecidas dos habitantes de Calhandria (1).

Trabalharam como espíritas, ou seja, como pessoas que têm o poder de contactar com os espíritos dos mortos e fazê-los falar por seu intermédio, cinco mulheres e um homem, as primeiras no Lorvão, em Vale de Boi (Anadia), em Janardo (Paredes de Guardão) em Caparrosinha (Mortágua) e na Póvoa do Salgueiro. O homem trabalhava no Lombo de Deus, junto a Coimbra. Actualmente encontram-se mulheres que exercem como espíritas ou "médias" (como são designadas localmente) em Boialvo (Anadia), em Treixedo, junto ao Carregal do Sal, na Gestosa e em Pinheiro, localidades próximas de Santa Comba Dão; em Sequins e na Giesta (Anadia) e ainda no Castelo, junto a Mogofores, em Horta (Mealhada) e na Póvoa de Salgueiros. Trabalham lendo ou o futuro ou a causa do infortúnio em cartas e ainda realizando encantamentos para afastar o mal, uma mulher na Pampilhosa, analfabeta, que considera que nasceu com esse dom e outra na Lameira do Luso, que aprendeu com a avó. Deste modo trabalhou um homem que residia na Cerca, perto de Avelãs do Caminho. Além destes foram referenciados ervanários (homens) em Coimbra, Moimenta da Beira e no Carregal do Sal, e ainda pessoas cujo método de trabalho não foi especificado em Aradas⁽²⁾ e em Treixedo⁽²⁾. Foi referida uma exorcista de perto de Aveiro e duas mulheres que sabiam adivinhar o futu

(1) Note-se que algumas das pessoas apontadas são do sexo masculino sendo nesse caso designados por "bruxos" ou por "um homem que trabalha nessas coisas". Como não há nenhuma designação no plural para designar estas pessoas e a maioria são mulheres, mantenho o termo "adivinhoas" para designar o conjunto.

(2) Concelho de Santa Comba-Dão

ro e o mal vendo-os num copo de água em Moínhos (Penacova) e em Chêlo, no mesmo concelho. Ou seja, encontramos um total de 21 pessoas que ~~de têm~~ o poder de adivinhar a causa do infortúnio e de três ervanários todos residentes num raio de 50 quilómetros em relação a Calhandra.

Nesta povoação exercem actualmente, cinco espíritas (quatro mulheres e um homem) e uma cartomante que trabalha simultaneamente como exorcista. Note-se que na lista apresentada 19 pessoas trabalhavam segundo um destes três métodos, pelo que as "adivinhoas" de Calhandra se podem considerar representativas das mulheres - e homens - "de virtude" desta zona do centro do País. Além disso algumas das pessoas referidas nesta lista, já falecidas, exerciam a sua actividade há mais de 60 anos segundo as referências que me foram dadas, o que é um facto significativo do enraizamento que este discurso tem na zona. Aliás as médias são pessoas que ficaram possesadas pelos espíritos dos mortos e por cuja boca estes vêm falar sempre que interpeladas e inserem-se na categoria dos "corpos abertos" ou "moradas abertas" referidas por Leite de Vasconcelos para várias regiões do País (Vasconcelos: 1980) e por Lisón Tollosana no contexto galego (Tollosana: 1979) como "corpo aberto" ou "corpo santo"



Localização segundo Leite de Vasconcelos
de algumas povoações onde é utilizado
o termo "adivinhoas"

Subjacente à definição de espírito ou "corpo+aberto" está a crença na possibilidade de intervenção das almas dos mortos junto dos vivos (1). Considera-se que qualquer criança, desde a sua concepção, possui uma alma ou espírito (2). Durante a sua passagem pela terra os espíritos realizam um certo número de pecados que começam logo no acto de mamar o leite da mãe (3). Após a morte os espíritos podem ir para o Inferno, Purgatório ou Céu consoante os pecados que cometeram. As almas do Inferno são os "espíritos maus" que por vezes "sobem à terra" e se "encostam" deliberadamente aos vivos levando-os a perder o controle sobre as suas acções e a cometerem suicídios, homicídios, ou a serem responsáveis por desastres mortais de via. Tudo o que os vivos devem fazer quando importunados por um "espírito mau" é exorcitá-lo ou através dum dos defumadoiros que já descrevi ou recorrendo a um exorcista, sendo esta solução dotada de maior eficácia.

A maioria das almas têm de ficar a penar no Purgatório o que equivale a andarem errantes sobre a Terra até lhes ser concedida a ascensão ao Céu. São estes os espíritos que geralmente

-
- (1) Leite de Vasconcelos define "morada aberta" como "A alma dum pessoa que morreu sem cumprir certas promessas religiosas entra no corpo dum pessoa fraca" (Vasconcelos, 1980: 450). Ver a propósito deste conceito de "pessoa fraca", a definição local de pessoas "fracas" e "fortes" que apresentei no capítulo anterior
- (2) Os sonhos são dados como prova de qualquer pessoa possuir uma alma pois considera-se que são os passeios que o espírito dá enquanto o corpo dorme.
- (3) Para a Igreja Católica o acto de mamar não é pecaminoso.

se encostam aos vivos ou porque se sentem melhor ou porque lhes querem pedir perdão por algum acto realizado em vida (ver Anexo III). São os espíritos dos suicidas, dos homicidas, dos ladrões, dos que mudaram marcas (1), sendo estes considerados os crimes mais graves, em que não é claramente definido se os espíritos têm ou não salvação, ou seja, se vão para o Inferno ou para o Purgatório. Outros "crimes" são o ter favorecido um(s) herdeiro(s) em detrimento dos outros; ter deixado dívidas para saldar; promessas a santos para pagar; não ter perdoado ou não ter sido perdoado por pessoas com quem se mantinha um contencioso nos últimos tempos de vida. Este tipo de ideias sobre o pecado relacionam-se com uma concepção da "boa" e da "má" morte, segundo a qual morrer bem é falecer em casa, rodeado pela família (que deverá providenciar um enterro condigno e católico, mandar rezar missas pela alma do falecido, lembrá-lo nas suas orações e cuidar-lhe da campa) depois de ter saldado todas as dívidas a vivos e a santos e de ter perdoado e ter sido perdoado por qualquer pessoa com quem mantivesse um contencioso. De acordo com esta concepção são também correntes as referências a aparições a almas dos que tiveram uma má morte, dos que morreram longe da família, especialmente de desastre e que deixaram alguma dívida por saldar ou alguma contenda por resolver. Estas almas podem ser afastadas da casa ou dos currais com um defumadoiro, mas se o infortúnio que a sua presença causa persistir deve-se procurar saber, através duma espírita, o

(1) A importância do acto de mudar as marcas que delimitam os terrenos de cada proprietário é recorrente em diversas zonas de minifúndio, onde se considera que estas pessoas se transformam depois da morte, em almas penadas que ficam sobre a Terra para pedir perdão pelo acto realizado. Este caso é referido por Patricia Goldey para o contexto minhoto (Goldey,), por Lisón Tollosana para o contexto galego (Tollosana, 1979) e por Maria Catedra Tomas nas Astúrias (Tomas, 1976)

que pretendem. Geralmente vêm pedir ou o perdão dos vivos e/ ou missas por sua intenção ou ainda dedicadas a um santo a quem deviam promessas; o que lhes permitirá ascenderem mais rapidamente ao Céu e ao descanso eterno. Em troca, estes espíritos vão proteger a pessoa que por elas interviu dos "ataques" dos "espíritos maus". Quanto às almas que já se encontram no Céu, estas só intervêm junto dos vivos para os proteger, em especial aos seus familiares.

Esta definição da alma e da vida depois da morte aproxima-se do que é consignado pela Igreja Católica mas não lhe corresponde totalmente. Segundo a religião católica, qualquer pessoa possui uma alma desde o momento da sua concepção.

Logo após a morte as almas comparecem perante Deus, ou seja, são iluminadas e inteiradas do seu destino. O inferno é o desespero de se ser eternamente privado da visão de Deus depois de O ter conhecido após a morte. O Purgatório é o desespero pela privação temporária dessa visão. Essa privação será maior ou menor consoante os pecados cometidos em vida, ou seja, é um tempo de castigo e purificação.

As almas do Purgatório são passivas e só os vivos podem realizar actos que reduzam o seu tempo de privação. Esses actos consistem em esmolas, realização de missas por intenção e oração. Uma vez no Céu, ou seja, privando no espaço dos santos, as almas podem interceder junto de Deus pelos vivos.

Por definição Céu, Purgatório ou Inferno não correspondem a nenhum espaço físico, e essa noção só é introduzida com valor me-

tafórico. As intervenções das almas junto dos vivos realizam-se de dois modos: ou quando as almas do Céu intercedem junto de Deus, ou por intervenção directa dos demónios. Estas últimas intervenções são astuciosas, muito complexas e raras, não correspondendo ao que na visão popular é considerado estado de possessão (1).

Mas, segundo a concepção predominante em Calhandra, as almas do Purgatório e os "espíritos maus" encontram-se a penar sobre a Terra e podem intervir junto dos vivos. Na maioria dos casos "encostam-se" a pessoas e animais causando-lhes distúrbios graves.

Há momentos específicos em que os indivíduos são mais vulneráveis (ou por atravessarem uma crise de vida, ou por se encontrarem enfraquecidos fisicamente ou ainda por terem um sobresalto nocturno sem causa aparente) e os espíritos podem "entrar" neles, aniquilando-lhes temporariamente a consciência. Este estado é conhecido por "ficar com a morada aberta". Uma pessoa nestas condições fica possessa de qualquer espírito que dela se "abeire", seja ele "bom" ou "mau". Enquanto ser possesso pode manifestar um dos seguintes comportamentos: tentativas de homicídio, crises histéricas e "desmaios espirituais" (2). Nestas si-

 (1) Segundo informação do prior de Mortágua.

(2) São assim designados os estados de prostração.

tuações as pessoas são levadas a um(a) exorcista ou a um padre para que lhes retire o espírito e lhes "feche a morada". Mas aqueles "que têm o destino de trabalhar" (1) ninguém lhes consegue "fechar a morada" e só encontrarão sossego quando deles se apossar um espírito bom que se tornará o seu "guia". Nesta ocasião essas pessoas tornam-se espíritas.

Em Calhandra, entre 8 a 9 anos atrás, três mulheres passaram por este processo e tornaram-se médias. São elas uma rapariga de uma família considerada rica segundo os padrões locais, que tinha nessa altura 19 anos; uma mulher que acabava de enviudar, com pouco mais de 50 anos de idade; a nora desta, mulher jovem e com filhos pequenos. A família destas duas últimas mulheres é considerada "honestas", ou seja, situa-se no nível intermédio do padrão de riqueza. Há três anos uma outra mulher, uma das mais pobres da aldeia e que enviuvou cedo, passou pelo mesmo processo e tomou como guia S. Cipriano pelo que aprendeu no livro do dito a ler nas cartas e a realizar exorcismos. No princípio da sua actividade tratou um homem de cinquenta anos, retornado, originário do Caramulo, com quem vive actualmente. Esse homem começou a trabalhar como espírita desde 1983. Vejamos mais detalhadamente como ocorreu esta transformação. Em 1975 a primeira pessoa a ter a "morada aberta", nessa altura uma jovem de 19 anos, andava a enxertar videiras com a sua família quando perdeu a visão e desmaiou. O médico diagnosticou a cólera, de que houve um surto endémico nesse ano. A rapariga ficou algum

 (1) Trabalhar como "adivinhaos"

tempo na cama recusando-se a ingerir qualquer alimento e a tomar os medicamentos porque, segundo a interpretação que hoje faz, os espíritos maus que a possuíam tal não a deixavam fazer. Os pais levaram-na à espírita de Boialvo, localidade que dista cerca de 15 quilómetros de Calhandra e cuja média é originária desta povoação. Aí a guia, Santa Maria Adelaide (1), declarou que a rapariga tinha a "morada aberta" e seria necessário fazer-lhe umas "rezas" (2) para a fechar. Mal chegou a casa voltou a ficar prostrada, ou seja, novamente com a "morada aberta" e possessa pelos espíritos. Este processo repetiu-se várias vezes mas a rapariga, sistematicamente, tornava a ficar possessa, ora não dando acordo de si, ora manifestando uma força e poderes desconhecidos. Conta como exemplo que um seu cunhado, emigrante, a levou de carro ao Santuário de Fátima. Possuída por um espírito "mau" ela não queria aí chegar e bastou-lhe desejá-lo para que o carro se avariasse.

Na impossibilidade de a tratar, a espírita de Boialvo levou-a uma outra média em Sequins, cuja guia, Santa Teresinha, lhe declarou que ela teria de trabalhar como média. Começou então o longo processo de "cultivar a morada" e que consiste em conseguir controlar os estados de possessão, na impossibilidade de "fechar a morada".

- (1) Não se trata efectivamente de uma santa pois não foi canonizada pela Igreja mas é alvo da devoção popular e realizam-se numerosas peregrinações ao seu túmulo.
- (2) Os encantamentos, do género dos que foram expostos no capítulo anterior, são designados localmente por "rezas".

Ficou a residir com a espírita de Boialvo, a qual lhe ensinou algumas "rezas" que a faziam sentir-se melhor e com quem fazia a "descarga" cada vez que os espíritos a atacavam. "Fazer descarga" consiste em passar o(s) espírito(s) que atormentam uma pessoa com a "morada aberta" para outra com a "morada cultivada" que, como tal, os poderá enviar embora. Quando voltou para casa falou pela boca o espírito de um irmão falecido num acidente da guerra colonial, que declarou que a irmã se iria curar e que ele a protegia. Como em qualquer outra ocasião em que está em estado de possessão, o que equivale a que a sua alma e o seu estado de consciência sejam temporariamente aniquiladas pelo espírito, a rapariga não se lembra de nada do que se passou. A alma deste irmão falecido assumiu-se como o seu primeiro guia, evitando que ela fosse possuída por espíritos errantes a não ser quando os chamasse. Uma espírita possui sempre um guia e só a ele consegue chamar. Esse guia serve de mediador que depois trará qualquer espírito com que se deseje comunicar, o que implica que desde o momento em que "o guia desce" os ataques de possessão cessam quase totalmente. Nessa altura a rapariga voltou a Boialvo para completar a sua iniciação. Residiu aí durante três meses, colaborando nas sessões da espírita local. Quando voltou trazia como guias o "irmão soldado" (assim lhe chama) e Santa Maria Adelaide, e começou então a dar consultas.

O processo, ou crise - pois é vivido pelos protagonistas como uma crise de vida - atravessado por esta rapariga até se tornar "média" é muito semelhante ao que foi seguido pelas restantes adivinhoas de Calhandra. Estas últimas apresentam contudo algumas variantes a mais significativa das quais é o facto de apontarem uma explicação causal para o facto de terem ficado com a

"morada aberta". Uma atribui o facto a um susto nocturno que apanhou quando, já viúva, sentiu uma presença (imaginária) no seu leito. Nesse sobressalto os espíritos "entraram" nela e ficou com a "morada aberta". As restantes apontam como causa o estado de enfraquecimento em que se encontravam na altura, pois uma acabara de perder a filha ainda adolescente e a outra começara a sofrer de graves ataques de asma. Começou então o tempo de crise que todas descrevem como de grande sofrimento, como uma verdadeira luta de vida ou de morte travada com os diversos espíritos que as assomavam. Contam, e os vizinhos confirmam, que rastejavam pelos caminhos, ensanguentadas e sem sentir a dor; que gritavam como loucas e batiam em quem delas se aproximasse quando possuídas por um espírito. Uma não se podia aproximar de poços, cursos de água ou fogueiras sem se agarrar a qualquer coisa pois os espíritos do mal impeliam-na a atirar-se. Outra ficava "tolhida como uma velha de 80 anos" sem poder mexer nenhum membro e inclusive não podendo falar quando queria invocar Nossa Senhora para vir em seu auxílio. Outra ainda, conta que os táxis em que se deslocava para consultar exorcistas eram sistematicamente avariados pelos espíritos.

Durante este período todas recorreram a espíritas, exorcistas e padres pedindo-lhes que lhes exorcisassem os espíritos e lhes "fechassem a morada". Nem mesmo os padres foram eficazes (1)

(1) O recurso aos padres nesta aldeia só é feito em caso de última necessidade quando as "adivinhoas" se mostraram ineficazes. São aliás muitas vezes aconselhados pelas espíritas.

e os espíritos voltavam a assomá-las depois de um breve período de afastamento. A todas foi anunciado, através do guia de uma média, que teriam de trabalhar na "vida espiritual", e o seu próprio guia "desceu" num curto espaço de tempo. Desde o momento em que recebeu a protecção de um guia as crises de possessão incontrolada e involuntária cessam de imediato. Começam a atender pessoas que desejam comunicar com os espíritos de mortos e simultaneamente retomam os seus afazeres quotidianos^{de} que as frequentes crises de possessão e as viagens que realizaram para consultar "adivinhoas" não lhes davam disponibilidade para se ocuparem.

.../...

Actualmente a igreja só autoriza exorcismos em casos de possessão devidamente comprovadas por um prelado que reside na cúria episcopal da cada diocese, e para os quais é necessária a autorização do bispo. Qualquer outro exorcismo é veementemente condenado. No entanto estas disposições eclesiásticas datam deste século e os padres, não só por tradição como pelo carácter sagrado das funções que exercem continuam a ser considerados como exorcistas preferenciais. Isto coloca os padres interpelados perante a escolha^{delicada} delicada entre recusarem a ajuda pedida pelas pessoas verdadeiramente angustiadas que a eles recorrem ou serem colaboradores num tipo de discurso que é condenado pela Igreja. Muitos recusam-se imediatamente, outros aceitam rezar com as pessoas e como as orações e acções realizadas por um padre são sempre consideradas sagradas, mesmo que eles se recusem a fazer um exorcismo qualquer acto que realizarem será eficaz. Outros ainda aceitam participar no discurso das espíritas, arriscando-se a serem desobrigados das suas funções sacerdotais pelo bispo. O número de padres que recebem pessoas que se declaram possesadas ou atormentadas por espíritos é bastante limitado, mas esses são geralmente muito procurados e famosos, como pude observar junto de três sacerdotes com fama de exorcistas - fama essa que recusaram - da diocese de Aveiro.

Os guias são sempre os espíritos ou de santas ou de pessoas popularmente consideradas santas.⁽¹⁾ Nesta povoação os espíritos têm por guias Santa Maria Adelaide, a Rainha Santa Isabel, Santa Terezinha e o Padre Cruz.

A cartomante considera que o seu guia é São Cipriano, o qual lhe ensinou, através do seu livro, como ler nas cartas e quais as orações a dizer para realizar um exorcismo.⁽²⁾ Além destes guias podem invocar a protecção de um familiar já falecido cuja alma está, supostamente, no Céu. Estão neste caso incluídas a média mais jovem, protegida pelo espírito do seu "irmão soldado" e a cartomante que refere a comunicação feita em sonhos, em diversas ocasiões, com o espírito da filha falecida na adolescência.

As médias podem invocar o seu espírito-guia em qualquer ocasião que o desejem. Para tal basta-lhes rezarem orações do formulário da catequese e concentrarem-se no seu desejo de comunicarem com o guia. Quando este desce o seu estado de consciência é aniquilado e elas tornam-se no veículo de comunicação com o guia, por cuja boca os espíritos falam. Nesta ocasião é necessária a presença de um interlocutor para expôr ao guia o seu problema.

- (1) Foram-me referidas médias da região de Aveiro que tomavam por guias os espíritos de antigos médicos.
- (2) As outras cartomantes da zona, residentes no Lameiro do Luso e na Pampilhosa, não invocam a protecção de um guia que justifique o seu saber e poder. Uma aprendeu a ler nas cartas com a avó e a outra considera que nasceu com esse dom.

O espírito do santo expõe a causa do infortúnio e, no caso de se tratar de espíritos que desejam comunicar com os vivos, trá-los a falarem por intermédio da média. No final do diálogo estabelecido entre o espírito e o seu interlocutor o guia "desce" novamente para se despedir e a média recobra a consciência.

O poder das médias vem-lhes da capacidade de comunicação com o guia. Esta comunicação efectua-se por meio da aniquilação temporária da personalidade da média que assume nesse momento as características do seu espírito guia (1). Este pode, por sua vez, invocar qualquer outro espírito e trazê-lo à presença dos vivos através da média. Ao contrário do que acontecia durante os estados de possessão sofridos pela média antes de "cultivar a morada", este novo tipo de possessão pelos espíritos não é perigoso pois está subjacente o controle e a protecção do guia.

A média não tem o poder de controlar os espíritos, mas apenas o de com eles comunicar. A espírita pode-se definir como uma possuída que consegue controlar esse estado de possessão. Ela tem a função de ser um veículo de comunicação entre os vivos e o espírito de um santo - o seu guia protector - e, através deste, entre os vivos e os espíritos dos mortos em geral. Simplificadamente esta relação pode-se exprimir pela seguinte imagem:



(1) "Em geral todo o indivíduo com poder de soltar a sua alma é um mágico; não se conhece excepção a esta regra" (Mauss, 1974: 65).

Todo o poder das médias lhes vem de servirem de meio de comunicação com o guia - diz-se habitualmente que um determinado facto foi revelado por um santo "que falou na F..." e não que a média o revelou - e da protecção desse espírito santo. Esta protecção justifica que os encantamentos proferidos pelas médias sejam considerados mais eficazes do que quando efectuados por outra pessoa.

Tornar-se média é adquirir um novo poder e um novo estatuto. O processo que esta sofre entre o momento de "abertura da morada" e a descida do guia tem a função de um rito de passagem e como tal é encarado tanto pelas médias como pela restante comunidade, apesar de nenhuma cerimónia assinalar esta transformação. Podemos organizar a sequência deste processo em três momentos correspondentes aos três estádios dos ritos de passagem classificados por Van Gennep (Van Gennep, 1977).

O momento em que ficam com a "morada aberta" funciona como um rito de separação. A partir de aí estas mulheres encontram-se num estado marginal em relação à sociedade: são incapazes de cumprir as suas tarefas domésticas, têm comportamentos profundamente estranhas, estão possuídas por espíritos do mal e não são mais responsáveis pelos seus actos. Enquanto seres possuídos e sem controle sobre si, elas são perigosas para si mesmas e para os outros. Todas encaram, aliás, esta fase como sendo a mais dolorosa e perigosa crise que alguma vez atravessaram, características estas apontadas por Mary Douglas como recorrentes nas situações marginais dos estados de transição entre dois estatutos sociais: "(...) mais Gennep, qui, avec une pénétration plus so-

ciologique, comparait la société à une maison avec des chambres et des corridors - et affirmait que le passage de l'un à l'autre était dangereux. C'est donc pendant les états de transition que réside le danger, pour la simple raison que toute transition est entre un état et un autre et est indéfinissable. Tout individu qui passe de l'un à l'autre est en danger, et le danger ^{émane} de sa personne. Le rite exorcise le danger, en ce sens qu'il sépare l'individu de son ancien statut et l'isole pendant un temps pour le faire entrer ensuite publiquement dans le cadre de sa nouvelle condition. Non seulement la transition elle-même est dangereuse, mais aussi les rites de ségrégation: constituent la phase la plus dangereuse du rite." (Douglas, 1981:113)

Este período de marginalidade adquire também as características de um período de iniciação pois as adivinhoas a quem estas mulheres recorreram enquanto possesas tornaram-se suas mestras. O discurso acerca dos espíritos e acerca dos seus meios de intervenção, tal como o discurso sobre as bruxarias malignas efectuadas entre vizinhos é sempre melhor dominado pelas "adivinhoas" do que pela restante população. Este discurso foi enriquecido empiricamente durante as sessões que frequentaram quando possesas. Além disso, desde que lhes foi anunciado que teriam de se tornar espíritas, houve sempre uma outra média que lhes ensinou alguns encantamentos para sua própria protecção.

Com a descida do guia começa o processo de agregação à sociedade. Finalizam a sua iniciação junto de outra média realizando algumas sessões na sua presença. Começam a dar as primeiras consultas,

geralmente a familiares. Quando começam a ser procuradas por vizinhos e pessoas de fora a sua iniciação está terminada: os seus estados de possessão são agora controlados, o seu novo poder e estatuto reconhecidos socialmente. O doloroso processo que atravessaram além de marcar a sua mudança de estatuto justifica, tanto perante a comunidade como na visão das próprias espíritas, o novo poder que adquiriram.

Esta etapa de transição e mudança é extremamente angustiante para as futuras "adivinhoas" e para os seus familiares. A mudança radical no seu comportamento, os estados de descontrolo, a interpretação desses comportamentos como sendo de um ser possesso, de um "corpo aberto", tudo concorria para que se pudesse temer pela sua vida. O conceito de que um "corpo-aberto" se poderá tornar espírita é aceite pela comunidade pois insere-se no seu sistema cognitivo (um "corpo aberto" é, tal como a média um ser através do qual os espíritos dos mortos falam) mas estas transformações são raras. Não era conhecido nenhum grupo de pessoas que tivessem passado por tal processo e que pudesse servir de modelo. O facto de no espaço de um ano, três dos seus habitantes se terem transformado em médias veio originar uma certa convulsão social. Há cerca de 8 anos e durante 4 ou 5 meses as três novas médias faziam sessões públicas junto à capela privada da aldeia. iam assistir quase todos habitantes da povoação e diversas pessoas de aldeias vizinhas, rezando todas em conjunto. Durante estas sessões falavam através

das médias diversos espíritos, alguns dos quais de familiares dos presentes o que veio originar contenciosos. As sessões transformaram-se no palco de lutas individuais e inter-familiares, pelo que deixaram de se realizar. Mesmo actualmente a sua referência e recordação é evitada. Mas durante a sua curta duração estas sessões provaram perante todos o poder que às novas espíritas agora possuem e espalhou a fama da aldeia. A sua aceitação pela comunidade como médias tornou-se completa, e o seu poder foi confirmado, quando os vizinhos passaram a consultá-las sistematicamente sempre que alguma situação de infortúnio se lhes deparava.

As sessões efectuadas pelas espíritas assemelham-se entre si. Realizam-se na sala de visitas a qual, em qualquer casa, se situa junto à porta principal e é mobilada com um ou dois armários de louça, uma mesa e cadeiras colocadas ao centro, e o baú que conteve o enxoval da dona da casa. As paredes são invariavelmente decoradas com fotografias de familiares e imagens de santos. Esta divisão só é utilizada para receber a visita Pascal e nas refeições cerimoniais; é ainda aí que são colocados os defuntos durante o velório. Nas salas das espíritas encontra-se uma maior profusão de imagens de santos, geralmente oferecidas por quem as consulta, e sobre a mesa encontram-se geralmente um terço, um crucifixo e algumas figuras de santos.

As sessões são sempre antecédidas por uma conversa infor-

mal (1) enquanto os participantes se distribuem em torno da mesa. A espfrita coloca as imagens religiosas voltadas para si, concentra-se murmurando uma oração de olhos fechados, es-tremece, coloca as mãos na posição de oração e começa a falar com a voz alterada: "desceu o guia", é agora o espfrito que fala por sua boca. Este começa sempre com a mesma expressão: Santa Maria Adelaide diz, através da sua média-transmissora (2), "Eu vim em nome de Deus e da nossa mãe Maria Santfssima. Dizei irmãos...", o Padre Cruz guia de dois espfritas da aldeia, uma mulher e um homem, repete a seguinte frase: "Em nome do Pai, e do Filho, e do Espfrito Santo. Deus vos abençoe (e faz com a mão o sinal da Cruz). Ao que vindes irmãos?" Os restantes presentes expõem o seu problema ao guia o qual lhes explica a causa do infortúnio: uma bruxaria, mal de inveja, assombramento de espfritos ou ainda "doença de médicos". Neste último caso as pessoas procuram habitualmente saber se deverão consultar o seu médico assistente ou outro, onde se localiza o mal e se terá, ou não, solução. O guia nunca indica o nome de um médico mas por vezes aconselha que se recorra a um especialista ou aos médicos de Coimbra. Habitualmente descreve, em traços gerais, o tipo de doença e a sua evolução futura. No caso de se tratar de uma bruxaria ou de "mal de inveja" pode apontar de forma ambf-gua quem deseja o mal, referindo os laços que ligam a pessoa

(1) Note-se que a maioria das pessoas recorrem à mesma "adivinha" diversas vezes e durante estas conversas transmitem muita informação sobre si mesmas. Este facto nunca é reconhecido pelos próprios nas descrições posteriores que fazem das sessões em que participaram, o que é explicável pelo estado de enervamento e angústia em que se encontravam.

(2) A média Lúcia, referida nos apêndices.

ao causador do mal, mas sem nunca o nomear. Em algumas ocasiões confirma o nome de uma pessoa apontada pelas vítimas. Estes casos são raros: na maioria das vezes o guia limita-se a apontar a causa do mal e indicar que a média ensinará às pessoas um encantamento ou um defumadouro para se defenderem. O mesmo acontece quando é diagnosticado um assombramento nos animais contra o qual as pessoas se limitarão a fazer um defumadouro e/ ou um encantamento. Se forem as próprias pessoas, ou seus familiares (1), os "achacados", o guia "vai buscar" o espírito que as assombra. Este espírito, que passa a falar através da média, identifica-se sempre como um pecador que anda "encostado" às pessoas em causa, ou porque isso o conforta ou porque lhes deseja mal. As pessoas tentam descobrir-lhe a identidade e a relação possível que teria com elas. O espírito pode-se definir desde logo como um desconhecido ou como alguém sem nenhuma relação de parentesco ou vizinhança com as vítimas as quais lhe ordenam imediatamente que não as continue a incomodar. No caso de ser o espírito de um conhecido que cometeu um crime grave-suicídio, homicídio ou roubo - é geralmente expulso. Pode-se tratar da alma de um conhecido o qual pede o perdão aos vivos e o pagamento de uma promessa a santos ou a realização de uma missa, o que lhe é sempre concedido. Quando o espírito desaparece o guia volta a falar, começando por repetir a expressão introdutória. Faz uma síntese da situação e aconselha as pessoas ou a recorrerem a um exorcista, caso se trate de um "espírito mau", ou a realizarem algum

 (1) Muitas vezes as médias são consultadas pelos problemas de um familiar ausente. Neste caso as pessoas trazem sempre ou uma peça de roupa ou uma fotografia da vítima ausente.

encantamento que lhes será ensinado pela média. Aconselha-as sempre ou a mandarem dizer missas por intenção das almas do Purgatório ou a acenderem velas em capelas e igrejas com o mesmo fim. O guia retira-se e a média recobra a consciência, inteira-se do que se passou e ensina os encantamentos ou defumadouros que o guia indicou. Pode ainda realizar ela própria um encantamento ou dizer uma oração junto da vítima ou das suas representações (fotografia ou roupa). No final recusa sempre qualquer pagamento: as "adivinhoas" têm por norma viver da esmola e nunca exigirem dinheiro em troca dos seus serviços. À saída as pessoas deixam "esquecido" em cima da mesa algum dinheiro e por vezes uma oferta de bens alimentares raros ou pequenos objectos (1).

Só as sessões da cartomante/exorcista diferem desta descrição. Em cima da mesa da sua sala encontram-se, além dos objectos atrás referidos, duas edições do livro de S. Cipriano (uma da editora Lello & Irmão e outra das edições Livros do Brasil), uma taça com água benta e uma vela. Quando as pessoas pretendem saber a causa do infortúnio ela começa por dispôr as cartas sobre a mesa, em filas de cinco, para depois as voltar enquanto as coloca em cruz. Simultaneamente vai lendo nelas a causa do infortúnio que se insere numa das categorias indicadas atrás (bruxaria e mal de inveja, assombramento, doença). Indica

 (1) Todas as "adivinhoas" da aldeia melhoraram substancialmente o seu nível de vida mas nenhuma faz disso motivo de ostentação.

geralmente, em traços largos, qual a relação que existe entre a vítima e quem lhe deseja mal ou com o espírito que assombra. No fim lê algumas orações, extraídas do livro de São Cipriano, que protegerão a vítima tanto dos ataques dos vivos como do assombramento dos mortos. No caso de se tratar de um animal realiza essas orações sobre um punhado dos seus pêlos os quais deverão depois ser espalhados pelo curral da besta doente. Sempre que se trata de um assombramento aconselha as pessoas a encomendarem missas e acenderem velas pela salvação das almas do Purgatório.

As orações utilizadas por esta mulher são iguais qualquer que seja a explicação causal do infortúnio (ver apêndice IV). Tal como o método de ler nas cartas também todo o processo de exercer o mal vem indicado no livro de S. Cipriano « Por sua iniciativa a exorcista escolheu algumas de entre as orações do livro e apenas repete essas. Também por sua iniciativa abençoa o paciente sempre que, ao longo da recitação, repete o nome de Jesus Cristo. Repete umas orações sobre os pêlos do animal assombrado, no seu curral ou em cada divisão da casa, caso todo o edifício esteja assombrado. Caso se trate de pessoas ela poderá ter de lhes "fechar a morada" (1) utilizando uma variante mais complexa deste processo. Poderá apenas dizer as orações se se tratar de uma pessoa ausente ou de um pequeno mal. Se o problema fôr considerado grave, sendo apontado como causa uma bru-

 (1) A exorcista utiliza este conceito de uma forma diferente das espíritas, pois "fecha a morada" aos seus pacientes para os proteger de espíritos que "andem à sua beira" e dos ataques

xaria ou um assombramento, além dessas orações ela benze uma pequena chave em aço que coloca ao peito do paciente com a recomendação de nunca a retirar nem lavar. Repete uma nova oração e escreve as diversas designações porque é conhecido o Diabo num papel que queima seguidamente. Neste caso os pacientes terão de voltar dentro de três, cinco ou sete dias - "tem de se pernao" isto é, número ímpar - para repetir o processo. Só nessa altura a "morada" estará fechada.

Para as pessoas que se encontram em estado de possessão, gritando ou não reagindo, a exorcista introduz duas novas orações, igualmente extraídas do livro de S. Cipriano. O resto do processo é idêntico ao que foi descrito.

A mais interessante das sessões de exorcismo a que assisti realizou-se em casa dos próprios pacientes, um casal de retornados de meia-idade, residentes no concelho de Aveiro. Tinham consultado diversas "adivinhoas", entre as quais esta mulher, pois nem o seu pequeno comércio nem a vida familiar eram bem sucedidas desde que voltaram das ex-colónias, e os seus filhos sofriam repetidamente pequenos acidentes e contrariedades. A própria exorcista dissera-lhes andarem a casa e a loja assombradas, sendo pois necessário realizar um exorcismo no local.

.../...

de bruxaria feitos por vivos. Por definição em nenhum destes casos se tem a "morada aberta" pois não se está possuído pelos espíritos.

Na sessão colaborou o homem com quem vive maritalmente e que trabalha como espírita. A sessão começou em torno da mesa da cozinha onde foram colocados um crucifixo, uma vela e o livro de S. Cipriano. O guia do espírita desceu e indicou que aquela casa andava assombrada por diversos espíritos pois tinha sido construída sobre um terreno roubado e passado "muita trafulhice" fora realizada no seu interior (1). Depois do guia se ter retirado a mulher começou o exorcismo pelos quartos mais afastados, repetindo em cada um as mesmas orações. Ao chegar à cozinha, onde se encontravam os restantes presentes, o espírita começou repentinamente a contorcer-se e a gemer: estava possuído por um espírito mau. Foi imediatamente seguro pelo casal de pacientes enquanto a mulher o interpe- lava segurando um crucifixo voltado para ele. Disse ser o espírito de um homem "mau, muito mau," que ali andava com os seus cúmplices pois o terreno fora roubado por eles. Afirmou trabalhar para o Diabo e não conhecer Deus e declarou que teria ficado para sempre naquela casa se "esta bruxa" não o tivesse impedido. A mulher ripostou-lhe que era uma "bruxa de Deus" e começou a murmurar orações. As contorções tornaram-se menos violentas e por fim o espírita recobrou a consciência queixan- do-se de dores em todo o corpo. A sessão de exorcismo continuou pelos currais e pela loja e por fim foi novamente invocado o guia o qual declarou terem sido aqueles espíritos do mal de- finitivamente afastados - embora tivesse deixado em aberto a hipótese de outros espíritos voltarem a assombrar a casa. Afirmou que os danos teriam sido maiores se o casal não gozas- se da protecção de todas as almas boas por quem tinham rezado.

 (1) Trata-se de uma casa alugada há poucos anos pelos seus ocupantes.

Nesta descrição estão ilustradas as principais características do poder, ou dom, das "adivinhoas". Estas são a capacidade divinatória que pode ser exercida através do guia ou da leitura das cartas, e a capacidade de comunicar com o mundo dos espíritos. A "adivinhoa" pode ainda assumir o poder de os expulsar através do exorcismo. As orações e encantamentos por elas realizados pertencem ao repertório local e foram referidas no capítulo anterior; considera-se que a sua eficácia é incrementada quando realizadas pelas "adivinhoas". Note-se que são utilizados profusamente símbolos religiosos: imagens de santos, terços, crucifixos, velas, água benta. As espíritas têm por guia o espírito de um santo ou de uma pessoa popularmente considerada santa. A frase repetida pelo guia ao introduzir-se e a posição das mãos da espírita pertencem ao ritual litúrgico. As referências religiosas são constantes no seu discurso e nos encantamentos que proferem.

Numa sociedade em que o domínio do sagrado e do religioso se confundem, esta utilização constante dos símbolos e do discurso religioso por parte das adivinhoas torna válidas as suas propostas e actos. Por outro lado elas têm o poder de contactar com o mundo dos mortos, os quais podem causar danos graves aos vivos. Nas suas sessões efectua-se muitas vezes lutas entre o Bem e o Mal⁽¹⁾, de que é um exemplo o exorcismo atrás descrito. A exorcista utiliza as orações do livro de S. Cipriano onde também se encontram descritos encantamentos para dominar os actos e a vida de outras pessoas. Este livro é considerado perigoso em si, possuí-lo pode trazer danos, e é de conhecimento geral que "um livro tanto dá para o Bem como para o Mal" ou ainda

(1) Este aspecto é referido por Favret-Saada no seu estudo sobre a feitiçaria na zona do Bocage francês. Segundo esta autora o processo de feitiçaria consiste no ataque do suposto feiticeiro à sua vítima, o "embruxado" (ensorcele). O "de'sorceleur", equivalente à "adivinhoa" deve contra-atacar o feiticeiro (Favret-Saada, 1977)

"qualquer pessoa pode fazer bruxarias com o Livro de S. Cipriano". A figura das "adivinhoas" é sempre conotada com uma certa ambiguidade relativa às suas intenções e à natureza dos poderes que lhes são atribuídos. Esta ambiguidade transparece nos termos por que são designadas. Quem a elas recorre diz que foi a "essas mulheres" ou que teve de "andar por esses caminhos". O termo "adivinhoa" só surge na conversa dos seus clientes quando falam com estranhos, especialmente com pessoas da vila ou de longe, face aos quais não se querem comprometer como crentes no poder das "mulheres". O termo "bruxa" para designar estas pessoas só é utilizado por quem quer afirmar perante o seu interlocutor que não acredita no saber, ou poder, das mulheres de virtude. Pode ainda ser utilizado dum modo relativamente jocoso pelas populações das povoações vizinhas quando se referem a Calhandra como "a terra das bruxas" (1). De facto estes três termos (adivinhoas, mulheres, bruxas) não se equivalem embora possam designar o mesmo sujeito. Ao termo "bruxa" são ainda conotados seres com poderes diabólicos.

- - - - -

- (1) Este tipo de designação, entre o jocoso e o depreciativo, é utilizado por todas as povoações em relação às que lhe são vizinhas. Duma outra povoação dizem ser terra de gente invejosa e onde lançam muito quebranto, de outra ainda que os seus habitantes "só berram".

As bruxas são, especificamente, mulheres que entram de noite por casa dos vizinhos, que fazem barulhos e desarrumam os objectos domésticos, passeiam-se sobre as telhas, emitem pequenas luzes à noite, batem às portas.

Localmente bruxas são definidas como "mulheres vivas" que trabalham com o demónio" e delas se contam algumas histórias. Uma mulher torna-se bruxa se pertencer a uma série de sete irmãos, a não ser no caso da mais velha baptizar a mais nova (1); ou então se pedir ao demónio que a aceite e se "espojar" junto a um burro, ou mesmo, sem tal fazer, se o demónio aceitar com ela o pacto. Apesar de se dizer delas que têm poderes diabólicos e que "sugam o sangue às crianças", as histórias que correm são inofensivas. Conta-se que um homem as encontrou à meia-noite ao atravessar uma ponte; outro junto a um pequeno valeiro no caminho para Pinhais onde o cortejo fúnebre costumava parar para se rezar por intenção das almas do Purgatório; outras apareceram a um homem sob a forma de animais, à noite; outro homem contou-me que na sua juventude tinha passado um serão a rir-se de quem acreditava na existência de bruxas. À saída recebeu duas bofetadas tendo-lhe uma voz, no escuro, perguntado:

- - - - -

- (1) Se nascerem sete rapazes em série e não fôr utilizada a mesma medida profilática um deles tornar-se-à lobisomem e terá de calcorrear sete freguesias numa noite até que alguém o pique no flanco esquerdo e lhe retire o encantamento. Diz-se que os lobisomens "são feitos por Deus", e as bruxas pelo demónio.

"Então, há bruxas ou não?". Apesar de nestas histórias, que se contam ao serão, nenhum mal ter sido feito aos intervenientes, o termo "bruxa" é negativamente conotado. Em Calhandra as "adivinhoas" são simplesmente designadas por "essas mulheres" e as relações quotidianas levaram a que elas não sejam mais receadas do que qualquer outro vizinho, mas no exterior a associação que surge é entre "adivinhoas" e "bruxa" e são sempre olhadas com estranheza e desconfiança.

Confessou-me a filha de uma "adivinhoa", empregada em Anadia, que evitava a todo o custo que os seus colegas de trabalho soubessem ser a mãe "bruxa". Uma mulher dumã povoação do vale contou-me ter impedido o namoro do filho com a mais nova das "adivinhoas" de Calhandra pois não queria para nora uma mulher com fama de bruxa, e cujo poder ela receava. Ou seja, a esta confusão de termos para designar um mesmo sujeito também corresponde uma confusão de leituras dessa mesma realidade. O poder, ou o saber, das "adivinhoas" é simultaneamente temido e requisitado.

Ao definirem-se a si mesmas como "servas de Deus" ou "bruxa de Deus", ao lembrarem sucessivamente os padres a que recorreram durante a sua transformação em "adivinhoas", ao utilizarem um discurso e símbolos religiosos estas mulheres - e homem - estão a justificar a sua actuação e os seus dotes como positivos para a sociedade.

Justificam por outro lado a eficácia das suas actuações pois possuem um dom que lhes foi dado pela "vontade divina".

As "adivinhoas" definem-se como pessoas com dotes divinatórios e poder de comunicar com os espíritos, cuja actuação é benéfica para a comunidade.

O doloroso "rito de passagem" que atravessaram justifica a obtenção de um poder mágico. As numerosas referências religiosas presentes tanto no seu discurso como nos rituais que realizam integram-se na visão da Religião desta comunidade. Apesar da ambiguidade inerente à figura dos que manipulam forças mágicas e sagradas, tanto as "adivinhoas" como os seus pacientes consideram que estas actuam de acordo com a "vontade divina".

4. DA INVEJA DOS VIZINHOS AOS ESPÍRITOS DOS PARENTES

Apresentei as "adivinhaos" como uma das categorias de profissionais a quem, nesta zona, se recorre em caso de infortúnio. Neste capítulo procurarei definir concretamente para que tipo de problemas elas são consultadas, ou seja, qual é o seu campo específico de acção. Tentarei igualmente definir as razões que explicam ser o seu discurso e as soluções por elas apontadas pertinentes para os seus pacientes.

O conjunto dos problemas postos perante as "adivinhaos" é bastante diversificado e aparentemente heterogéneo. No quadro A apresento os principais tipos desses infortúnios segundo um recenseamento obtido junto dos habitantes de Calhandra e nas sessões a que assisti durante a estadia na aldeia.

Deste conjunto queria referir o grupo dos problemas enumerados no ponto 1. Todos estes casos apresentam em comum o facto de as pessoas se queixarem da ocorrência não de um, mas de diversos infortúnios. Os casos apresentados podem ser uma repetição do mesmo infortúnio [casos 1. a) e 1. g)] ou de infortúnios de ordem diferente, em que o paciente refere, por exemplo, o empreendimento não sucedido, um caso de possessão e dois acidentes de viação [caso 1. f)]. Em todos estes casos a ênfase é posta na sucessão dos males e não em cada infortúnio isoladamente. O mesmo problema é levantado por Jeanne Favret-Saada no seu estudo sobre a feitiçaria na zona do Bocage francês:

"L'attaque de sorcellerie, elle met en forme le malheur qui se répète et qui atteint au hasard les personnes et les biens d'un ménage ensorcelé (...). Chaque matin, le couple s'angoisse: "Qu'est-ce qui va 'core arriver?" (...). Quand le malheur se présente ainsi en série, le paysan adresse une double demande aux gens du savoir: demande d'interprétation d'abord; demande thérapeutique, ensuite.

Le médecin et le vétérinaire lui répondent en déniant l'existence d'une série (...) Mais quelle que soit l'efficacité du traitement au coup par coup, elle est incomplète aux yeux de certains paysans, car elle affecte la cause et non l'origine de leur maux. L'origine, c'est toujours la méchanceté d'un ou plusieurs sorciers, affamés du malheur d'autrui, dont la parole, le regard et le toucher ont une vertu surnaturelle" (Favret-Saada, 1977: 17)

" Alors seulement est proposée à ce souffrant la possibilité d'interpréter ses maux dans le langage de la sorcellerie. Un ami, ou quiconque s'est avisé des progrès du malheur et de l'inefficacité des savoirs institués, pose le diagnostic décisif: "Y en aurait pas, par hasard, qui te voudraient du mal?"

(Id. *ibid.*:19)

Da argumentação da autora deve sobretudo retêr-se a ideia de que para explicar uma sucessão de infortúnios os pacientes levantam a hipótese de alguém os querer e poder desgraçar, controlando forças imateriais, "dont la parole, le regard et le toucher ont une vertu surnaturelle".

Aplicando esta explicação ao grupo de problemas referidos atrás percebe-se que ao apresentarem às "adivinhaos" uma sucessão de infortúnios os pacientes terão previamente colocado a hipótese de estarem a sofrer os efeitos de um ataque de uma outra pessoa ou espírito (pois, como já foi referido no capítulo anterior, os espíritos podem estar na origem dos problemas dos vivos). Cabe à "adivinhao" confirmar esta hipótese e certificar os seus consultantes de que a sucessão de problemas é fruto de um ataque pessoalizado.

Q U A D R O A

	CASOS	QUAN- TIDADE	CARACTERÍSTICA
1	a) Terreno que por três vezes fora a hasta pública sem nunca ser vendido	1	Sucessão de infortúnios
	b) Pessoa com dores de garganta e que sofreu pequenos acidentes de viação repetidos	1	
	c) Homem com problemas familiares que começara súbitamente a sofrer do coração	1	
	d) Mulher que ouvia pingos de água a cair em sua casa sem descobrir a origem do ruído. O filho e a nora tinham falecido por afogamento num poço	1	
	e) Homem que ameaçara a mulher de morte sem razão aparente. Na mesma data deste incidente, nos dois meses anteriores, tinham morrido dois porcos ao casal	1	
	f) Casal a quem o negócio corria mal, cuja nora ficara possessa e cuja filha sofrera dois acidentes de migração	1	
	g) Emigrante que durante as férias sofrera 2 acidentes na mesma semana	1	
		7	
2	a) Problemas de animais: vacas ou bezerros que recusam os alimentos; porcos que depois de capados recusam os alimentos; cabras ou ovelhas que morrem sucessivamente	9	Inveja e mau - olhado

	CASOS	QUAN- TIDADE	CARACTERISTICA
2 (cont.)	b) Mulheres com problemas de gravidez ou em cuja família se sucedem casos de gravidez falhada	4	Inveja e mau-olhado
		27	
3	a) Adultos, geralmente mulheres jovens, julgados possessos	6	E S P I R I T O S
	b) Adultos com comportamentos anormais: um homem que começara subitamente a agredir a mulher e os filhos; uma rapariga com desmaios frequentes	2	
	c) Adultos com medos repentinos: é o caso de um homem com sobressaltos nocturnos e dores de cabeça constantes e de um rapaz, motorista profissional com receio de conduzir	3	
	d) Adultos com problemas orgânicos: o caso de uma mulher com dores de ossos e no pescoço para os quais os médicos não encontravam solução; um homem que ficava subitamente com as pernas paralizadas e que os médicos não conseguiam curar	2	
		13	
4	a) Esposas de homens com amantes	4	"Bruxarias" de mulheres
		4	

	CASOS	QUAN- TIDADE	CARACTERÍSTICA
5	a) Prognóstico: um casal que ia abrir um pequeno comércio e desejava sa- ber se tudo iria correr bem	1	
	b) Adultos hospitalizados ou com sus- peita de doenças graves (o caso de uma mulher com suspeite de cancro) cujos familiares procuram saber qual a evolução do mal	5	
	c) Pessoas que procuram inteirar-se da sorte dos familiares ausentes e de quem não têm recebido notfcias	3	
	d) Pessoas que desejam saber se os seus familiares, recentemente falecidos, "estão bem"	3	
		12	
	TOTAL...	<u>53</u>	

Os infortúnios referidos no ponto 2. referem casos com os mesmos sintomas dos males causados pela inveja e pelo mau-olhado: doenças de animais, crianças que não crescem, estão enfraquecidas ou recusam os alimentos, pessoas com dores de cabeça ou de ventre, problemas de gravidez. Encontra-se um outro grupo de infortúnios expressos nos casos de doentes hospitalizados, de problemas orgânicos sem resolução médica, de medos inexplicáveis, de casos de histeria, de alterações de comportamento, de desmaios. Todos estes problemas podem dever-se ao assombramento por espíritos como foi referido anteriormente. Ambas estas explicações (inveja dos vivos ou assombramento dos espíritos) se inserem na concepção de que o infortúnio pode originar-se num ataque pessoalizado.

A "adivinha" tem a capacidade de confirmar esta hipótese, já posta "à-priori" pelos seus consultantes, e ainda de realizar junto deles os encantamentos e orações protectoras. O caso das mulheres que desejam afastar os maridos das suas eventuais amantes merece uma atenção especial pois necessita de ser explicado à luz da concepção local sobre as relações extra-maritais masculinas. Nunca se considera que um homem mantenha relações com outra mulher além da sua legítima esposa por razões afectivas. Estas relações são sempre encaradas como fruto de uma bruxaria feita directamente pela amante ou encomendada junto de uma "adivinha" que "trabalhe para o mal". É encarado como um ataque à sobrevivência do casal, cabendo à mulher legítima procurar as "adivinhas" para que estas desfaçam a "bruxaria".

No ponto 5. são referidos casos com a característica comum de terem sido apresentados à "adivinha" para que esta realize um prognóstico e uma oração protectora, ou ainda que invoque um espírito específico, tornando-se no meio de comunicação entre vivos e mortos. Só nestes casos não está implícita a acusação de se estar a ser alvo de um ataque de outra pessoa ou ser.

Estes dados caracterizam o campo de acção das adivinhoas: este compreende os casos em que se supõe que o infortúnio é causado por uma relação pessoal nociva e ainda os casos em que se busca informação sobre a situação pessoal de indivíduos ou espíritos ^{de mortos} ou ainda sobre a evolução de empreendimentos.

Focarei de seguida o problema das soluções apresentadas pelas adivinhoas.

Para tal partirei da descrição dos casos perante elas expostas por um número significativo de casões de Calhandra. Estes casos são expostos no quadro B.

QUADRO B

CASOS APRESENTADOS ÀS "ADIVINHOAS" PELOS HABITANTES DE
CALHANDRA

NOTA I Esta lista não é exaustiva pois nem sempre consegui obter descrições concretas dos casos, devido às características íntimas dos problemas e das soluções apresentadas. Por outro lado um problema pode levar os pacientes a recorrerem diversas vezes à "adivinha". Caso consultem um(a) único(a) especialista na descrição só são descritos o problema e a solução apresentada e nunca as diversas sessões a que assistiram.

NOTA II Nesta lista são referidas por vezes as "adivinhos" da aldeia às quais atribuí nomes fictícios. São eles:

- Lúcia, espírita, tem por guias Santa Maria Adelaide e o irmão, morto na guerra colonial.
- Prazeres, espírita, tem por guias Santa Teresinha e a Rainha Santa Isabel.
- Cilene, espírita, tem por guia o Padre Cruz
- Natália, cartomante e exorcista. Habita com ela um homem natural do Caramulo que desde 1983 trabalha como espírita, tendo por guia o Padre Cruz. A sua inserção na aldeia tem sido problemática pelo que nunca é consultado pelos seus actuais vizinhos.

CASA I

- Caso a) Recorreram há 45 anos a uma mulher do Lorvão, espírita, por uma criança hospitalizada com uma ferida infectada no braço
- Caso b) Recorreram há 23 anos a uma espírita em Águas Boas por um recém-nascido com problemas. Não me referiram qual a solução apontada pela espírita. No entanto o pai da criança cumpriu a promessa de erguer uma capela dedicada a Nossa Senhora da Ajuda se o filho se salvasse
- Caso c) Esse mesmo rapaz sofria de grandes dores de cabeça aos 15 anos. Foi consultada a média Prazeres que acusou o espírito de uma tia do avô paterno de assombrar o rapaz. Essa tia morreu sem ter filhos e deixou em testamento todos os seus bens, de raiz ou obtidos por casamento, a alguns dos seus sobrinhos de sangue. Considera-se que ela anda a penar por ter privilegiado a sua família de origem em detrimento dos herdeiros do marido. Durante a sessão o espírito foi expulso pois os presentes consideraram que não estavam directamente envolvidos no assunto uma vez que ainda não herdaram esses bens.
- Caso d) Em 1983 esse mesmo rapaz, teve dois acidentes de viação repetidos. Foram consultadas a espírita Prazeres e a cartomante Natália.
- A média acusou o mesmo espírito do caso anterior de andar a assombrar o rapaz. Uma irmã deste dirigiu-se a Natália com uma peça de roupa interior do paciente para que ela realizasse um exorcismo e lhe "fechasse a morada"

Caso e) Uma rapariga sofria de dores de cabeça. A espírita Lúcia diagnosticou "quebranto" e realizou o encantamento respectivo, descrito anteriormente

Caso f) Consultaram a espírita Prazeres e a cartomante Natália por uma vaca que se recusava a dar leite ao bezerro. A primeira diagnosticou o assombramento por espíritos e a segunda exorcisou o curral.

CASA II

Caso a) Há 68 anos um bebé de família estava "a morrer, todo negrinho". Foi então consultado um espírita que residia no Lombo de Deus que acusou o espírito de um vizinho de andar a assombrar a criança. Esse vizinho ao morrer deixara pendente uma dívida ao pai da criança e andava a pensar por não ter sido perdoado pelo seu credor. O pai da criança perdoou-lhe públicamente, encomendou missas por alma do seu devedor e prometeu uma moldura em talha dourada a Nossa Senhora do Rosário.

Caso b) Há 25 anos recorreram a uma média no Lorvão para "desligar" um homem da família da sua amante. A média declarou que a amante tinha realizado "uma bruxaria muito bem feita" para "prender" o homem contra a qual nada se poderia fazer.

Caso c) Há 9 anos recorreram às espíritas de Boialvo, Sequins e Póvoa de Salgueiro para saber se o chefe da família, recentemente falecido, se encontrava bem e não necessitava de ajuda (pagamento de promessas ou dívidas, realização de missas).

Caso d) Recorreram diversas vezes às "adivinhoas" da aldeia por vacas ou bezerros doentes (e consultaram também o veterinário). Num dos casos apareceu um espírito que se queixava de ter sede e não ver. Foi identificado como sendo o espírito de um parente que falecera no hospital na sequência de um de sastre onde cegara. Declararam que esse homem morrerá certamente com sede pois no hospital não o tratavam bem.

CASA III

Caso a) Recorreram às "adivinhoas" do Lameiro do Luso, Vale de Boi Boialvo por animais doentes

Caso b) Há cerca de 10 anos consultaram a média de Vale de Boi por uma rapariga que desmaiava frequentemente. Foi acusado o espírito de um bisavô da paciente que nas heranças privilegiara alguns dos filhos em detrimento dos outros. A família cumpriu promessas ao Santíssimo Sacramento, encomendou uma missa à saída da qual distribuíram esmolas aos pobres

Caso c) Pouco tempo depois adoeceu um rapaz e repetiram o processo descrito anteriormente

CASA IV

Caso a) Há cerca de 35 anos um jovem da família sofria de dores de ventre. Consultaram a média do Lorvão. Foi acusada uma mulher de lhe ter feito uma bruxaria para o obrigar a casar com ela. O rapaz tomou uma purga

Caso b) Há 30 anos um bebé de cerca de 10 meses recusava o leite da mãe. (1) Consultaram um cartomante da Cerca o qual declarou que a criança fora invejada e andava "aguada" Realizou um encantamento à meia-noite e o bebé voltou a mamar.

Caso c) Por essa altura os porcos da família que tinham sido capados, recusavam a comida. Foi consultado o mesmo cartomante o qual acusou uma pessoa que tinha ajudado a capar os animais de lhes ter lançado mau-olhado. O homem da Cerca realizou um encantamento

Caso d) Uma mulher tinha problemas durante a sua primeira gravidez. Recorreram à média Lúcia (depois de terem consultado o médico) que lhes declarou ter sido o casamento da rapariga muito invejado. A espírita realizou o encantamento correspondente

CASA V

Caso a) Por causa de uma criança que sofria com bronquite, recorreram há 25 anos a uma mulher que via a causa do infortúnio num copo de água, a qual declarou que se tratava da "doença de médicos"

CASA VI

Caso a) Há cerca de 15 anos uma mulher recorreu à cartomante da Lameira do Luso por ter "dores na espinha". Foi acusada uma mulher chamada "Maria" de lhe ter lançado uma praga. Nesta casa servia uma rapariga

(1) Nesta região é vulgar as crianças serem aleitadas ao peito aos dois anos.

ga com tal nome que foi imediatamente despedida (1). Receitou-lhe ainda uma garrafa de "líquido da farmácia".

Caso b) Recorreram à média de Boialvo e à cartomante atrás referida por um rapaz de 10 anos com dores de estômago. A cartomante declarou tratar-se de "doença de médicos". O rapaz foi operado a uma úlcera no estômago poucos anos depois.

CASA VII

Caso a) Os animais adoeciam e morriam sucessivamente pelo que a dona da casa consultou uma espírita em Castelo, um padre "para lá do Porto", uma espírita em Sequins e outra na Giesta (2). A espírita de Castelo receitou-lhe água de marcelas para dar aos animais. O padre acusou um vizinho de lhe ter feito uma bruxaria que tinha "pegado" nos animais e fez um encantamento protector. A espírita de Sequins acusou o espírito de uma mulher de uma povoação vizinha que se tinha suicidado. A mulher da Giesta ensinou-lhe um defumadouro e obrigou-a a vestir sete dias seguidos uma peça de roupa diferente. Essa roupa foi depois levada à espírita que a benzeu e lançou a um rio.

(1) As relações com essa serviçal já corriam mal antes da acusação ter sido feita.

(2) Esta mulher é filha de um homicida já falecido. Ela receia que espírito do pai a assombre, por isso recorreu a tantas "adivinhaos".

CASA VIII

Caso a) Há 50 anos uma rapariga de 7 anos tinha frequentes desmaios e dores de cabeça e levaram-na à espírita de Vale de Boi. Não se lembram da causa apontada mas o pai da criança foi de noite buscar terra ao cemitério para que a espírita realizasse com esta um encantamento

Caso b) Essa mesma rapariga continuava a desmaiar e a ter crises histéricas durante a sua juventude. Levaram-na a um padre "para lá do Porto" e a outro que residia perto da Serra da Estrela.

Caso c) Há cerca de 14 anos, tendo sofrido novas crises de histeria, foi consultar a média de Boialvo. Foi acusado o espírito de uma vizinha que se enforcara de andar a assombrar a paciente

Caso d) Para exorcisar esse espírito consultou uma "adivinha" de junto de Aveiro. Essa mulher foi por três vezes a casa da paciente à meia-noite. Desenhava um "cinco seimão" (estrela de cinco pontas) no chão, colocava a paciente no centro e dizia fórmulas em latim. No fim levava algumas peças de roupa da paciente para as lançar ao mar "e aos espíritos agarrados a elas"

Caso e) Há um ano começou a sofrer de uma série de problemas orgânicos e por duas vezes foi hospitalizada. Recorreu então à cartomante Natália para que lhe "fechasse a morada"

Caso f) A mãe desta mulher era considerada uma pessoa muito "achacada" pelos espíritos. Correu diversas adivinhoas, entre as quais a cartomante do Lameiro do Luso. Foi acusada a mãe da paciente de andar a assombrar. A mulher acusada tinha privilegiado a heranças alguns dos filhos em detrimento dos outros. Também aí foi dito que o espírito de uma filha da paciente, falecida com cinco anos, a protegia

Caso g) Este ano um bebé da família, filho de emigrantes, adoeceu ao vir de férias para Calhandra. Recorreram a média Lúcia e à cartomante Natália. A mãe disse serem os pais da criança muito invejados pelo seu sucesso económico, pelo que lhes tinham feito uma bruxaria com terra do cemitério. Só no menino "pegara" a bruxaria por ser o mais fraco. Uma semana mais tarde os médicos diagnosticaram um caso de sarampo. Os pais explicaram-me que a criança adoeceu por andar enfraquecida com a bruxaria que lhe tinha sido feita e levaram-na à cartomante para que esta lhe "fechasse a morada"

Caso h) Adoeceram as cabras e recorreram à espírita Cilene. Foi acusada o espírito de uma parente de andar a assombrar as cabras. Essa parente, recentemente falecida queixou-se de não ter sido enterrada no cemitério de sua freguesia

CASA IX

Caso a) Um homem com um pequeno atraso mental, foi levado pela família há 30 anos, a uma mulher no Lorvão que via a causa do mal por um copo de água. A água vinha turva, sinal que algum mal afligia o paciente. A família interpretou

o facto por ele ter engravidado uma rapariga solteira, com a qual só casou obrigado pela lei, pois tratava-se de uma menor.

CASA X

Caso a) Há três anos consultaram a espírita Prazeres por um lactente que não mamava. Foi acusado um tio da criança que enriquecera trabalhando na venda de peixe e no abate de madeiras e morrera num acidente de tractor. O enriquecimento súbito e a morte acidental levaram a que fosse suspeito de ter feito um pacto com o Diabo, e de não ter perdão. O espírito desse tio pediu que acendessem velas nas capelas dedicadas a Nossa Senhora.

Caso b) Nesta família nasceu um casal de gémeos em 1983. Todos os problemas de que estas crianças sofrem são sistematicamente atribuídos ou a assombramento pelo tio ou à inveja dos vizinhos por terem sido gémeos. A mãe das crianças recorreu à cartomante da aldeia para lhe exorcisasse a casa e "fechasse a morada" aos filhos, os quais andam sempre "armados" com uma chave de aço (1)

(1) Ver a descrição das sessões desta cartomante.

Verificamos, através deste quadro, que as explicações para o infortúnio são feitas nas proporções seguintes:

QUADRO C ⁽¹⁾

CAUSA DO INFORTUNIO	QUANT.
Assombramento por espírito	12
Inveja dos vizinhos	8
Bruxaria de mulher	2
Doença de médico	2
	24

O modo como os espíritos podem assombrar e causar problemas aos vivos já foi descrito anteriormente. Os vizinhos podem causar o mal entre si lançando pragas "do coração" ou através do mau-olhado, como foi referido. No entanto podem também realizar (ou mandar realizar) determinadas acções de efeitos nocivos: as chamadas "bruxarias". Considera-se habitualmente que qualquer pessoa poderá aprender no livro de S. Cipriano a fazer ela própria os encantamentos nocivos, dos quais o mais referido é cozer-se a boca a um sapo que se coloca à porta da pessoa que se deseja atacar. A vítima sofrerá os mesmos sofrimentos do animal, incluindo a morte simultânea.

(1) Só aqui são referidos os casos em que tal solução foi apontada

São acusados alguns indivíduos, dos quais ninguém conhece exactamente o nome e a morada, de realizarem actos de "bruxaria" quando para tal são remunerados. Um tipo especial destes actos são as designadas "bruxarias de mulher".

É do consenso geral que qualquer mulher poderá obrigar um homem a ficar-lhe "ligado" se lhe der a beber um líquido (qualquer) que contenha "drogas": sangue menstrual ou dejectos de unhas.

Os únicos casos em que houve acusação deste tipo de bruxaria foi contra mulheres que tinham estabelecido uma relação com um homem casado ou raparigas com fama de estarem "desgraçadas", ou seja, de terem tido relações sexuais com outros homens para além do noivo ou namorado.

Através dos dois conjuntos de dados apresentados percebe-se que as "adivinhaos" são geralmente consultadas por problemas conotados com a intervenção nociva de espíritos ou de vizinhos. A explicação que elas dão para os infortúnios que podem ajudar a resolver insere-se numa das seguintes categorias: assombramento dos espíritos, inveja dos vizinhos ou "bruxaria" de mulheres e "doença de médico". Alguns destes casos levam a acusações concretas da pessoa, ou ser, que causou o infortúnio. Tais acusações são no entanto feitas num contexto especial. Nos casos em que é diagnosticada uma "bruxaria de mulher" nunca é a suposta vítima que consulta a "adivinha" mas sim a sua família. Esta indica sempre a suposta "bruxa" quer se trate de uma amante de um homem casado ou da noiva de um membro da sua família, cujo comportamento (da noiva) é socialmente reprovado. Mesmo que entre a "bruxa" e o "embruxado" não exista uma relação de nocivado existe sempre uma ligação desaprovada pelas familiares do último e que eles mesmos se encarregam de nomear perante a "adivinha."

Numerosos casos referem a inveja de vizinhos mas as acusações específicas raramente são feitas. Uma acusação directa leva a um corte ostensivo de relações e é sempre evitada, só se realizando nos casos em que a relação entre a vítima e o acusado já se encontrava muito deteriorada. Dos casos referidos só num foi feita tal acusação.

A relação com a acusada já corria mal anteriormente e o afastamento consecutivo tinha pouca importância para a comunidade uma vez que a rapariga acusada pertencia a outra aldeia. Na maioria dos casos pressupõe-se que a inveja de um ou mais vizinhos é sempre recorrente, sobretudo em certas ocasiões. Através da leitura dos dados apresentados em B) pode-se determinar que a inveja é activada contra os bons casamentos, os recém nascidos em geral e particularmente se se tratar de gémeos, e o sucesso económico. Ou seja, são particularmente susceptíveis de causar inveja os acontecimentos afortunados ligados ao matrimónio, ao nascimento e ao enriquecimento.

São, além disso, mais sensíveis à inveja os animais, as crianças, as mulheres grávidas (1). Em qualquer destes casos a explicação do infortúnio como tendo a sua origem na inveja de um vizinho indeterminado é recorrente, a "adivinha" só o vem confirmar.

Muitas das explicações do infortúnio remetem para o assombramento por espíritos (12 casos em 24), os quais são habitualmente identificados. Em dois dos casos apresentados tratava-se do espírito de um vizinho que sofrera ou uma "má" morte (morrer sem ser perdoado) ou uma morte reprovada (suicida). Mas a maioria das acusações recaem sobre um parente que tenha realizado partilhas desiguais dos seus bens, ou sofrido uma "má" morte ou ainda que manifestasse em vida um comportamento socialmente desaprovado (8 casos em 12)

(1) Um dos perigos da gravidez é a criança nascer "tocada", com problemas durante os primeiros tempos de vida, por uma mulher ter invejado o estado da mãe grávida e lhe ter passado a mão pelo ventre - daí a designação de ser "tocada".

Através destes dados podemos concluir que:

- a) São apresentados às "adivinhaos" os infortúnios que os pacientes atribuem "à priori" a uma relação pessoal nociva
- b) Na maioria dos casos a origem do infortúnio é atribuída ou à inveja dos vizinhos ou ao assombramento por um parente morto. O "atacante" insere-se num dos dois círculos de sociabilidade mais importantes em Calhandra: parentesco e vizinhança
- c) As acusações directas de ataques entre vizinhos raramente são feitas pois levam a um corte de relações entre as partes. Só no caso de se tratar de uma "bruxaria de mulher" a acusação é sempre realizada, pois o que a família do "atacado" pretende é promover o afastamento entre as partes.

É sempre uma relação entre próximos que está em causa quando se recorre à adivinha.

A compreensão deste facto passa pela análise das principais relações sociais que os membros desta comunidade estabelecem entre si. Será pois do tipo de relações que caracteriza os diferentes círculos de sociabilidade que tratarei em seguida.

O nível a que as relações sociais são mais densas é entre os membros de uma mesma casa. A cada casa (habitação) corresponde, idealmente, um grupo doméstico com os seus bens: animais, alfaias agrícolas e terras (de regadio, de sequeiro e "sortes" de pinhais) que asseguram a sua subsistência. Segundo este modelo ideal cada grupo doméstico é constituído por uma família nuclear que partilha a mesma habitação e funciona como uma unidade de produção e consumo. O grupo doméstico não é estático, vai-se modificando ao longo dum ciclo que é, idealmente, o seguinte:

- a) Constituição da casa realizada em dois momentos. Quando do casamento, o jovem casal recebe dos pais as terras de cultivo necessárias para assegurar a sua subsistência e constitui uma casa à parte (a residência é neolocal). Quando da morte dos pais recebe as restantes terras nas quais se incluem as "sortes" de pinhais, única fonte de excedentes derivados das terras.
- b) Expansão da casa com o nascimento dos filhos
- c) Divisão da casa quando os filhos se casam.

Este modelo ideal nem sempre corresponde à realidade. As principais modificações surgem na sequência da divisão da casa. Se o casal só tiver um filho(a) este(a) fica habitualmente a residir com os pais. Neste caso o jovem casal costuma vender os produtos agrícolas que obtém nas terras que lhe foram atribuídos e possui relativa autonomia económica de que só faz uso em caso de necessidade. Os habitantes da casa continuam a funcionar como um grupo doméstico.

Mesmo que o casal tenha diversos filhos, o último a casar pode continuar a residir em casa (deste caso não existe actualmente nenhum exemplo em Calhandra, embora tenha ocorrido no passado). Vulgarmente todos os filhos saem de casa e o casal original mantém para si algumas terras de cultivo e a totalidade das "sortes". Quando se consideram velhos demais para trabalhar no campo ou quando um dos cônjugues morre costumam entregar a totalidade das suas terras e optam por uma de duas soluções: ou passam a residir, durante um período de tempo estipulado, em casa de cada um dos seus filhos; ou recebem de cada um destes uma "pensão" e continuam a residir sozinhos.

Uma outra alteração ao modelo ideal situa-se ao nível da partilha dos bens herdados entre os irmãos. A herança é divisa e qualquer situação em que se considere que um dos herdeiros foi privilegiado é contestada, levando usualmente a um corte de relações entre os herdeiros ou entre os filhos e os pais. Quando estes morrem ou quando entregam as terras em vida efectua-se o seguinte processo de partilhas: é chamado um "louvado", que é um habitante da zona com experiência de avaliar os bens. Este homem deve dividir cada tipo de bens (habitações, alfaias, terras, gado) num número de porções idênticas que seja igual ao número de herdeiros. Cada um destes escolhe um papel fechado do qual não conhece o conteúdo e que designa quais os bens que lhe foram atribuídos. Todo este processo visa a que a partilha seja o mais rigorosa e aleatória possível, e não se costumam fazer contestações posteriores. No entanto, caso algum(s) dos herdeiros não habite na zona, este costuma arrendar aos irmãos as terras que lhe couberam nas partilhas. Neste caso fica o arrendatário com o encargo de cumprir a parte das obrigações para com os pais (cuidar deles ou dar-lhes a "pensão") que cabia ao irmão ausente. A renda dos terrenos arrendados aos irmãos nunca é cobrada.

Este processo permite que as casas com grande número de filhos (1) não dividam as suas terras ao ponto de inviabilizarem a subsistência dos herdeiros.

As outras alterações ao modelo são os casos em que o jovem casal fica temporariamente a residir com os pais até conseguir constituir casa; é ^{também} o caso das mães solteiras, que habitualmente residem sempre ^{ou} com os pais ou com os seus filhos, quando estes atingem a idade adulta.

O grupo doméstico implica também uma determinada atitude ética e moral. No seu interior o ideal é a inter-ajuda, a cooperação e a harmonia. Os bens da casa são de todos, os seus membros devem colaborar todos em comum, para a manutenção e a prosperidade da casa, devem-se ajudar em qualquer ocasião sem exigir nenhuma contrapartida. Os laços de solidariedade de qualquer indivíduo são, em primeiro lugar, para com os outros membros do seu grupo doméstico. Por outro lado qualquer pessoa é geralmente identificada com o grupo doméstico e pode representá-lo em certas ocasiões, como seja, funerais e reuniões ocasionais de toda a comunidade para discutir um problema comum. Desde que uma pessoa seja solteira e não possua uma residência própria e uma vida economicamente independente e estável é considerada membro da sua casa de origem, mesmo que esteja ausente da comunidade.

(1) Que coincidem com as famílias com maior número de migrantes

O segundo círculo de sociabilidade onde as relações são mais intensas é o dos parentes próximos, das pessoas que são consideradas "família". Estes, são, em primeiro lugar, os irmãos e os pais para um casal que já tenha estabelecido residência autónoma. Incluem-se também neste grupo os tios, os avós e os "parceiros" - este termo designa os sogros de qualquer dos filhos do casal. - Estas relações são sempre intensificadas pela proximidade espacial. Não sendo muito forte a prática da comensalidade, é hábito oferecer alimentos aos membros deste grupo de parentes que residam na aldeia sempre que se faz uma refeição melhorada, por ocasião da visita de uma pessoa de fora, dos anos de algum dos seus membros ou da matança de um porco. Estas pessoas são os parceiros preferenciais para ajudar nas tarefas agrícolas e dão-se assistência na doença e na morte. Por vezes possuem máquinas agrícolas em comum ou aparelham o gado juntos.

No caso destes parentes residirem noutra localidade, são sempre convidados para o almoço da festa patronal, sendo habitualmente os únicos convidados. Costumam ser as primeiras pessoas exteriores à aldeia chamadas em caso de morte de um membro do grupo doméstico. Além disso, vêm por vezes ajudar às tarefas agrícolas. Este é o grupo mais alargado de parentes que são convidados para a festa de casamento ou que têm a obrigação de colocar luto por um dos seus membros. Por outro lado é entre estes parentes que são habitualmente escolhidos os padrinhos de baptismo das crianças. Note-se que apesar da proximidade genealógica as trocas entre o grupo doméstico e o seu grupo de familiares costumam ser dominadas pela preocupação do equilíbrio, sobretudo se entre eles se interpõe a distância espacial. Os convidados para a festa patronal devem depois retribuir convidando os anfitriões para a sua festa. Se por alguma razão estes faltarem à festa, ou por estarem de luto ou doentes, os membros da casa anfitriã não vão durante um ano à festa dos seus convidados. Se só um membro da casa convidada faltou, o membro equivalente da casa anfitriã (por exemplo, a dona da casa) não irá por sua vez à festa. A este acto de troca de refeições cerimoniais chama-se o "convite", termo utilizado noutras ocasiões de inter-relação.

Designa-se igualmente por "convite" ao dinheiro que se deixa na cabeceira de um membro da comunidade hospitalizado. A família do doente deve retribuir o "convite" à casa que o ofereceu logo que um membro desta seja hospitalizado.

Os parentes mais afastados são geralmente apenas nomeados como tal. Através de diagramas de parentesco relativos a esta aldeia percebemos que quase todas as casas estão ligadas entre si por uma relação deste tipo⁽¹⁾. Esta relação não é nomeada nas conversas correntes, apesar de ser conhecida. Entre estes parentes mais afastados não existe uma relação de "convite" nem de interajuda no trabalho, a única obrigação que mantém entre si é a assistência aos funerais respectivos.

O círculo de sociabilidade em que é mais nítida a exigência de uma relação em que as trocas sejam equivalentes é o da vizinhança. As inter-relações entre vizinhos são constantes: encontram-se quotidianamente, podem pedir emprestados bens alimentares e alfaias agrícolas, os homens trabalham nas mesmas empresas de madeireiros ou ainda emigram juntos. Algumas casas mantêm entre si relações preferenciais semelhantes às relações que se estabelecem no interior da "família", exceptuando a obrigação de colocar luto. Habitualmente as relações de vizinhança são caracterizadas pela interajuda nos trabalhos agrícolas e a assistência no infortúnio. Em certos momentos do ciclo agrícola é hábito cada casa chamar os seus vizinhos para a ajudarem. Em troca os elementos desse grupo doméstico irão por sua vez trabalhar para a casa que os ajudou. Este trabalho não é contabilizado em tempo mas em tarefas. Por exemplo, se a casa A ajudou a casa B a semear todas as suas batatas, a casa B deverá enviar algum dos seus membros para realizarem a sementeira de batatas da casa A. Nunca são contados nem os elementos de cada casa que participam nestas tarefas nem a quantidade de trabalho por eles efectuado.

(1) Ver Apêndice I

A ênfase é posta no acto de troca, na interajuda, e não na quantidade de trabalho trocada. Nestes casos a casa que é ajudada deve fornecer uma refeição melhorada. Com o aumento do rendimento monetário destas populações nos últimos anos começou-se a contratar pessoas para as tarefas agrícolas a troco de um pagamento em dinheiro. Este procedimento tem sido, no entanto, pouco utilizado.

Os vizinhos devem-se igualmente ajudar na doença e na morte. No primeiro caso toda a povoação vai visitar o paciente caso a doença seja grave, podendo inclusive ajudar a família deste. Em caso de morte de um dos seus habitantes, cabe aos vizinhos ajudar a lavar o morto, confortar a família, cozinhar para eles durante os dois primeiros dias e realizar todas as suas tarefas domésticas e agrícolas. Cabe igualmente aos vizinhos participar no velório, juntamente com os parentes próximos do falecido. Durante este velório deve estar presente pelo menos um membro de cada casa. Nenhum vizinho deve comer carne durante a semana seguinte, não devem fazer festas ou refeições melhoradas nem ligar o rádio ou a televisão. É este o único momento em que é estipulado por tradição que a comunidade deve agir como um todo.

Habitualmente só os jovens actuam como representantes da povoação, ou quando são escolhidos para mordomos da festa de Santo Amaro, ou quando participam nos casamentos. Dos três ritos de passagem que assinalam os principais momentos do ciclo de vida de um indivíduo, o baptismo, casamento e funeral, só no último a comunidade é convidada a participar como um todo. Ao baptizado apenas assistem os membros do grupo doméstico e os padrinhos. Nos casamentos, para além da família dos noivos participam todos os jovens das aldeias respectivas. Os jovens costumam ainda festejar em comum alguns dias do ciclo de festas: é o caso do dia de Reis e do Carnaval. São os jovens o único grupo que age habitualmente (1) como um conjunto unido por relações de pertença à mesma povoação.

(1) Exceptuando os funerais

No interior da aldeia e apesar dos seus membros se considerarem inseridos numa das três categorias de "ricos", "honestos" e "pobres", não existem diferenças económicas entre as casas que levem à criação de grupos estáveis definidos em termos de riqueza. Nesta zona de minifúndio a pobreza costumava sobrevir apenas nos casos de casais com numerosa prole que não podiam assegurar a cada um dos filhos as terras necessárias à sua sobrevivência. Efectivamente sempre houve casas relativamente mais abastadas no interior da povoação, mas esta situação podia-se inverter no espaço de uma geração.

Esta situação de uma relativa estratificação social baseada na quantidade de terras que cada casa possui foi hoje em dia anulada por terem surgido novas fontes de rendimento: o trabalho nas madeiras ou na construção civil e a emigração. No entanto ainda prevalecem certas expressões de sanção social características de sociedades onde as fontes de rendimento são escassas: refiro-me às acusações de "ganância" e de "pactos maçónicos". Considera-se que um homem que enriqueça flagrantemente durante a sua vida pode ter feito um pacto com o Demónio e ser "maçónico". Esta teoria é comprovada se a pessoa em causa morrer de acidente. Quanto às acusações de ganância, são feitas a todas as pessoas que nunca procuram ajudar os outros, sobretudo em bens. Nesta zona de minifúndio cada casa luta pelos mesmos ideais de prosperidade, não possuindo, em princípio, muitos meios de aumentar os seus bens de raiz. Cada casa pode fechar-se sobre si mesma e entrar em concorrência com as outras, recusando-se a agir como um dos grupos domésticos da comunidade. É este tipo de comportamento que é criticado na acusação de "ganância" (1), pois o ganancioso é aquele que se recusa a participar com os vizinhos nos actos de interajuda. Há, por outro lado, o perigo de esta disjunção se maximalizar e os vizinhos se roubarem entre si.

(1) A igreja de Pinhais está decorada com diversas pinturas representando santos e uma única que expõe o "rico ganancioso" sofrendo as chamas do Inferno

O roubo tradicionalmente referido é a mudança dos marcos que delimitam os extremos das terras de cada um. A inveja também é vista como um roubo que utiliza forças imateriais para retirar força vital aos vizinhos, sendo os seres mais frágeis os mais atacados, como já foi referido. Uma comunidade estruturada com base em unidades quase auto-suficientes aos níveis económico e social - os grupos domésticos - corre o risco de se desagregar em múltiplas pequenas unidades independentes. As relações de interajuda estipuladas tradicionalmente agem como um meio da povoação manter vivos os seus laços de solidariedade. As acusações de inveja e ganância são expressão do perigo das casas concorrerem entre si pelos mesmos ideais individualistas levando à desagregação dos laços comunitários. Estas acusações apontam os comportamentos de características mais negativizadas neste tipo de sociedade.

O mais alargado campo de relações em que esta população se insere é o das designadas "gentes das serraipas". As relações com membros de outras povoações estabelecem-se preferencialmente dentro da zona da serra, independentemente dos limites de freguesia e mesmo de concelho. Todos os membros destas povoações vizinhas e serranas se conhecem; os jovens de cada aldeia participam nos bailes de todas estas povoações; os casamentos são maioritariamente realizados entre estas aldeias; cada grupo doméstico envia um dos seus membros a participar nos funerais de outros habitantes da zona; é nos seus limites que se encontram as organizações de assistência mútua. Estas são a "associação dos gados" e a "irmandade das almas".

A primeira tem cerca de 30 anos de existência e nela estão inscritas todas as casas que possuem gado bovino. Estes animais representam o maior investimento monetário que cada casa faz regularmente e são a sua principal fonte de rendimentos derivados da agricultura. Cada membro da associação paga uma cota anual com as quais são pagos os prejuízos aos proprietários cujo gado morreu sem que eles fossem responsáveis. A esta associação pertencem os habitantes da zona serrana das freguesias de Pala e Pinhais. Já a irmandade das almas inclui apenas as povoações serranas da freguesia de Pinhais. Nela participam apenas os chefes de família (ou as suas viúvas, no caso deles falecerem). Estes comprometem-se a participar nos funerais de todos os membros da associação, envergando as "opas", uma espécie de ~~camisa~~ comprida branca e vermelha, e acompanhando o caixão com uma vela na mão. Comprometem-se ainda a assistir às 60 missas que serão ditas por alma do morto. Alguns membros da irmandade, os chamados "davindos", não assistem aos funerais nem às missas e pagam uma multa ou "finta".

Com esse dinheiro são pagas as despesas fúnebres dos "irmãos", das suas mulheres e dos filhos primogénitos, caso estes faleçam antes de se casarem. Essas despesas incluem o pagamento do carro fúnebre, da deslocação do padre, do trabalho do coveiro e das 60 missas a serem realizadas. A irmandade possuía ainda uma festa própria, a 2 de Fevereiro, que deixou de se realizar. Como os "davindos" são os habitantes com maior disponibilidade monetária compreende-se que esta associação funciona como um seguro, para qualquer membro de um casal, de que terá um funeral condigno, independentemente da sua condição económica.

Através destes dados pode-se compreender que se delimita uma zona ^{de serra} cujas populações mantêm entre si relações preferenciais.

Os laços de solidariedade no interior desta zona ultrapassam os existentes no interior da freguesia, o que se explica não só pela proximidade espacial e pela semelhança socio-económica entre as aldeias serranas (1) como pela inexistência de laços que unam as povoações da freguesia. A sede de freguesia é relativamente distante das aldeias da serra (são aproximadamente 6 Km até Calhandra) e as populações da zona mais longínqua não costumam assistir regularmente ao serviço litúrgico. Por outro lado não participam em nenhuma festa comunal. Não existe qualquer acontecimento comunal que permita avivar os laços de solidariedade da freguesia.

Estes diferentes círculos de sociabilidade podem-se organizar segundo o modelo proposto por M. Sahlins (Sahlins, 1976), obtido através da análise e tipologia das relações de troca recíproca em sociedades tribais. Seguindo a tipologia do autor procurarei definir os principais círculos de sociabilidade (grupo doméstico, "família", vizinhos) segundo o tipo de relações que prevalecem no seu interior. No grupo doméstico as relações são de reciprocidade generalizada, os dons de comida, de trabalho, a ajuda e a assistência não são contabilizados e a solidariedade é máxima. Todos os seus membros trabalham em comum para manter a casa.

(1) Na zona de vale encontra-se a média propriedade e uma maior extratificação social.

É ao nível da "família" que se encontra a passagem da reciprocidade generalizada para a equilibrada. Como referi as relações de troca tenderão a ser tanto mais simétricas quanto maior fôr a distância espacial. Cada irmão pertence agora a um grupo doméstico autónomo, que mantém relações preferenciais com as casas dos outros irmãos, lutando acima de tudo pela sua própria prosperidade. Mas é no interior do círculo de sociabilidade de vizinhos que a preocupação em manter uma reciprocidade equilibrada é mais flagrante. Esta centra-se, no entanto, mais numa equivalência do acto de trocar do que nos produtos trocados: o aspecto social da troca subsume os seus aspectos económicos. Mas as partes em presença no acto da troca têm interesses socio-económicos distintos. Podem recusar-se a participar nas transacções, ou seja, recusarem-se a estabelecer uma relação com os outros vizinhos, e mesmo roubá-los. Entramos aqui no domínio das relações marcadas por uma sociabilidade negativa.

São expressão deste tipo de sociabilidade os actos que se consideram ser inveja de vizinhos ou "bruxaria de mulher". Esta última pode ser considerada um roubo, uma vez que elas são acusadas de se terem tentado apossar de um homem que com elas não se devia relacionar. Neste sentido insere-se, ao lado da inveja, na categoria dos roubos efectuados pelos vivos.

No interior do grupo doméstico e da "família" tal facto não ocorre, dadas as características do relacionamento social "ideal" que apontam para a manutenção da harmonia e da solidariedade máximas. Mas embora tal facto não ocorra há um fenómeno que lhe é correspondente: o assombramento por espíritos. Como foi referido o espírito é frequentemente identificado com um parente próximo falecido, parente esse que sofreu uma "má morte" ou que, na maioria dos casos, realizou partilhas mal feitas. Este último facto exprime a importância da fase da divisão da casa para esta sociedade.

Esse é o momento em que o grupo doméstico original se desmembra e cada um dos seus membros se insere numa nova casa, passando as suas relações com os irmãos ou outros parentes próximos a serem caracterizadas por um tipo de reciprocidade equilibrada.

Verifica-se portanto que as explicações dadas pelas "adivinhaos" referem casos relacionados com as zonas de mudança do tipo de relações sociais que os actores estabelecem entre si. Referem o tipo de problemas que se levantam no limite dos principais círculos de sociabilidade. É por referir zonas de tensão social que o seu discurso se torna plausível, e pertinente, para os seus pacientes.

O assombramento por espíritos exprime ainda um facto mais geral: o da importância atribuída nesta comunidade à morte. É das atitudes face à morte que tratarei seguidamente.

Atente-se, em primeiro lugar, às consequências para esta comunidade da morte de um dos seus membros. Ao nível do grupo doméstico a perda de um dos seus elementos tem significados diferentes consoante as funções desempenhadas pelo falecido. Se se tratar de um membro jovem o grupo doméstico perde um trabalhador, potencial ou real. Mas se for um cabeça de casal (marido ou mulher) a sua morte poderá ainda implicar a transferência efectiva do poder para os herdeiros e finalizar o processo de divisão da casa. É quando enviuvam que os membros do casal costumam entregar todos os seus bens aos filhos. Caso os herdeiros sejam solteiros mais maiores recebem uma parte do total da sua herança, pois o progenitor vivo ainda se encontra, habitualmente, em idade activa e mantém para si os bens necessários à sua subsistência e a maioria das "sortes". Neste caso o processo de divisão da casa inicia-se com a morte de um dos pais, embora habitualmente só se efective quando os herdeiros casam e constituem casa própria, deixando de trabalhar em comum com os restantes membros da sua família de origem as terras que já lhes pertenciam por lei.

Mas quer se trate de um cabeça de casal ou de um jovem solteiro, a morte de um membro do grupo doméstico representa sempre uma perda afectiva e um choque emocional para os seus parentes mais próximos. Nesse momento os membros do grupo doméstico recebem o apoio dos vizinhos e da "família" os quais, como foi salientado, os acompanham de perto nos dias que se seguem, realizando as tarefas domésticas da casa enojada e respeitando o seu luto.

A morte pode ter como consequências a reestruturação do grupo doméstico e implicar alteração do peso económico da casa enlutada em relação aos restantes grupos domésticos da comunidade, vindo alterar as relações no seu interior. A morte de um dos seus membros é o acontecimento que pode implicar a ocorrência de maiores modificações na estrutura desta comunidade.

Para além das suas implicações económicas e sociais, a morte representa em si o momento da desagregação de um outro ser igual.

O carácter meramente biológico do acontecimento é em qualquer sociedade eclipsado pela sua leitura cultural e as suas implicações sociais. Todas as sociedades prescrevem uma determinada atitude face à morte relacionada com os seus aspectos sociais e com a sua leitura simbólica. É nesta atitude que procurarei descrever através de dois tipos de dados, relativos, por um lado aos ritos funerários e, por outro, às crenças relacionadas com a morte.

O falecimento de qualquer pessoa é imediatamente anunciado pelos gritos dos seus familiares. Acorrem diversos vizinhos que se encarregam dos primeiros cuidados com o morto: lavam-no, penteiam-no, cortam-lhe as unhas, fazem-lhe a barba e "amortalham-no" com as suas melhores roupas.

Colocam-no seguidamente ao centro da sala, com os pés para a porta. Este trabalho é sempre realizado pelas pessoas "afoitas" ou "fortes" (1) enquanto as outras param todos os relógios da casa e retiram os bens alimentares de ostentação (fruta, vinho) dos locais visíveis. Durante o dia da morte o falecido é visitado por diversos membros da "família" residentes noutras povoações e por um elemento de cada grupo doméstico da comunidade. Cada um dos visitantes coloca uma vela ou uma candeia de azeite à cabeceira do falecido. São também estes os participantes no velório, como já foi descrito.

No dia seguinte o padre realiza uma oração fúnebre junto do morto antes da urna ser retirada de casa. Esta era antigamente levada pelos homens do seu grupo doméstico, pelos jovens da aldeia caso se tratasse de um deles, ou ainda pela madrinha do falecido se este fosse um "anjinho" (2).

(1) Ver a classificação local de pessoas referida anteriormente

(2) As crianças pequenas, designadas de "anjinhos", não têm direito nem a funeral nem a acompanhamento de padre

A longa caminhada até ao cemitério de Pinhais era feita a pé pelo chamado "caminho da Irmandade", rezando todos os parentes no cortejo um Pai Nosso, uma Ave Maria e uma Salve-Maria ao passar por encruzilhadas ou pelas capelas de outras povoações. Hoje em dia o morto é levado no carro fúnebre mas, como sempre aconteceu, é seguido por um numeroso cortejo no qual se incluem a maioria dos membros da povoação e da sua família e ainda os seus parentes afastados e muitos habitantes da zona da serra (1). Destes dois grupos só participam a nível individual os amigos íntimos do falecido. Todos os restantes vão como representantes de um grupo doméstico. É realizada uma missa de corpo presente na igreja e a urna segue para o cemitério. Quando é lançada à terra as mulheres do grupo doméstico do falecido gritam e choram, no que são seguidas por algumas das vizinhas e das mulheres da "família". Estes gritos já se tinham feito ouvir anteriormente, quando a urna saía de casa. Após o funeral o ambiente é coloquial: parentes e conhecidos aproveitam para conversarem enquanto a família do defunto recolhe a casa. Cabe a estes a obrigação de mandar rezar a missa do sétimo dia, em que participam os vizinhos e os parentes mais próximos, e de encomendarem diversas missas pela salvação da alma do defunto. Têm ainda a obrigação de cuidar da campa deste, tarefa que realizam semanalmente durante o primeiro ano de luto. Deverão ainda lembrá-lo nas suas orações, em especial no dia de Finados e domingo de Páscoa.

A este ritual, o mais longo e complexo realizado nesta comunidade, corresponde uma visão da morte que encara esta como o "mais duro golpe". A morte é sempre anunciada seja por sonhos, seja por certos animais.

(1) Os cortejos costumam ter até cerca de mil participantes

Sonhar com flores ou com objectos que se perdem em água corrente é sinal de morte próxima na família, bem como ouvir o gado a meio da noite ou ver mochos a rondar a casa.

Para que o defunto não tenha de "penar" sobre a terra depois de falecido, interessa que todo o ritual seja cumprido como é estipulado por tradição para lhe providenciar uma "boa morte". Este conceito, descrito anteriormente, encontra-se noutras zonas do País. Nomeadamente ele é referido por Patricia Goldey para o contexto minhoto. Esta autora fá-lo remontar às concepções medievais sobre a morte:

"The medieval notion of the good death involved resisting the temptation to despair of pride, together with sincere repentance for sins committed. Apart from the metaphysical aspects, there was also a very practical side to a good death; dying with good warning, in bed, enabled one to prepare for death with the appropriate, traditional ceremony and to do a public accounting - forgiving enemies, blessing friends and children, and paying off one's debts".

(Goldey, 1983: 1/2)

Este conceito, como já foi referido, liga-se à ideia de que a vida é uma preparação para a morte e de que todos os pecados cometidos serão resgatados depois do falecimento.

Os homicidas, os ladrões, as mulheres que mantiveram relações extra-maritais e todos aqueles que não cumpriram as suas obrigações de solidariedade no interior do grupo doméstico estão associados à ideia da "má morte". Esta concepção é confirmada se morrerem por acidente. O caso dos suicidas vem conjugar os dois conceitos sobre a "má morte", pois estes não só morrem sem o acompanhamento da família e sem serem perdoados nem terem perdoado as suas contendas, como o próprio acto da sua morte é condenável. Por isso eles são preferencialmente utilizados como exemplo de almas errantes.

Mesmo não sofrendo uma "má morte" todos os defuntos terão de passar pelo Purgatório para se purificarem. Durante este tempo necessitam das devoções dos vivos, que os parentes próximos costumam ser os principais accionadores, mantendo activa a relação com os seus defuntos.

Esta ideia, integra-se na visão da vida depois da morte já descrita. A ela corresponde uma definição do mundo dos espíritos ou almas no qual se integram também as figuras dos demónios e dos santos. Estas duas últimas categorias de seres encarnam as figuras do Mal e do Bem. A sua capacidade de intervenção junto dos vivos é referida por Patricia Goldey: "Although the forces of good are commonly believed to appear in physical form with some regularity in the Portuguese tradition - miraculous statues, springs, and the apparitions at Fatima, all with firm credentials from orthodox Catholicism - there is nothing inconsistent in an equally strong belief in the physical manifestations of the forces of evil". (ib. ibidem: 7)

Esta intervenção é, simultaneamente, menos constante e mais poderosa do que a dos restantes espíritos. Os últimos encontram-se mais próximos dos vivos, especialmente daqueles com quem se relacionaram em vida, do que os santos e os demónios.

Os espíritos, por seu lado, situam-se numa posição intermédia entre as forças do Bem e do Mal, sendo somente conotados com estas em casos extremos. As características de uma força do Mal podem ser atribuídas aos espíritos de certos suicidas, quando se considera que estes se "encostam" aos vivos apenas para os "desgraçarem". No polo oposto encontramos a figura dos "anjinhos" como exemplo de almas que podem interceder e proteger os seus familiares. O mundo dos espíritos é encarado como se se organizasse em torno de dois eixos, entre o Bem e o Mal, entre a maior e menor capacidade de comunicação com os vivos.

Para esta comunidade a morte de um dos seus membros é o acontecimento que maiores modificações poderá introduzir na sua estrutura interna. Toda a comunidade se integra nos ritos funerários, nos quais participam igualmente membros dos outros círculos de sociabilidade em que o defunto se inseria. De entre os ritos de passagem os relativos à morte são os mais complexos e aqueles que activam maior número de relações sociais. Por ocasião da morte as obrigações rituais de inter-ajuda vêm reafirmar os laços que ligam os diversos actores sociais entre si. O grupo doméstico enlutado é apoiado nesta crise por toda a povoação e pelos seus parentes mais próximos, os quais devem esquecer qualquer contencioso que mantenham com o morto ou com a sua família. O cortejo é acompanhado por elementos do círculo de parentes mais alargado do defunto e por diversos membros das outras povoações serranas. Ao mesmo tempo que se assiste - como acontece noutras ocasiões cerimoniais, nomeadamente nos ritos de passagem - à reafirmação dos laços recobertos pelos círculos de sociabilidade dotados de maior densidade - grupo doméstico, "família", vizinhança - também são retraçadas e reactivadas as relações sociais mais "lassas", designadamente as relativas aos parentes mais afastados e aos habitantes das povoações da serra.

As obrigações rituais para com o defunto ultrapassam os limites do funeral. É estipulado o tempo de luto que os membros do grupo doméstico e da "família" deverão manter. Este tempo varia consoante a intensidade da relação que os "enojados" mantenham com o morto. Os viúvos devem pôr luto toda a vida e durante duas semanas andarem de luto "carregado": os homens não fazem a barba, as mulheres usam um xaile negro sobre a cabeça e nenhuns se lavam. O luto pelos pais ou por filhos (1) usa-se "carregado" durante uma semana e mantém-se durante três anos. O luto por irmãos é de dois anos e por avós de um ano. Só se põe luto por tios se com eles se mantiveram relações significativas. Estas prescrições do luto são geralmente extensivas ao cônjuge de "ego".

Outras obrigações rituais para com o defunto consistem em orações e missas pela salvação da sua alma. Como já foi referido, estas dizem sobretudo respeito aos membros do grupo doméstico. São os parentes mais próximos que encomendam missas mensais pela alma do defunto durante o ano que se segue ao falecimento. São eles que lhe cuidam semanalmente da campa durante esse período e quem reza quotidianamente pela salvação da alma dos seus defuntos. No dia de finados acendem velas na campa dos seus parentes defuntos, na Páscoa lembram-nos em casa. A relação com os parentes continua para além da morte destes.

Percebe-se, perante estes factos, que os círculos de sociabilidade caracterizados por uma maior densidade de relações demarcam a zona de maior interacção entre vivos e mortos. Esta interacção é mantida pelos vivos através das devoções rituais que realizam pela salvação das almas dos seus. Do lado dos mortos, são as almas dos parentes mais próximos que intervêm pelos vivos. É esta visão da continuação de uma relação preferencial mesmo depois da morte que justifica que os espíritos que intervêm junto dos vivos sejam, sobretudo, as almas dos seus familiares.

- - - - -

(1) Salvo pelos anjinhos

5. CONCLUSÕES

Desde o estudo clássico de Evans-Pritchard sobre os Azande, os antropólogos têm recorrentemente definido e interpretado a bruxaria como sendo, fundamentalmente, um sistema explicativo do infortúnio:

"Néanmoins le concept de sorcellerie leur fournit (aux Azandé) une philosophie naturelle qui explique les rapports des hommes et les événements malencontreux; il leur fournit aussi un moyen tout prêt et tout classique de réagir à pareils événements" (Evans-Pritchard, 1972: 96)

"La sorcellerie est présente à toutes les infortunes: c'est l'idiome dans lequel les Azandé parlent d'eux-mêmes et s'expliquent eux-mêmes. La sorcellerie est une classification des malheurs qui, s'ils diffèrent entre eux à d'autres égards, offrent cet unique caractère commun: ils sont nuisibles à l'homme" (id. ibidem.: 97/98).

Nesta comunidade, como foi referido, a definição do discurso da bruxaria como meio de resolver o infortúnio é insuficiente, uma vez que existem outros discursos que o paciente pode utilizar nesses casos: a Medicina e a Religião (1). Todos estes discursos lhe fornecem uma explicação e uma solução para o infortúnio, pelo que a definição aponta a função comum dos três discursos e não o traço distintivo de um entre eles.

(1) Referência capítulo I

Como foi verificado no capítulo anterior, é específico do discurso das "adivinhaos" uma determinada conceptualização do infortúnio. Esta expressa preocupações relacionadas com um correcto processamento das relações no quadro dos dois círculos socialmente mais densos: o do parentesco e o da vizinhança. Este aspecto é aliás igualmente referido por Evans-Pritchard. O autor, ao mesmo tempo que define a bruxaria como um sistema explicativo do infortúnio, não deixa de fazer referência - aliás contraditória com a sua teoria primeira - ao peso que nela têm a estrutura das relações sociais:

"En étudiant la sorcellerie zandé, il nous faut garder deux choses présentes à l'esprit: premièrement que cette notion est une fonction des situations d'infortune, et deuxièmement, que c'est une fonction des rapports personnels" (id. ibidem: 142)

A preocupação por um correcto processamento das relações sociais, expressa no discurso da bruxaria, tem sido recorrentemente interpretado, à boa maneira funcionalista, em termos de controle social. Veja-se a este propósito, e uma vez mais, Evans-Pritchard:

"En outre, les croyances relatives à la sorcellerie renferment un système de valeurs régulatrices de la conduite humaine" (id. ibidem.: 96)

Esta interpretação da bruxaria como uma forma de controlo social através do contributo que este discurso traz à manutenção do sistema de valores da sociedade está igualmente expresso na interpretação da feitiçaria na sociedade trobriandesa realizada por Malinowski:

"Na nossa exposição versamos os pontos importantes:
o uso da feitiçaria como meio de coerção (...)"

(Malinowski, 1976: 109)

"Mas também aí, posto que invariavelmente se coloque ao lado dos poderosos, ricos, influentes, a bruxaria é um apoio aos interesses criados; daqui que o seja amplamente da lei e da ordem. É sempre uma força conservadora e fornece a fonte principal do saudável recurso ao castigo e à redistribuição, que são indispensáveis em qualquer sociedade organizada". (id. ibidem.: 118)

O aspecto normativo da bruxaria é referido por Mary Douglas na sua análise sobre o sistema conceptual característico de sociedades primitivas:

"La seule question d'actualité qui se pose à eux est celle-ci: comment organiser les gens et soi-même par rapport à autrui? (...) Lorsque, dans une telle communauté la vie sociale s'est organisée en une forme quelconque mais constante, des problèmes d'ordre social surgissent dans les domaines mêmes où règne la tension, où existent des conflits. Les croyances relatives au châtement automatique, au destin, à la vengeance des fantômes, à la sorcellerie même, font partie des mécanismes destinés à résoudre ces problèmes, et c'est pourquoi elles se trouvent cristallisées dans les institutions"

(Douglas, 1971: 108)

A tentação de aplicar este tipo de explicação é forte. As próprias verbalizações dos actores sociais apontam nesse sentido. São acusados, preferencialmente, de lançarem mau-olhado as pessoas (1) que se recusam ostensivamente a colaborar com os vizinhos, especialmente nas ocasiões de interajuda nos trabalhos agrícolas, e as mulheres que comentam os assuntos íntimos dos outros, podendo estas ser acusadas também de lançar pragas que mais tarde recairão sobre elas. São as pessoas que se furtam às obrigações de colaboração que unem esta comunidade como um todo ou aqueles que não respeitam a individualidade dos outros grupos domésticos os personagens que encarnam preferencialmente a figura do invejoso. Do mesmo modo qualquer pessoa sabe que uma "má-morte" terá como consequência ter de penar enquanto espírito. Expressão deste temor com a "má-morte" é o caso da viúva que procurou saber junto de algumas "espíritas" se o seu falecido marido não necessitava que ela lhe pagasse uma promessa ou uma dívida esquecidas (ver Caso II, c), no capítulo anterior) ou da filha de um homicida que após a morte deste recorreu a numerosas "espíritas" e exorcistas por causa de umas cabras doentes, receando estar a ser vítima de um assombramento pelo próprio pai (Caso VII, a)). Dir-se-ia que a bruxaria, nesta comunidade, parece estar orientada para o desencorajar de determinados actos considerados contrários à norma social.

(1) Só conheci casos de mulheres

No entanto uma segunda avaliação do material sugere a necessidade de levar a análise mais longe pois o discurso da bruxaria não é o único utilizado como forma de controle social. Não é este o traço que a diferencia de um conjunto de outros fenómenos e instituições que podem ser igualmente tributárias desse lado "funcional". Dada uma comunidade provida de uma estrutura e de valores que regulamentam a vida social, todas as instituições e fenómenos no seu quadro estão condenadas, a contribuírem nesse sentido.

O aspecto central deste discurso é, de facto, o que se prende com um relacionamento social defeituoso no plano em que as relações sociais se deveriam caracterizar justamente por uma norma baseada na harmonia e na cooperação. O discurso da bruxaria aponta sistematicamente para um mal estar sentido ao nível dos círculos de sociabilidade mais densos: vizinhos e parentes próximos. Retomem-se aqui os dados expostos no capítulo sobre Medicina "Popular". Verificou-se que a doença podia ser atribuída não só a causas orgânicas como à acção nefasta de certos animais e à inveja e assombramento. O sistema de causalidade utilizado pelas "adivinhaos" encontra-se já ao nível da definição "popular" de doença e aponta para um desequilíbrio nas relações sociais. Esta conceptualização da doença encontra-se noutros povos:

"To begin with we are introduced to Zulu notions of health as the outcome of a balance in the relationship of man to environment, which is thought of not merely as the geographical and ecological background to social life but as ambiance of individual and family life charged with mystical forces and hazards. Within this environment one is safe; danger comes from the outside. Disease represents a disturbance of the balance, so treatment is directed to restoring it" (M. Fortes, prefácio de Ngubane; 1977; ix)

Lison - Tollosana dá o exemplo dos Navaho:

"Los navaho conciben en parte la enfermedad como una falta de armonía entre una persona, sus vecinos y las fuerzas de la Naturaleza; restaurando a través de ritual la armonía cósmica y vecinal curan el cuerpo doliente" (Tollosana. 1981: 193)

A doença é sempre concebida como uma desordem. Como uma desordem no curso normal dos acontecimentos é igualmente concebido o infortúnio exposto perante a "adivinha": os desastres que se sucedem, os animais que adoecem, as pessoas com comportamentos estranhos. Implícita no acto de recorrer à "adivinha" está a ideia de que qualquer desordem - orgânica ou outra - se pode dever a um desequilíbrio nas relações sociais. A "adivinha" responde apontando certos actores sociais com os quais o conflito é virtual.

Com efeito, a menos que exista "à priori" uma relação detiorada cujo protagonista possa ser acusado de causador do mal (Caso VI, a)) a "adivinha", na maioria dos casos limita-se a apontar a figura negativizada do vizinho invejoso ou a nomear um espírito, cuja relação com o actor social está mediada pela morte. Os pacientes ao procurarem a "adivinha" julgam estar a ser alvo do ataque (simbólico) de um personagem que se furtou às suas obrigações de reciprocidade e manutenção da relação social: o vizinho que rouba ou o "mal morto". Este último é, em muitos casos, o suicida, o homicida, o que realizou más partilhas. Tal como o vizinho invejoso, o "mal morto" é aquele que se furtou às suas obrigações sociais, que se recusou em algum momento a continuar a colaborar nos termos de reciprocidade entre acotres sociais que lhe eram prescritos e nos quais se baseia a sociedade.

Ao recriar estas imagens do actor social que se recusa a continuar a sê-lo, a "adivinhua" está a designar mais do que os principais focos de tensão desta estrutura social, pois ela fala dos próprios limites conceptuais da sociedade, que são a imagem das relações sociais perigosas e impossíveis de manter. Deste modo a "adivinhua" liga o mal estar real do indivíduo ao mal estar virtual da sociedade. Ao realizar um ritual no qual afasta do indivíduo esses focos de perigo ela está, simbolicamente, a restaurar a ordem cósmica (1) (os "mal-mortos" são afastados dos vivos) e social (os vizinhos invejosos contra-atacados).

A "adivinhua" faz depender o mal estar individual do mal estar social (virtual) o que lhe permite, ao restaurar simbolicamente a ordem social, restaurar igualmente o bem estar individual. O papel da "adivinhua" será, segundo esta perspectiva, fazer a ligação simbólica entre o bem-estar individual, a ordem social e a ordem cósmica, numa sociedade que conceptualiza a primeira como sendo dependente das últimas.

- (1) Uma vez que a ligação correcta com o mundo dos mortos deve ser mediada pelo ritual religioso, o assombramento, ligação não mediatizada e que origina o infortúnio, pode ser encarado como uma desordem cósmica.

APENDICE I

DADOS COMPLEMENTARES SOBRE MORTÁGUA E CALHANDRA

Calhandra situa-se nos contrafortes do Caramulo, a poucos quilómetros do local em que esta serra dá lugar às planuras da Bairrada. Pertence à freguesia de Pinhais e situa-se no extremo noroeste do concelho de Mortágua, no limite sudoeste do distrito de Viseu. Este concelho confina, de norte a oeste, com os de Águeda, Anadia e Mealhada, distrito de Coimbra; e de este até norte com Santa Comba-Dão e Tondela, distrito de Viseu.

O concelho apresenta-se como um largo vale rodeado de montes especialmente acidentadas na zona norte, variando a altitude entre os 50 e os 769 metros. Esta divisão não é só de ordem física mas igualmente económica e demográfica: na zona da serra, ou "serraipas" como são conhecidas, situam-se aldeias de pequenas dimensões com terras de cultivo de menores dimensões; as maiores aldeias, com maior zona de cultivo e onde se encontram alguns médio-proprietários situam-se todas na zona de vale. A este vale correspondia, desde o período glaciário, uma bacia lacustre que segundo se crê foi escoada durante a ocupação romana, deixando em recordação as terras fertilizadas e o nome do município: "Mortágua" vem de "Mortalago", como era conhecida nos séculos IX e X.

De Mortágua pouco reza a história. Existiu aí um castro romano num monte sobranceiro à vila aonde hoje se ergue um santuário

etnocêntricamente chamado de "Senhor do Mundo". Sabe-se que foi conquistada aos árabes em 1108 por D. Fernando Magno; recebeu o foral que fundou o município, organizando a magistratura e a administração locais, em 1192 no reinado de D. Sancho I. Foram-lhe dados novos forais em 1403 e em 1514. Da parte do concelho que estava sob a jurisdição da Coroa houve um donatário à data do primeiro foral, voltando depois o concelho para o domínio da Coroa, até que em 1380 foi doado a uma família Sousa, depois Condes de Odemira. Manteve-se nesta casa até 1641, tendo sido então doado aos futuros duques do Cadaval, que foram senhores da vila até à abolição dos vínculos. Mas parte do concelho estava sob a jurisdição das ordens eclesiásticas: no século X, ainda sob o domínio árabe, o conde Oveco Garciano doou as freguesias de Vale de Remígio e Pala ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra aquando da fundação deste no século XII; a freguesia de Cortegaça pertencia ao priorado do Crato; as freguesias de Pinhais e Trezói pertenceram originalmente ao mosteiro da Varcariça, extinto em 1093 tendo os seus bens revertido para a Sé de Coimbra, aonde ficaram até 1834. É especificado nesta doação à Sé de Coimbra que está incluída a capelania de Santo Amaro, e a esta capela pertence hoje em dia o santo padroeiro de Calhandra. Há uma outra referência directamente relacionada com esta povoação: no "Cadastro da População do Reino" de 1527 há notícia de que "na vila de Mortágua e seu termo" vivem 519 cabeças de casal; das 93 povoações actualmente existentes são as discriminadas 70, entre as quais Calhandra com 1 fogo, e diversas outras povoações das "serraipas" com 2 a 7 fogos.

Esta zona tem um clima ameno, de características mediterrânicas com influências atlânticas: verão quente e seco, bem mar-

cado e inverno ameno e húmido. Mas a orientação dos ventos e acidentes de terreno criam zonas microclimáticas. Com efeito as massas de ar frio das áreas de maior altitude movimentam-se lentamente junto ao solo, descendo as encostas e circulando ao longo dos vales, com velocidades que dependem do declive deste, da sua orientação e revestimento. Quando os vales são relativamente fechados podem-se criar "lagos" de ar frio, responsáveis por uma descida local das temperaturas mínimas, aumento da humidade relativa do ar e ocorrência de nevoeiros. Este fenómeno é causador do nevoeiro matinal característico de Mortágua e é o principal responsável pelas diferenças climáticas que se repercutem nas diferentes aptidões agrícolas de povoações serranas que distam entre si 2 a 5 km.

O solo em geral é de origem câmbrica, derivando quase exclusivamente da desagregação de xistos, sendo geralmente alagados, cascalhentos, pesados e pouco permeáveis. Excepção à regra: os solos dos vales, de aluviões recentes, situados nas margens dos riscos e no extenso vale do centro do concelho. Se o clima ameno é propício à actividade agrícola, os solos do primeiro tipo só permitem um bom aproveitamento florestal, sendo as zonas de aluvião as indicadas para a agricultura, e correspondendo em geral às de regadio. Este concelho tem uma área de 24.560 hectares repartidos como se segue:

Utilização Actual dos Solos

Agrícola	Florestal	Incultos e Outros
4 557	13 903(1)	6 100

Potencialidade dos Solos

Capacidade Agrícola	Capacidade Florestal	Silvo-Pastoril	Condicionado ao declive e outros
2 295	20 790	712	763
			(Unidades: hectares)

A florestação desenvolveu-se em duas fases: nos montes que circundam a zona mais baixa do concelho e em alguns pontos da serra esta já existia antes de 1810 como confirmam as histórias das populações que se refugiaram nos pinhais para se esconderem dos exércitos franceses que por aí passaram na sua terceira invasão (2). É graças a ela que se funda a primeira serração do concelho em 1902. Na década seguinte começaram as campanhas de apoio à florestação dos terrenos da serra. Nesta zona, que inclui Calhandra, os terrenos das encostas próximas das povoações eram aproveitados para o cultivo de cereais de sequeiro (trigo, aveia, centeio) e os restantes montes para o pastoreio de gado caprino. Esta segunda florestação foi realizada na sua maior parte há 40 a 50 anos, incentivada com a venda dos últimos baldios já compra-

(1) Com uma taxa de arborização, obtida pela relação entre a capacidade e a utilização florestal do solo, de 70,6% a mais elevada do distrito só sendo ultrapassada no continente pela da Marinha Grande. Calcula-se que nesta região dois terços da floresta sejam de pinheiro bravo e o restante de eucaliptal.

(2) Vidé Fonseca, Tomaz: 1949

dos com esse propósito. Na zona da Calhandra ela deve ter começado há 40 ou 50 anos, segundo os seus habitantes, levando a uma mudança profunda na sua economia. Hoje em dia a economia concelhia caracteriza-se como se segue:

Composição do PIB: (total 148.947)

Agrícola				Indústria		
Produtos Vegetais	Produtos Animais	Produtos Florestais	Total %	Transformadora	Construções	Total %
22 698	46 000	26 790	105 438 (70,8%)	17 077	5 925	23 002 (15,5%)

Unidade: 1.000 escudos

Repartição da população activa:

Sector Primário	Sector Secundário	Sector Terciário	Total	Total População
2 495 (59%)	880 (20,8%)	885 (20,2%)	4 230 (36,4%)	12 255

O grande peso da produção animal vem da suinicultura e da avicultura para venda e representa um número mínimo de explorações. Com efeito, em 90,6% das explorações a maior parte da produção agrícola é destinada ao auto-consumo. Além disso em 51% das explorações o maior rendimento vem da produção florestal, que é o caso da zona de serra.

A propriedade é pequena - para a zona dos concelhos de Mortágua, Santa Comba Dão, Carregal do Sal, Tábua, Penacova e Arganil, com características semelhantes, a percentagem de explorações com menos de dois hectares é superior a 70% - e extremamente fragmentada, e com uma média de 17 prédios por exploração neste concelho. A média propriedade é minoritária e os seus proprietários vivem actualmente, na vila ou fora do concelho.

A indústria transformadora que é constituída por diversas serrações, uma fábrica de fiação e duas de cerâmica, desenvolveu-se na primeira metade deste século, criando novos postos de trabalho. Depois, só o desenvolvimento da construção durante a década de 70 veio criar empregos. As fábricas de celulose e as serrações levam a que muitos homens se dediquem ao abate, descasque e transporte de árvores - são os chamados madeireiros, trabalhando por conta própria ou em pequenas empresas, geralmente familiares. As populações do norte do concelho tinham ainda a hipótese de encontrar trabalho nas fábricas do concelho de Agueda. Os restantes só pela emigração conseguiam obter rendimentos líquidos.

Em 1960 a população residente era de 13.024 habitantes, o que representava um aumento de 36% desde o início do século; a taxa de crescimento natural, na década anterior, fora de 15,6%. Na década de 60 a população decresce 20,1%, sendo 16,2% pela emigração legal e o restante pela emigração ilegal e migração interna; a taxa de crescimento natural desce para 9,9%. A população só voltará a aumentar depois de 1976 - a variação na década de 70 foi de +5,4% - devido em parte às restrições feitas à emigração pelos países de acolhimento, em parte pela criação de empregos na constru-

ção e no abate de árvores.

Na vila de Mortágua estão centralizados os serviços administrativos, o cartório, os bancos, o comércio mais especialmente incluindo a cooperativa agrícola que compra e vende desses produtos, os serviços, os serviços de saúde, a escola que desde há 10 anos tem escolaridade até ao 9º ano. Possui um hospital concehio e desde o princípio do século que aí residem um a dois médicos. Actualmente tem oito médicos - faltam quatro para cobrir as necessidades que são calculadas na razão de 1 médico para cada 700 eleitores - e especialistas de cardiologia, estomatologia, ginecologia, oftalmologia, ortopedia e otorrinologia que aí se deslocam uma vez por semana. Desde há 35 anos que um veterinário contratado pela câmara aí se desloca três vezes por semana, indo atender às povoações sempre que chamado. Este serviço é pago pelos próprios.

Junto a Mortágua realiza-se duas vezes por mês uma feira na qual a maioria dos habitantes das povoações se abastecem e vendem os seus produtos.

Os quadros apresentados ilustram algumas das afirmações sobre Calhandra feitas ao longo do texto.

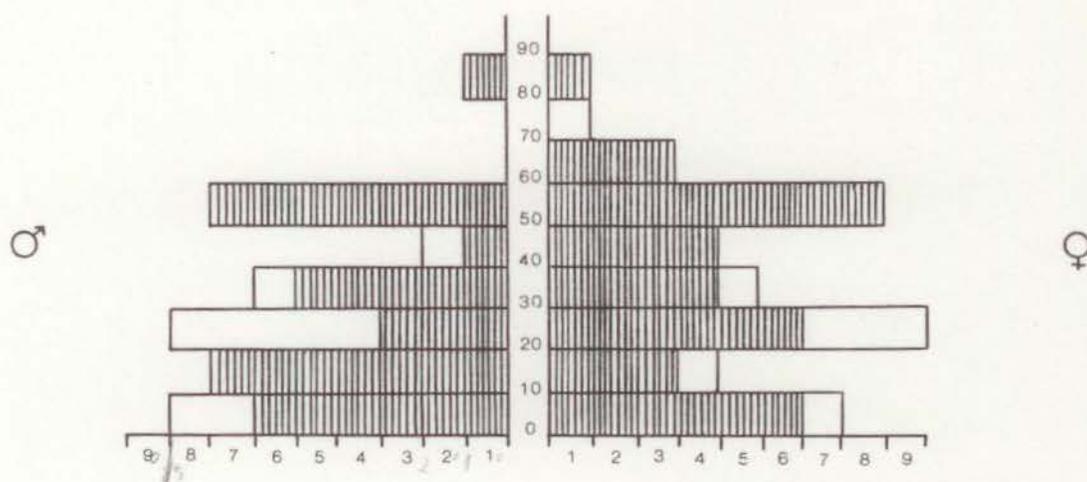
O primeiro refere a estrutura etário e sexual da povoação.

No segundo são classificados os grupos domésticos desta aldeia.

Por último marco as zonas onde se estabelecem preferencialmente trocas matrimoniais.

Os diagramas de parentesco ilustram o facto da maioria dos grupos domésticos se encontrarem ligados por laços de parentesco

Pirâmide de idades dos habitantes de Calhandra
(em Março 1984)



▨ Residentes permanentes

□ Migrantes e emigrantes com casa em Calhandra

$\Sigma = 81$

CLASSIFICAÇÃO DOS GRUPOS DOMESTICOS
DE
CALHANDRA

CATEGORIAS		CLASSES	NOTAS
1. Isolados	3	1.a. viúvas 1.b. solteiras	1 2
2. Agregados não familiares	0	2.a. irmãos 2.b. outros parentes 2.c. sem parentesco	- - -
3. Agregados familiares simples	12	3.a. casal 3.b. casal com filhos 3.c. viúvo " " 3.d. viúva " "	3 8 - 1
4. Agregados familiares alargados	7	4.a. alargamento ascendente 4.b. " descendente 4.c. " lateral 4.d. 4.a. + 4.c.	5 1 - 1
5. Agregados familiares múltiplos	$\frac{1}{23}$	5.a. unidade secundária ascendente 5.b. " " descendente 5.c. todas as unidades num nível 5.d. "Frénèche"	- 1 - -

NOTA: Este quadro foi organizado segundo a tipologia - proposta por P. Laslett (Laslett, 1978)

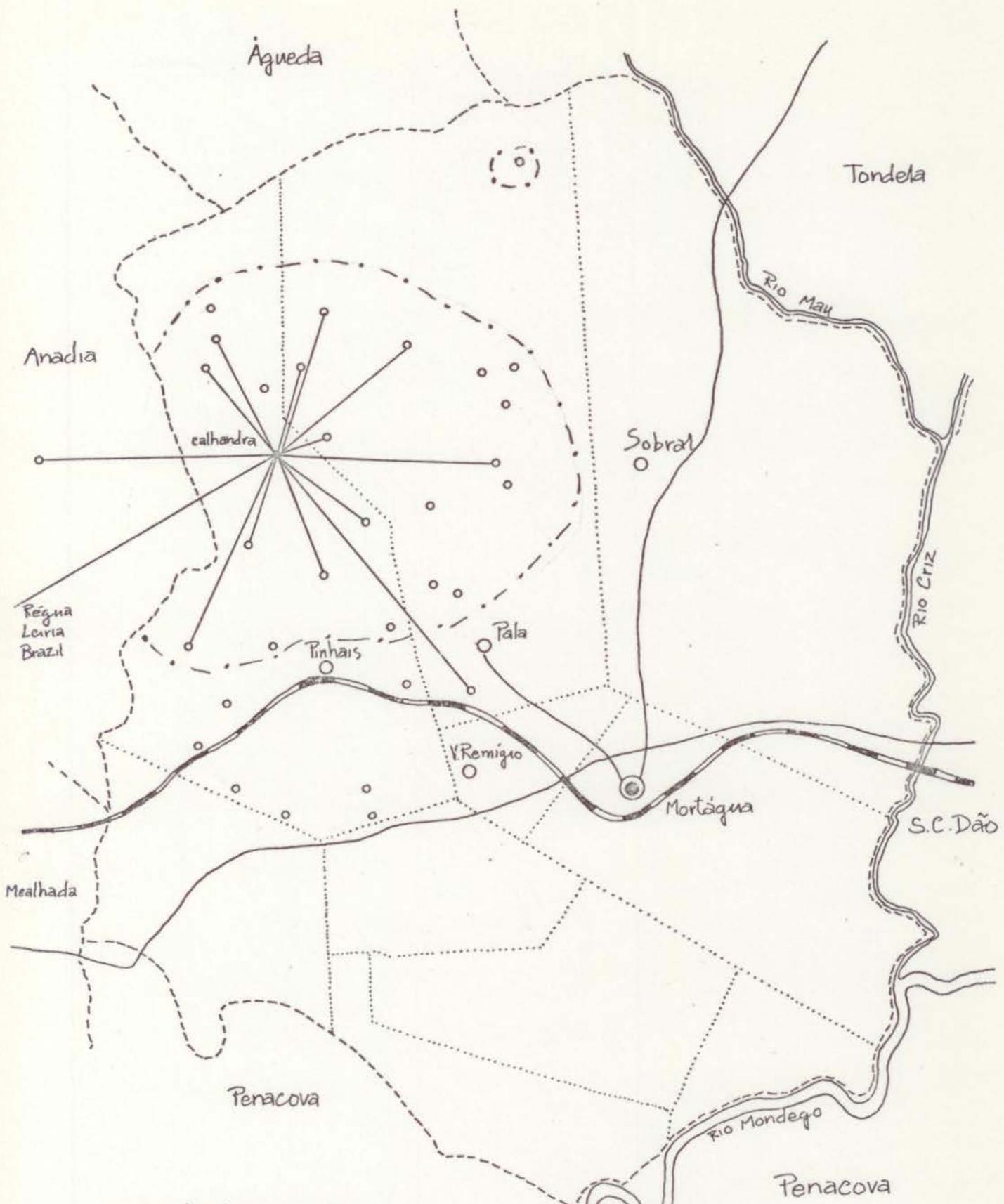
Mapa I : Localização dos casamentos dos autôctones de Calhandra
com idades compreendidas entre 50 e 90 anos

Calhandra - 4
 Povoações da serra - 24
 Povoações do concelho - 6
 Concelho de Anadia - 5
 Leiria - 2
 TOTAL - 41

Mapa II: Idem, para autôctones com idades compreendidas entre
os 20 e os 50 anos

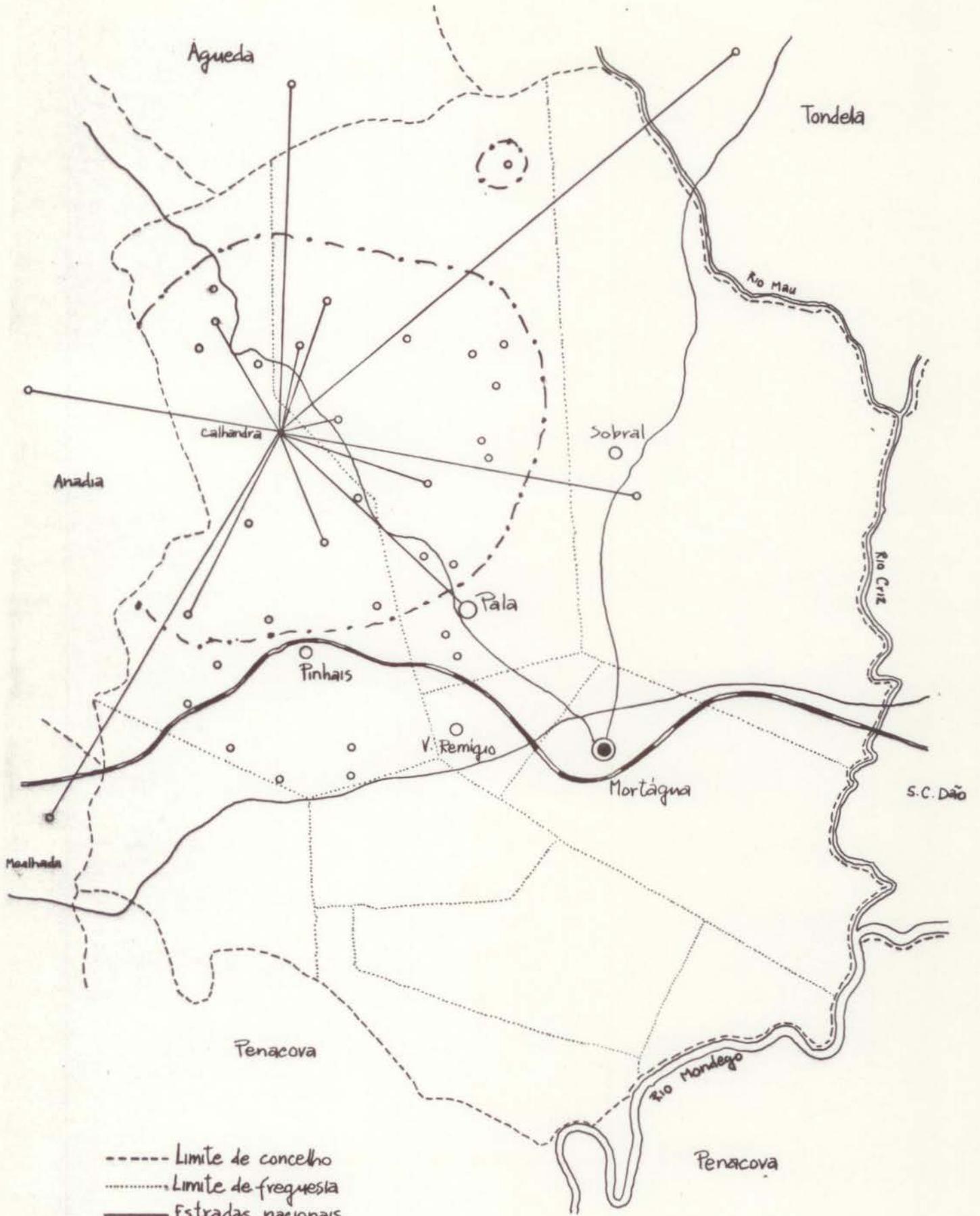
Calhandra - 2
 Povoações da serra - 18
 Povoações do concelho - 4
 Concelho de Anadia - 13
 " de Agueda - 2
 Pampilhosa - 1
 Caramulo - 1
 TOTAL - 41

MAPA I



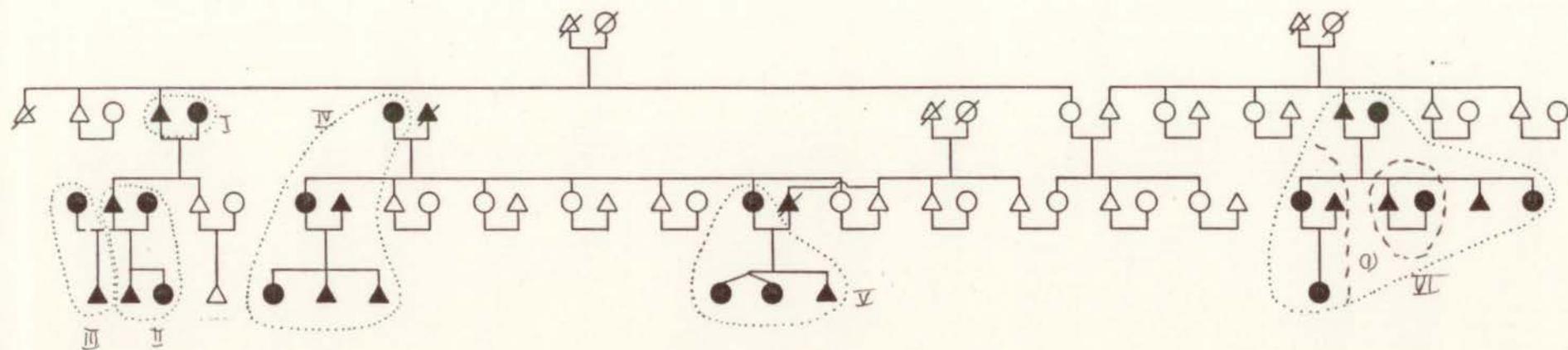
- Limite de concelho
- Limite de freguesia
- Estradas
- ==== Camilho de ferro
- - - zona de serra, freguesias de pinhais e Pala

Concelho de Mortágua (escala: 1/100.000)



- Limite de concelho
- Limite de freguesia
- Estradas nacionais
- caminho de ferro
- - - - - cona de serra, freguesias de Pinhais e Pala

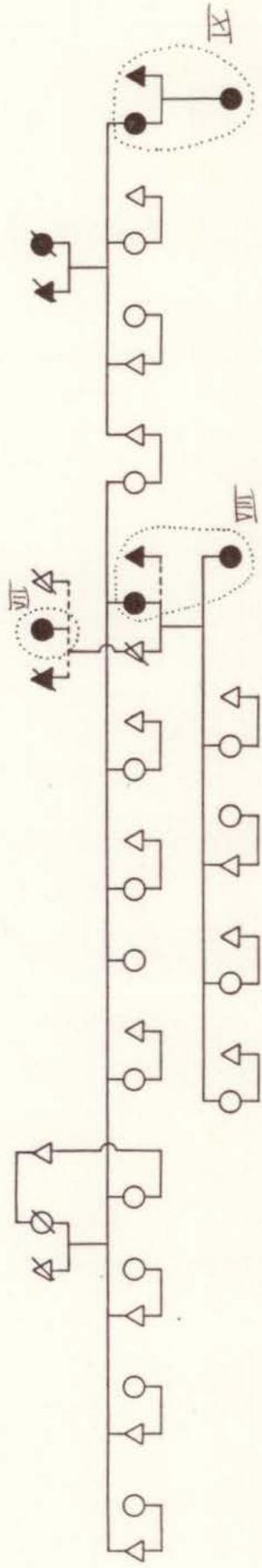
Concelho de Mortágua · (escala 1/100.000)

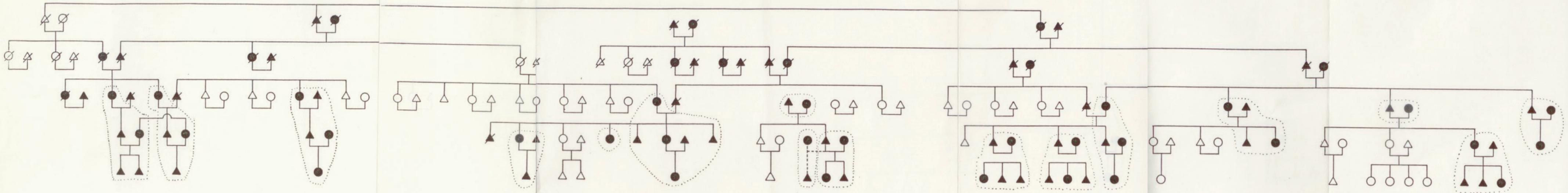


■ residentes em Calhandra
 □ residentes no exterior

○ coresidentes

(1) os dois casais estão emigrados e ainda não têm casa própria





APENDICE II

ORAÇÕES E "RISPONSOS"

ORAÇÃO A S. JUSTO JUIZ DE NAZARÉ

"SÃO JUSTO JUIZ DE NAZARÉ"

Eu entrego F... ¹ a S.J.J.N.,
 filho da Virgem Maria,
 que em Belém foste nascido,
 entre indo lá três ²

Eu vos peço Senhor, pelo vosso sexto dia,
 que o nosso corpo não seja preso nas mãos da Justiça nem dos Inimigos
 Envolta pastecom, pastecom, pastecom.

Nosso Senhor Jesus Cristo assim disse aos seus discípulos:

Se os inimigos vierem para nos prender,
 terão olhar não nos verão,
 terão ouvidos não ouvirão,
 terão boca não falarão.

Com as armas de S. Jorge seremos armados;
 com as espadas de Abraão seremos guardados;
 com o luto de Maria Santíssima seremos borrifados;
 com o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo seremos baptizados;
 e na arca de Noé seremos arcadados;
 e com as chaves de S. Pedro seremos fechados,
 adonde não nos possam ver, nem ferir, nem matar,
 nem arrastar, nem sangue do nosso corpo tirar.

Também vos peço Senhor,
 por aqueles três cálices abertos,
 por aqueles três pares revestidos,
 por aquelas três hóstias consagradas, que consagraste ao terceiro dia,

.../...

1 ou "eu me entrego"

2 ou "entre os idolatras"

desde a santa Porta de Belém até Jerusalém,
com prazer e alegria que nós sejamos guardados,
tanto de noite como de dia
Deus adiante paz na guia,
Deus nos dê companhia,
como Deus nosso Senhor andou no ventre da Virgem Maria.
E desde a santa Casa de Belém até Jerusalém,
Deus é nosso pai,
Maria Santíssima é nossa mãe.
Com as armas de S. Jorge seremos armados,
com as espadas de Santiago seremos guardados,
para sempre e Amén"

NOTA: Esta oração é extraída do Livro de S. Cipriano.
Utiliza-se geralmente em casos de justiça.

ORAÇÃO A SANTO ANTÓNIO - SERVE DE RESPONSO PARA ACHAR O PERDIDO OU O ROUBADO

"Santo António se levantou, se vestiu e se calçou,
e o senhor lhe perguntou:

- Onde vais Santo António?
- Senhor, convosco vou.
- Tu comigo não irás, tu na terra ficarás, o
perdido acharás e o esquecimento lembrarás.

Com a graça de Deus e da Virgem Maria e
pelo Anjo da Guarda e padre Santo António,
que nos guarde de noite e de dia, Pai Nosso
e Avé Maria".

Reza-se um Pai Nosso e uma Avé Maria.

NOTA: Esta oração foi vendida por um cego na feira local.

ORAÇÃO A S. BARTOLOMEU

"Eu te entrego a S. Bartolomeu,
com S. Bartolomeu falei e ele me disse que dormisse
e descansasse e que nenhum medo tomasse,
que ele me livrava de má onda e de má ronda,
e daquela malvadada e do perro pesadelo.
Ele tem uma mão furada, uma unha retorcida,
quatro anjos no nosso peito,
quatro anjos no nosso leito,
quatro anjos nos a guardar,
para o inimigo não nos empeçar,
nem de noite nem de dia,
Pai Nosso e Avé Maria."

Reza-se um Pai-Nosso e uma Avé Maria.

NOTA: Esta oração é utilizada contra o medo.

ORAÇÃO PARA DIZER A NOITE, CONTRA O MEDO

"Com Deus me deito, com Deus me levanto,
ao divino Espírito Santo,
Nossa Senhora cobri-me com o seu manto,
se eu bem coberta for não terei medo nem temor,
se eu morrer alumiai-me,
se eu viver acordai-me,
com as três pessoas da Santíssima Trindade!"

Reza-se um Pai Nosso, uma Ave Maria e uma Salve-Rainha.

AS 12 PALAVRAS DITAS E REDITAS

- " - Custódio amigo meu.
 - Custódio sim, amigo teu não.
 - Diz-me lá a primeira.
 - A primeira é a casa Santa de Jerusalém onde morreu Cristo por nós Amén
 - Custódio amigo meu.
 - Custódio sim, amigo teu não.
 - Disseste-me a primeira, diz-me as duas.
 - As duas são as duas tabuínhas de Moisés onde Jesus Cristo botou os seus sagrados pés e a primeira é a casa Santa de Jerusalém onde morreu Cristo por nós Amén.
 - Custódio amigo meu.
 - Custódio sim, amigo teu não.
 - Disseste-me as duas, diz-me as três.
 - As três são as três exéquias, as duas são as duas tabuínhas de Moisés onde Jesus Cristo botou os seus sagrados pés e a primeira é a casa Santa de Jerusalém onde morreu Cristo por nós Amén.
 - Custódio amigo meu.
 - Custódio sim, amigo teu não.
 - Disseste-me as três, diz-me as quatro.
 - As quatro são os quatro "englistas" (evangelistas), as três são as três exéquias, as duas são as duas tabuínhas de Moisés onde Jesus Cristo botou os seus sagrados pés e a primeira é a casa Santa de Jerusalém onde morreu Cristo por nós Amén.
 - Custódio amigo meu.
 - Custódio sim, amigo teu não.
 - Disseste-me as quatro, diz-me as cinco.
 - As cinco são os cinco mandamentos, as quatro são os quatro "englistas", as três são as três exéquias, as duas são as duas tabuínhas de Moisés onde Jesus Cristo botou os seus sagrados pés e a primeira é a casa Santa de Jerusalém onde morreu Cristo por nós Amén.

- Custódio amigo meu.
- Custódio sim, amigo teu não.
- Disseste-me as cinco, diz-me as seis.
- As seis são os seis servientes, as cinco são os cinco mandamentos, as quatro são os quatro "englistas", as três são as três exéquias, as duas são as duas tabuínhas de Moisés onde Jesus Cristo botou os seus sagrados pés e a primeira é a casa Santa de Jerusalém onde morreu Cristo por nós Amén.
- Custódio amigo meu.
- Custódio sim, amigo teu não.
- Disseste-me as seis, diz-me as sete.
- As sete são os sete sacramentos, as seis são os seis servientes, as cinco são os cinco mandamentos, as quatro são os quatro "englistas", as três são as três exéquias, as duas são as duas tabuínhas de Moisés onde Jesus Cristo botou os seus sagrados pés e a primeira é a casa Santa de Jerusalém onde morreu Cristo por nós Amén.
- Custódio amigo meu.
- Custódio sim, amigo teu não.
- Disseste-me as sete, diz-me as oito.
- As oito são os oito "cordângelos", as sete são os sete sacramentos, as seis são os seis servientes, as cinco são os cinco mandamentos, as quatro são os quatro "englistas", as três são as três exéquias, as duas são as duas tabuínhas de Moisés onde Jesus Cristo botou os seus sagrados pés e a primeira é a casa Santa de Jerusalém onde morreu Cristo por nós Amén.
- Custódio amigo meu.
- Custódio sim, amigo teu não.
- Disseste-me as oito, diz-me as nove.
- As nove são os nove templos (ou tempos), as oito são os oito "cordângelos", as sete são os sete sacramentos, as seis são os seis servientes, as cinco são os cinco mandamentos, as quatro são os quatro "englistas", as três são as três exéquias, as duas são as duas tabuínhas de Moisés onde Jesus Cristo botou os seus sagrados pés e a primeira é a casa Santa de Jerusalém onde morreu Cristo por nós Amén.

- Custódio amigo meu.
- Custódio sim, amigo teu não.
- Disseste-me as nove, diz-me as dez.
- As dez são os dez mandamentos, as nove são os nove templos, as oito são os oito "cordângelos", as sete são os sete sacramentos, as seis são os seis servientes, as cinco são os cinco mandamentos, as quatro são os quatro "englistas", as três são as três exéquias, as duas são as duas tabuínhas de Moisés onde Jesus Cristo botou os seus sagrados pés e a primeira é a casa Santa de Jerusalém onde morreu Cristo por nós Amén.
- Custódio amigo meu.
- Custódio sim, amigo teu não.
- Disseste-me as dez, diz-me as onze.
- As onze são os onze "empires", as dez são os dez mandamentos, as nove são os nove templos, as oito são os oito "cordângelos", as sete são os sete sacramentos, as seis são os seis servientes, as cinco são os cinco mandamentos, as quatro são os quatro "englistas", as três são as três exéquias, as duas são as duas tabuínhas de Moisés onde Jesus Cristo botou os seus sagrados pés e a primeira é a casa Santa de Jerusalém onde morreu Cristo por nós Amén.
- Custódio amigo meu.
- Custódio sim, amigo teu não.
- Disseste-me as onze, diz-me as doze.
- As doze são os doze apóstolos, as onze são os onze "empires", as dez são os dez mandamentos, as nove são os nove templos, as oito são os oito "cordângelos", as sete são os sete sacramentos, as seis são os seis servientes, as cinco são os cinco mandamentos, as quatro são os quatro "englistas", as três são as três exéquias, as duas são as duas tabuínhas de Moisés onde Jesus Cristo botou os seus sagrados pés e a primeira é a casa Santa de Jerusalém onde morreu Cristo por nós Amén.

.../...

- Custódio amigo meu.
- Custódio sim, amigo teu não.
- Disseste-me as doze, diz-me as treze .
- Treze raios tem o sol, treze raios tem-na lua arrebenta Diabo que esta alma é de Deus não é tua."

NOTA: Esta oração é utilizada contra o medo pois S. Cristóvão venceu o Diabo.

APENDICE III

ORAÇÕES REALIZADAS PELA EXORCISTA

[Extraídas de "O Grande Livro de S. Cipriano" (anónimo, 1976)]

1ª ORACÃO

"Eu, como criatura de Deus feita à Sua semelhança e remida com o Seu Santíssimo Sangue, vos ponho preceito, Demónio ou demónios, para que cessem os vossos delírios, para que esta criatura não seja jamais por vós atormentada com as vossas fúrias infernais.

Pois o nome do Senhor é forte e poderoso, por quem eu vos cito e notifico que vos ausenteis deste lugar para fora. Eu vos ligo eternamente no lugar que Deus Nosso Senhor vos destinar: porque com o nome de Jesus vos piso e rebato e vos aborreço mesmo do meu pensamento para fora. O Senhor seja comigo e com todos nós, ausentes e presentes, para que tu, Demónio, não possas jamais atormentar as criaturas do Senhor. Fugi, fugi, partes contrárias, que venceu o leão de Judá e a raça de David.

Amarro-vos com as cadeias de S. Paulo e com a toalha que limpou o santo rosto de Jesus Cristo para que jamais não possais atormentar os viventes."

"(Faça-se o acto de contrição)."

2ª ORACÃO

"Eu, Cipriano, servo de Deus, a quem amo de todo o meu coração, corpo e alma, pesa-me por Vos não amar desde o dia em que me destes o ser. Porém, Vós, meu Deus e meu Senhor, sempre Vos lembrastes um dia deste Vosso servo Cipriano.

Agradeço-Vos, meu Deus e meu Senhor, de todo o meu coração, os benefícios que de Vós estou recebendo, pois, agora, ó Deus das Alturas, dai-me força e fé para que eu possa desligar tudo quanto tenho ligado, para o que invocarei sempre o Vosso Santíssimo Nome. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

.../...

Vós que viveis e reinais por todos os séculos dos séculos. Amém. É certo, Nosso Deus, que agora sou Vosso servo Cipriano, agora dizendo-Vos: Deus Forte e Poderoso que morais no grande cume que é o Céu onde existe o Deus Forte e Santo, louvado sejais para sempre!

Vós que vistes as malfícias deste Vosso servo Cipriano! E tais malfícias pelas quais eu fui metido debaixo do poder do Diabo! Mas eu não conhecia o Vosso Santo Nome: ligava as mulheres, ligava as nuvens do céu, ligava as águas do mar para que os pescadores não pudessem navegar para não pescarem o peixe para sustento dos homens! Pois eu, pelas minhas malfícias, minhas grandes maldades, ligava as mulheres prenes para que não pudessem parir, e todas estas coisas eu fazia em nome do Demônio. Agora, meu Deus e meu Senhor, conheço o Vosso Nome e o invoco e torno a invocar para que sejam desfeitas e desligadas as bruxarias e feitiçarias da máquina ou do corpo desta criatura (fulano). Pois Vos chamo, ó Deus Poderoso, para que rompais todos os ligamentos dos homens e mulheres. Caia a chuva sobre a face da terra para que dê seu fruto; as mulheres tenham seus filhos; livre de qualquer ligamento que lhe tenha feito, desligue o mar para que os pescadores possam pescar. Livre de qualquer perigo desligue tudo quanto está ligado nesta criatura do Senhor; seja desatada, desligada de qualquer forma que o esteja: eu a desligo, desalfineto, rasgo, calço e desfaço tudo, boneco ou boneca que esteja nalgum poço ou levada, para secar esta criatura (fulano), pois todo o maldito diabo e tudo seja livre do mal e de todos os males ou maus feitos, feitiços, encantamentos ou superstições, artes diabólicas. O Senhor tudo destruiu e aniquilou; o Deus dos Altos Céus seja glorificado no Céu e na Terra, assim como por Emanuel, que é o nome de Deus Poderoso. Assim como a pedra seca se abriu e lançou água de que beberam os filhos de Israel, assim o Senhor muito Poderoso, com a mão-cheia de graça, livre este servo (fulano) de todos os malefícios, feitiços, ligamentos e encantos em parte e tudo que seja feito pelo Diabo ou seus servos, e assim que tiver esta oração sobre si e a trazer consigo ou tiver em casa, seja com ela diante do paraíso terreal do qual saíram quatro rios, cinquenta e seis tigres eufrates, pelos quais mandastes deitar água a todo o mundo, por cujos Vos suplico, Senhor meu Jesus Cristo, Filho de Maria Santíssima, a quem entristecer ou maltratar pelo maldito maligno espírito, nenhum encanamento nem maus feitos não façam nem movam coisa alguma má contra este Vosso servo

(fulano), mas todas as coisas aqui mencionadas sejam obtidas e anuladas, para o qual eu invoco as setenta e duas línguas que estão repartidas por todo o mundo e qualquer dos seus contrários, sejam aniquiladas as suas pesquisas, pelos Anjos seja absolvido este Vosso servo (fulano), com toda a sua casa e coisas que nela estão, sejam todos livres de todos os malefficios e feitiços pelo nome de Deus Padre que nasceu sobre Jerusalém, por todos os mais Anjos e Santos e por todos os que servem diante do Paraíso ou na presença do alto Deus Padre Todo-Poderoso, para que o maldito Diabo não tenha poder de empecer a pessoa alguma. Qualquer pessoa que esta oração trouxer consigo ou lhe for lida ou onde estiver algum sinal do Diabo de dia ou de noite por Deus, Tiago e Jacob, o inimigo maldito seja expulso para fora; invoco a comunhão dos Santos Apóstolos, de N. S. J. C., S. Paulo; pelas orações das religiosas, pela limpeza e formosura de Eva, pelo sacrificio de Abel, por Deus unido a Jesus, seu eterno Pai, pela castidade dos fiéis, pela bondade deles, pela fé em Abraão, pela obediência de Nossa Senhora quando Ela livrou a Deus, pela oração de Madalena, pela paciência de Moisés, sirva a oração de S. José para desfazer os encantamentos, Santos e Anjos valei-me; pelo sacrificio de Jonas, pelas lágrimas de Jeremias, pela oração de Zacarias, pela profecia e por aqueles que não dormem de noite e estão sonhando com Deus Nosso Senhor J. C., pelo profeta Daniel, pelas palavras dos Evangelistas, pela coroa que deu a Moisés em línguas de fogo, pelos sermões que fizeram os Apóstolos, pelo nascimento de N. S. J. C., pelo Seu santo baptismo, pela voz que foi ouvida do Padre Eterno, dizendo: "Este é meu Filho escolhido, meu amado; deve-me muito apreço porque toda a gente o teme e porque faz abandonar o mar e faz dar frutos à terra", pelos milagres dos Anjos que juntos a Ele estão, pelas virtudes dos Apóstolos, pela vinda do Espírito Santo que baixou sobre eles, pelas virtudes e nomes que nesta oração estão, pelo louvor de Deus que fez todas as coisas pelo Pai, pelo Filho, pelo Espírito Santo (fulano), se te está feita alguma feitiçaria nos cabelos da cabeça, roupa do corpo, ou da cama, ou no calçado, ou em algodão, seda, linho, ou lã, ou em cabelo de cristão, ou de mouros ou de hereges, ou em ossos de criatura humana, de aves ou de qualquer outro animal; ou em madeira, ou em livros, ou em sepulturas de cristãos ou em sepulturas de mouros, ou em fonte ou ponte, ou altar, ou rio, ou em casa, ou em paredes de cal, ou em campo, ou em lugares solitários, ou dentro das igrejas, ou repartimentos de rios, em casa feita de cera ou mármore, ou em figuras feitas de fazenda ou em sapo ou dentro das igrejas, ou repartimentos de rio ou de lameiro,

ou em comidas ou bebidas, ou em terra do pé esquerdo ou direito, ou em qualquer coisa que se possa fazer feitiços ...

Todas estas coisas sejam desfeitas e desligadas deste servo (fulano) do Senhor, tanto as que eu Cipriano tenho feito, como as que têm feito essas bruxas servas do Demónio; isto tudo seja tornado ao seu próprio ser que dantes tinha, ou em sua própria figura, ou em que Deus a criou.

Santo Agostinho e todos os Santos e Santas, por santos nomes, que façam que todas as criaturas sejam livres do Demónio. Amém."

3ª ORACÃO

"ORAÇÕES PARA PEDIR A DEUS PELOS BONS ESPÍRITOS QUE VEM A ESTE MUNDO BUSCAR ORAÇÕES PARA SEREM PURIFICADOS DO MAL QUE FIZERAM NESTE MUNDO, E RESTITUIR ALGUMA DÍVIDA OU ROUBO:"

"Sai, alma cristã, deste mundo, em nome do Deus Padre Todo-Poderoso, que te criou; em nome de Jesus, Espírito Filho do Deus Vivo, que por ti padeceu; em nome do Espírito Santo, que copiosamente se te comunicou. Aparta-te deste corpo ou lugar em que estás, porque o Senhor te recebe no Seu reino; Jesus, ouve a minha oração e sê amparo como és amparo dos Santos, Anjos e Arcanjos; dos Tronos e Dominações: dos Querubins e Serafins; dos Profetas, dos Santos Apóstolos e dos Evangelistas: dos Santos Mártires, Confessores, Monges, Religiosos e Eremitas; das Santas Virgens e esposas de Jesus Cristo e de todos os Santos e Santas de Deus, o qual se digne dar-te lugar de descanso, e gozo da paz eterna na cidade santa da celestial Sião, onde O louves por todos os séculos. Amém."

" No final reza-se um acto de contricção."

4ª ORAÇÃO E ÚLTIMA PARTE DA SESSÃO

"MODO COMO SE HÁ-DE FECHAR A MORADA "

^ Tome-se uma chave de aço, em ponto pequeno, e deite-se-lhe a bênção da forma seguinte:

"O Senhor lance sobre ti a Sua santíssima bênção e o Seu santíssimo poder para que te dê a virtude eficaz, para que toda a morada ou porta por onde entra Satã por ti seja fechada, jamais o Demônio ou seus aliados por ela possam entrar, pois, abençoada seja em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Amém. Jesus seja contigo." "

(Deita-se água benta em cruz sobre a chave)

" PALAVRAS SANTÍSSIMAS QUE O RELIGIOSO DEVE DIZER QUANDO ESTIVER A FECHAR A MORADA "

^ (A chave deve estar sobre o peito do enfermo, como se estivessem a fechar a porta.) "

" Ó Deus Omnipotente, que do seio do Eterno Pai viestes ao mundo para salvação dos homens, dignai-vos, pois, Senhor, pôr preceito ao Demônio ou demônios, para que eles não tenham mais o poder e atrevimento de entrar nesta morada. Seja fechada a sua porta, assim como Pedro fecha as portas do Céu às almas que lá querem entrar sem que primeiro expiem as suas faltas. "

" (O religioso finge que está a fechar uma porta no peito do enfermo) "

.../...

Dignai-vos, Senhor, permitir que Pedro venha do Céu à Terra fechar a morada onde os malditos demónios querem entrar quando muito bem lhes parece.

Pois eu (fulano), em Vosso Santíssimo Nome, ponho preceito a esses espíritos do mal, para que desde hoje para o futuro não possam mais fazer morada no corpo de (fulano), que lhe será fechada esta porta perpetuamente, assim como lhe é fechada a do reino dos espíritos puros. Amém.

No fim da oração que fica dita, escrevam num papel o nome de Satanás e queimem-no, dizendo:

"Vai-te, Satanás, desaparece assim como o fumo da chaminé".

PRIMEIRA ESCONJURAÇÃO

"Esta esconjuração deve ser feita pelo religioso com todo o respeito e fé, e quando veja que o enfermo está aflito e o Demônio ou mau espírito não quer sair, deve-lhe tornar a ler o preceito que está no capítulo IV, no fim da ladainha, ou o que está em latim.

Eu, Cipriano, digo eu (fulano), da parte de Deus Nosso Senhor Jesus Cristo, absolvo o corpo de (fulano) de todos os meus feitiços, encantos, encanhos, empates que fazem e requerem homens e mulheres em nome de Jesus N. S. J. C., Deus de Abraão, Deus muito grande e poderoso! Glorificado seja, para sempre sejam em seu Santíssimo Nome destruídos, desfeitos, desligados, reduzidos ao nada, todos os males de que padece este Vosso servo (fulano); venha Deus com seus bons auxílios por amor de misericórdia que tais homens ou mulheres que são causadores destes males que sejam já tocados no coração para que não continuem com esta maldita vida!

Sejam comigo os Anjos do Céu, principalmente S. Miguel, S. Gabriel, S. Rafael e todos os Santos, Santas e Anjos do Senhor, e os Apóstolos do Senhor, S. João Baptista, S. Pedro, S. Paulo, Santo André, S. Tiago, S. Matias, S. Lucas, S. Filipe, S. Marcos, S. Simão, Santo Anastácio, Santo Agostinho e por todas as ordens dos Santos Evangelistas: João, Lucas, Marcos, Mateus, e por todos os Querubins e Miguéis, criados por obra e graça do Divino Espírito Santo. Pelas setenta e duas línguas que estão repartidas pelo mundo e por esta absolvição e pela voz que deu quando chamou Lázaro do sepulcro, por todas estas virtudes seja tornado tudo ao seu próprio ser que dantes tinha ou à sua própria saúde que gozava antes de ser arrebatado pelos demônios, pois eu, em nome de Todo-Poderoso, mando que tudo cesse do seu desconcerto sobrenatural.

.../...

Ainda mais pela virtude daquelas santíssimas palavras por que Jesus Cristo chamou: Adão, Adão, Adão, onde estás? Por estas santíssimas palavras absolvamos, por esta virtude de quando Jesus Cristo disse a um enfermo: "Levanta-te e vai para tua casa e não queiras mais pecar", de cuja enfermidade havia de estar três anos, pois absolve-te Deus que criou o Céu e a Terra e Ele tenha compaixão de ti criatura (fulano), pelo profeta Daniel, pela santidade de Israel, e por todos os Santos e Santas de Deus, absolvei este vosso servo ou serva (fulano) e abençoai toda a sua casa e todas as mais coisas sejam livres do poder dos demónios por Emanuel, pois Deus seja com todos nós. Amém.

Pelo Santíssimo Nome de Deus N. S. J. C. e todas as coisas aqui nomeadas sejam desligadas, desenfeitiçadas, desalfinetadas de todos os empates que sejam formados por arte do Demónio ou seus companheiros, seja tudo destruído; que o mando eu da parte do Omnipotente, para que já, sem apelação, sejam desligados e se desliguem todos os maus feitiços e ligamentos e toda a má ventura por Cristo Senhor Nosso. Amém."

A ÚLTIMA ORAÇÃO UTILIZADA EM CASOS DE POSSESSÃO POR ESPÍRITOS

"EXORCISMO PARA EXPULSAR O DIABO DO CORPO

Este exorcismo foi encontrado num livro muito antigo, escrito por Frei Bento do Rosário, religioso descalço da Ordem de Santo Agostinho.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Em nome de S. Bartolomeu, de Santo Agostinho, de S. Caetano, de Santo André Avelino, eu te arrenego, Anjo Mau, que pretendes introduzir-te em mim e perverter-me. Pelo poder da Cruz de Cristo, pelo poder das Suas divinas chagas, eu te esconjuro, maldito, para que não possas tentar a minha alma sossegada. Amém.

(Deve ser dita três vezes, e outras tantas fazer-se o sinal da Cruz sobre o peito)"

APENDICE IV

SESSÕES DA MEDIA LUCIA

Este texto consiste na transcrição de gravações de sessões realizadas junto de uma das médias de Calhandra a quem designei por "Lúcia". A mulher que a foi consultar, senhora Aida, trabalhou em sessões de espiritismo em Lourenço Marques, cidade aonde residiu até 1974. Actualmente reside no concelho de Anadia aonde diversas pessoas lhe vão expôr os seus problemas que ela depois apresenta à espírita.

Nestas transcrições utilizo as seguintes abreviaturas:

A - Aida

E - Espírito

S.M.A. - Santa Maria Adelaide, a guia da média.

Voz - Outro participante nas sessões.

SESSÕES COM A MÈDIA LÚCIA E A SRA. AIDA

11 de Dezembro de 1983

A - Ontem aconteceu uma coisa esquisita (...) Perdi uns desenhos de Jesus que estavam dentro desta revista, e desapareceram os desenhos.

S.M.A. - Eles estão lá em casa, irmã.

A - Aonde? Não me podes dar assim um... só um sítio aonde eu possa ir procurar?

S.M.A. - Não. Se tu procurares, está lá. Quando tu andares a procurar, eu vou-te ajudar, que eles estão lá em casa.

A - Sim? Que eu não queria perder aquilo por nada. Mas então quem mo tirou daqui?

S.M.A. - Tu procura que eu depois ajudo-te. Não está perdido.

2ª Sessão

A - Agora, este pequeno que eu te trouxe noutra dia estava aguado. Tu fizeste a reza do aguado. Mas ele está tão franzino! Em lugar de crescer ele diminui.

S.M.A. - Pois é irmã, ele por ele próprio não é de muitas comidas. Ele há-de ser sempre assim, miudinho. Deixa-o andar, não te preocupes.

3ª Sessão

A - Ah! Este sente pingar em casa como se chovesse. A nora atirou-se a um poço e o filho atirou-se lá dentro para a salvar e morreram os dois. E o marido dela morreu há 28 anos. Agora tens aqui a fotografia, vê o que é que se passa com esta pobre mulher, que ela está sempre aflita e a sentir-se mal.

S.M.A. - Pois é, é um espírito que anda aqui em volta dela.

A - Podemos doutriná-lo?

S.M.A. - Já aí vem.

E - (Suspiro)

A - O que foi, o que é que aconteceu aí nessa barriga?

E - (Suspiro)

A - É água não é? Ah! Não é preciso, não é preciso que isto passa tudo. Sabes, eu tiro-te já essa aflição. Pronto eu tiro-te isso (passa-lhe as mãos pela barriga). Pronto já passou! (suspiro)

E - (Suspiro)

A - Como é que te chamas?

E - Sou mulher.

A - É a filha, não é? Como é que te chamas?

E - Tive uma morte tão triste ...

A - E o teu marido, também aí está?

E - Eu não é por mal mas...

A - ... e o teu marido?

E - Ele anda aqui, mais eu.

A - Os 2 juntos? Então os dois juntos andam por esta casa?

E - É para matar saudades!

A - É sim, e ninguém te está a culpar! Olha lá, eu vim-te aqui culpar? Não! Sabes o que é que eu vim-te cá fazer? Vim-te ajudar! Queres que te ajude? Queres?

E - Sim.

A - Olha lá, agora aquilo que tu caíste lá dentro, foste tu que te atiraste ou escorregaste.

E - Andava atentada.

A - Andavas atentada! Quer dizer: foste tu que te atiraste. Não foi?

E - Eu não andava boa.

A - Não andavas boa! Isso sei eu. Mas fizeste mal porque sabes, a vida que é nossa, não é nossa! A vida que é nossa é de Deus.

E - Nunca pensei em o meu marido ter morrido também.

A - Nunca pensaste, pois. Mas olha, nós nunca podemos tirar a nossa vida, porque ela é de Deus. E o teu marido foi para te salvar e ficou também. Esse é que tem glória porque foi para te salvar. Entretanto tu foste causadora também da morte do teu marido: foram duas mortes.

E - Pois fui. Fiz mal!...

A - Mas olha: tu estás mesmo arrependida, ou é só da boca?

E - Não, eu estou muito arrependida. Eu não andava boa

A - Bom, então vamos fazer uma coisa...

E - ... Deus me perdoe.

A - Ah! Deus há-de te perdoar se tu estiveres mesmo arrependida. E o teu marido também. Ele está aqui contigo?

E - Não, ele agora não está aqui!

A - Bom, então olha: tu agora fazes uma coisa. Vamos falar com Deus, está bem? Vais pedir perdão a Deus. Mas também deves saber perdoar a todos aqueles que... que te aborreciam.

E - Está bem? Perdoar a todos.

A - Queres mandar algum recado? Diz alguma coisa à tua mãe para ela ficar mais acautelada.

E - Não mando nada!

A - Então não mandas nada à tua mãe?

E - Dei-lhe tantos desgostos!

A - Então pede perdão à tua mãe, que uma mãe perdoa sempre

E - Perdoa-me mãe, perdoa-me da minha falta.

A - Ela vai perdoar, que tu ficas contente. E eu, em nome dela, perdoar-te já. Agora vamos ao resto. Agora vamos falar com Deus, que ele é o nosso grande.

E - ... é que não tenha medo, que era eu que ia visitar...

A - ... e aqueles pingos de água o que é que era?

E - Era eu, que tinha uma tão grande mágoa... ela às vezes

sonhava comigo e eu não quero que ela se aflija. Fiz aquilo para que ela perdesse a lembrança!

A - Está bem. Eu vou trazer a mãe para ouvir isso. Agora vamos falar com Deus. Diz comigo: "Meu Deus/ Eu fui uma grande pecadora/ Porque me matei a mim/ Tirei a vida que era tua/ E ainda para mais/ Fui causa da morte do meu marido/ Porque ele era tão bom/ Que me quis salvar/ E ficou também..."

E - ... Tinha-me amor mesmo!

A - É verdade. Bom, agora: "Perdoa-me meu Pai/ Que eu sei que tu és bom e que me vais perdoar/ Porque estou muito arrependida". E agora vamos dizer. "Meu Deus/ Eu quero perdoar a todos aqueles/ Que me magoaram/ Aqui na Terra". E agora falamos a Jesus. Diz "Jesus/ Mande alguém buscar-me/ Que eu quero ir ao pé de ti" Agora olha, olha para a tua frente. Quem é que vem? Diz-me! Diz-me!

E - É o meu marido!

A - Pois, ele está em bom lugar! Vês? Vai, vai com ele e que Deus te acompanhe.

S.M.A. - Eu vim em nome de Deus e da nossa Mãe Maria Santíssima. Pois é irmã, o espírito andava muito baixo, e o outro irmão é que a veio puxar e ficou muito contente.

28/3/84 - 1ª Sessão

E - "Grava o quê, não gravo nada. Não quero essa merda,

A - Pronto, eu desgravo.

E - Não está, eu quero...

A - Mas diz-me, que na outra vez trago.

E - É ele!

A - Af é? Tu gostas dele?

E - Eu morri nova!

A - E gostavas de vê-lo?

E - Gostava.

A - Mas tu já vieste aqui uma vez, parece, a falar comigo.

E - Gostava muito dele. Eu matei-me por mim própria.

A - Ainda por cima. E com quê?

E - Pronto chateava-me. E agora queria estar ao pé dele.

A - Mas tu és de lá de ao pé dele, lá de Amoreira da Gândara? És de longe.

E - Não!

A - E como te chamas para eu lhe dizer a ele que tens saudades? Ou como é que lhe digo.

E - Ele não precisa de vir ter comigo, eu resolvo o problema mais ele. Não é preciso tu dizeres nada!

A - Agora diz-me lá: tu não tens corpo, e o que é que vais fazer com ele?

E - Ele é bom, ele é um borrachinho bom!

A - Não tem corpo, tu o que é que te serve...

E - Mas ao pé dele já fico satisfeita.

A - Ai, que ilusão...

E - Não quero mais nada. Por causa da ilusão é que eu me matei. Pois foi!

A - E porque é que te mataste?

E - Sabes, eu era casada. Mas era nova, andava com este e com aquele, e depois meu amigo antes que descobrissem, catrapuz!

A - Pois é. Mas mataste-te com quê? Com veneno foi?

E - Primeiro tomei uma dose, de comprimidos, e depois foi aquilo, aquela coisa do escaravelho. Mas tomei aquilo várias vezes.

A - Pensa um bocado. Vamos falar muito a sério. Sabes que eu gosto de ajudar a todos. Tenho pena de ti. Eu quero ajudar a todos aqueles que sofrem.

E - Mas ele é bom!

A - Tá bem, é bom mas não é para ti!

E - Então não posso andar mais ele, não é?

A - Ah, então por isso é que ele não anda bem, não é?

E - (Suspiro) Agora há dias cheguei-me a ele e ele fugiu-me.

lá a ver se me agarrava a ele, ele parece que se desgraçava todo (gargalhadas).

A - Ele não te sente, ele não te vê, como é que o podias assustar? Ele não te vê!

E - Ele não me vê? Mas eu estava lá no aparelho, agarrava-me a ele.

A - No aparelho? Quer dizer na televisão?

E - Eh não caralho! Caramba da mulher!

A - Enfim. Vamos cá. Vamos cá. Vamos cá minha amiga. Isto não me parece duma mulher a falar assim.

E - Eu era assim. Dizia o asneiredo que podia (ri-se).

A - Ai era? Então é por isso que ele anda sempre com dores de cabeça, anda...

E - Pois é. Eu também as trazia sempre.

A - Mas tu, não há muito tempo, não estavas lá. Como é isso.

E - Não estava lá, mas agora já lá estava.

A - Então agora já vieste, não é?

E - Já (longe). Então não me deixas andar mais ele?

A - Olha, eu deixo-te, mas ele queria ficar melhorzinho!

E - E ele começa a dizer assim "Então mas que merda é esta".
(Ri-se)

A - Minha boa amiga. Amiga, Anda cá. Eu não estou aqui para se brincar, sabes. Eu estou para te ajudar!

E - Ah, mas é que eu sempre fui brincalhona!

A - Está bem, está certo, eu não estou contra isso mas estamos a perder o nosso tempo e tu tens o tempo marcado, e *pois n* podes ser muito feliz hoje. Vê lá tu, repara só nisto: tu não vês o que eu te puz aqui na tua frente.

E - Pois não, pois eu estou no Purgatório...

A - Pois então vês? Vale a pena viver assim espiritualmente? Não vale! Vale a pena é veres, ser feliz, encontrares os teus queridos do outro lado... e, sabe-se lá até outros que namoraste.

E - E tu arranjas-me uma companhia?

A - Arranjo-te. Vem-te buscar a-q-u-i. A-g-o-r-a. E tu vais ficar contente em ires com essa companhia!

E - Não tenho cá nenhum para mim...

A - Não tens quê? Homens? Não é preciso homens.

E - Eu quero um rapaz!

A - Queres um rapaz. Bem há-de ser o que Deus mandar, sabes que Deus...

E - ... mas pede um rapaz!

A - Peço um rapaz? Bem, Ele está a ouvir, Jesus está a ouvir. E depois vamos ver que é que ele manda. Mas ouve cá, não vamos falar em tolices agora.

E - Mas eu era assim!

A - Mas agora, neste momento, estamos a falar a sério!

E - Agora então é que rio. Agora vamos falar a sério.

A - Olha, agora é um assunto muito importante. Ouve: se cá vier um velho buscar-te, não quer dizer que lá não haja novos. Há lá muitos, porque são os novos que se matam.

E - Se fôr mais "belho" eu não "bou"!

A - Bem, tu lá vais depois encontrar. Quem te vem buscar é quem Jesus mandar, para te mostrar o caminho, estás a perceber? Mas quando lá chegar vais ver lá muitos, até teus familiares, quem tu amas, quem tu amaste cá na terra, vais lá encontrar.

E - Tá bem!

A - Vais ver que eu não minto. E tu vais-me dizer a mim depois. Quem é que te vem buscar a ti, porque eu depois é que não vejo. Estou como tu agora que não vês. Mas agora, daqui a uns minutos, vais ver!

E - Tá bem!

A - Estás contente?

E - Estou!

A - Estás a ver que não vale a pena andar ali na casa. Pois há coisas muito melhores. E foi isso que eu vim cá fazer.

E - ... Tás a ver, ele que me perdoe que eu andava era...

A - ... Pois está bem. Hoje à noite vou-lhe dizer. Ele vai-te perdoar e ela também, está bem?

E - Pois é isso...

A - Está certo. Logo vamos pedir para eles perdoarem, e eles perdoam, eu sei que perdoam. E por mim estás perdoada e por nós. Portanto, vamos agora falar com Deus, está bem? Diz: "Meu Deus^{*} / "Eu fui uma pecadora cá na Terra / "E estou muito arrependida / "E mais ainda de tudo / Em tirar a minha vida / Que não é minha mas sim tua / Portanto meu Deus / Perdoai todas as minhas faltas / Porque estou muito arrependida / Se estivesse hoje aqui / Não fazia assim ". Dizes do fundo do teu coração, dizes?

A - Agora vamos falar com Jesus para Ele te mandar alguém. Depois, quando ele te mandar, dizes-me quem é "Jesus/ Eu quero ir para ao pé de tí/ Mas eu não sei o caminho/ Manda aí alguém buscar-me" Olha na tua frente. Começas já a ver. Já já, vais ver já!

E - Vem lá uma tia minha.

A - Vês, ela leva-te com ela. Vai. Que Deus te ilumine.

(Começa de imediato a 2ª sessão com a voz sumida de Santa M. Adelaide. A voz desta mulher era grossa).

S.M.A. - Venho em nome de Deus e da nossa Mãe Maria Santíssima. Pois é irmã. Encontrava-se este espírito sobre essa ir-

* O espírito vai repetindo as frases.

mã. E é preciso mais alguma coisa é?

28/3/84 - 2ª sessão

A - Este meu netito queixa-se muito de dor de cabeça. E neste momento até está em casa, doente.

S.M.A. - É gripe irmã.

A - É gripe? E não tem nada assim? Porque ele tem saídas assim esquisitas.

S.M.A. - Pois, mas agora é gripe irmã. É gripe que está a atacar um bocadito.

A - Não sei, acho-o pálido, acho.

S.M.A. - Não, é gripe.

A - Não há mais nada, não?

S.M.A. - Não, é só isso.

A - Pronto. Agora temos aqui outra coisa.

(É apresentada uma fotografia do paciente)

A - Agora há um problema aqui que muito me preocupa. A minha filha escreveu-me... este é o 1º marido dela. O 1º. E agora anda convencido que está perseguido pelo espírito da mãe. É verdade? Vê lá se consegues ver que o espírito da mãe não o larga.

S.M.A. - Não irmã, é impressão...

A - Não anda ninguém em volta dele? Absolutamente ninguém?
Vê lá bem. Ele está em Joanesburgo.

S.M.A. - Não digo que não andasse, mas agora é impressão.

A - Enfim. Mas ele disse à minha filha que sonha horríveis sonhos e que a mãe lhe diz que está aborrecida com a minha filha porque a minha filha falou mal dela. Isso não é verdade. Agora, que é que tu dizes a isso. É ele que está a inventar ou sonha assim duma maneira?

S.M.A. - Ele sonha, irmã. O sonhar é verdade. Ele tem sonhado.

A - Mas a mãe está-lhe a dizer isso?

S.M.A. - Irmã, pois, já se sabe o que é, é a ideia dele.

A - A ideia dele!

S.M.A. - Aquela coisa, quer dizer, ele gosta dela. E o prazer dele era ir para o pé dela e ela aceitá-lo. É isso irmã.

A - Quem? Este 1º marido? Não.

S.M.A. - Não, mas olha que ele, já teve ideias nisso. Por isso, irmã, tu não o enerves. Ele pensa nisso a toda a hora e a todo o instante. Por isso irmã tu não o enerves.

A - Mas isso dela ter dito mal da mãe dele, olha que não é verdade. E o espírito dela já tu aqui disseste que está em bom lugar.

S.M.A. - Pois é irmã, mas ele pensa nela. Mas tu concordas irmã, não andes a... a chateá-lo.

A - Ah, não, mas a minha filha está aflita. Porque ele está mesmo aborrecido com ela por causa disto. Porque aquilo está mesmo metido na cabeça dele, que já o conheço, não é. Está mesmo encaixado lá que a mãe o está a perseguir e essa coisa toda.

S.M.A. - Não penses nada nisso. Não irmã, a pessoa tem de deitar isso para trás das costas.

A - E aquele outro encontro já se deu, com a minha filha e o 2º marido, ou ainda não? Ele ainda não foi lá?

S.M.A. - Ainda está assim. Sabes o que faz isso irmã? É certos ciúmes...

A - Ciúmes?

S.M.A. - Ciúmes. A pessoa começa a pensar, a pensar, e começa a imaginar que isto é aquilo.

A - Oxalá que não faça lá algum disparate, hem!

S.M.A. - Oh não! Está um bocado esmorecido, mas não é caso disso

A - Não? Bem, é a única coisa!

S.M.A. - Não era mais nada, não?

A - Não.

16/4/84 - 1ª sessão

A - Agora tenho aqui isto que é dum senhor que sofre muito da garganta, sente barulhos em casa e tem tido desastres.

S.M.A. - Aqui anda um espírito!

- A - Anda? Então vamos lá tirar esse espírito. Ao menos este tem remédio.
- E - (Suspiro)
- A - Então amigo, o que é?
- E - (Suspiro) Ai tive tanta maçada.
- A - Então porquê?
- E - Por desastre.
- A - Desastre? De quê?
- E - De tractor.
- A - De tractor, coitado. E como é que tu te chamas?
- E - Deixa-me andar.
- A - Eu deixo-te andar, até te dou um lugar melhor para andares, o que é que queres mais?
- E - Chamo-me Amflicar.
- A - Olha amigo Amflicar, como vês somos amigos, hem? Eu gosto tanto de ajudar todos aqueles como tu sofrem e que andam agarrados assim a um irmão...
- E - ... eu era novo.
- A - Eras novo. Mas podes estar tão feliz, tão feliz, até mesmo mais feliz do que estavas aqui na Terra. Não achas que isso não é nada mau?
- E - Era bom!
- A - Era. Então para isso tu tens de fazer uma coisa. Sabes que nós somos pecadores, não sabes?

E - Pois sei, eu também o era.

A - Pois, quem não é? Só Jesus é que não era, não é?!

E - Fazia muita crítica.

A - Muita crítica. Coisa muito má, sabes, isso é muito mau. Bem, mas sabes que o nosso Pai, Deus...

E - ... sabes o que é que eu dizia? que a gente morria e que acabava tudo, que isto era tudo muito lindo. E agora estou convencido que não.

A - Pois não, não é. Mas podes ser muito feliz, muito feliz ainda.

E - Ai, eu queria ...

A - Queres? Então, primeiro de tudo tens de estar muito arrependido das tuas faltas.

E - Estou, estou, muito arrependido.

A - Muito arrependido. Segundo, tens de saber perdoar a todos aqueles que te fizeram mal.

E - Ah, pois perdoo. E que eles me perdoem a mim.

A - Então vamos a isso. E depois, tu hás-de-me contar quem é que te vem buscar, está bem?

E - Está bem.

A - Pronto. Diz assim:

"Meu Deus/ Eu fui pecador cá na Terra/ E hoje estou arrependido/ De tudo aquilo que eu fiz/ E peço-te perdão/ Tu és bom/ Misericordioso/ E vais-me perdoar/ E ao mesmo

tempo/ Quero perdoar a todos aqueles/ Que me fizeram
sofrer a mim".

Agora vamos falar com Jesus. Diz assim:

"Jesus/ Eu quero ir ao pé de tí/ Mas não sei o caminho/
Manda alguém buscar-me".

Olha na tua parte. Vê lá. Vê lá. Vem lá alguém buscar-te?
Vê lá.

E - Vem lá um rapaz .

A - Era teu amigo?

E - Era meu amigo .

A - Ora vês? Ele é que te vai levar a um sítio bonito .

E - Obrigada .

A - Vai com Deus!

S.M.A. - Eu vim em nome de Deus e da nossa Mãe Maria Santíssima.
Pois é, irmã, este espírito andava muito sobre este ir-
mão, a importuná-lo bastante .

A - E achas que vai ficar bom .

S.M.A - Vai irmã. Só o que é que andava muito sobre ele. E agora
vai melhorar .

2ª Sessão

A - Agora, lembras-te outro dia daquele nosso irmão que mor-
reu? Tens aqui as meias dele. Já estarás um pouco mais
acordado?

S.M.A. - Não irmã, ainda está muito...

A - ... mas a mulher outro dia estava com uma familiar e essa familiar entrou assim num transe, e desconfia-se que era ele, aflito.

S.M.A. - Sim, irmã, neste momento ainda não desceu.

A - Pois, mas terá sido ele naquela altura aflito?

S.M.A. - Sim irmã, era ele, mas levantou e neste momento ainda não desce. Terá de ser noutra altura.

A - Noutra altura? Pronto, está bem.

3ª Sessão

A - E quando é que vem essa outra mulher? Aquela que tu dizes que está muito mal da barriga. Desconfia-se que é um cancro.

S.M.A. - Neste momento até já está melhorzinha.

A - Está melhorzinha? Achas que ela escapa? Pode ter lá um tumor, uma coisa qualquer...

S.M.A. - Irmã, já se sabe que pode anular, não digo que não seja grave, mas neste momento está melhorzinha.

4ª Sessão

A - E a minha filha que tal vai? Eu não tenho notícias de la, eu não sei nada.

S.M.A. - Não irmã, está bem.

A - Mas não vira para o marido, nem nada?

S.M.A. - Não irmã, não tem ideias disso.

A - Não tem ideias disso? É ela que se está a sacrificar para as filhas e as filhas um dia viram-lhe as costas.

S.M.A. - É o que está mais sujeito, irmã.

A - É isto a vida. A mãe, para salvar as filhas deixa o marido... rido...

S.M.A. - ... deixa lá irmã. É preciso ter coragem. Não te enerves. O mais que te peço é que não te enerves.

A - Pois é. Mas não vês que é os filhos, é os netos...

S.M.A. - ... Pois é, mas não ralhes com ninguém que a tua carreira está perto. Fiqueis com Deus e que o Senhor vos acompanhe.

A - Obrigada S.M.A., que Deus te abençoe.

25/4/84 - 1ª Sessão

A - Esta roupa é dum irmão nosso conhecido chamado António. Vê lá.

S.M.A. - Pois anda cá um espírito, realmente.

A - Vamos tratar disso!
(respiração profunda. Tosse)

A - Oh amigo, isso dá para tossir? Apanhaste frio?

E - Não, é do tabaco.

A - Era do tabaco, pois era. Esse tabaco.

E - Deixas-me andar?

A - Deixo andar aonde?

E - Eu era amigo dele.

A - Eras amigo de lá aonde? Eras lá da terra?

E - Era.

A - Como é que te chamas, amigo?

E - Eu era amigo dele. Não lhe sou nada de família! Sou Joaquim.

Voz - Joaquim quê?

E - Eu não quero que tu me descubras.

A - Eu quero-te é ajudar!

E - Mas tu não me conheces! (para a Aida) Então tu não me conheces? Pensa bem. (para a voz).

Voz - Joaquim... só se for o pai do António. É?

E - Eu ando mais ele, não é por mal que lhe queira. Sinto-me bem mais ele!

Voz - Mas ele anda tão mauzinho assim.

E - Pois é, eu sei que o tenho perturbado.

Voz - E faz muita malvadeira a mim e aos filhos.

E - Então (suspiro) eu vou deixá-lo.

A - Vais, mas eu vou-te dar um sítio bom, está bem? É a

recompensa por o deixares, eu vou-te guiar para um sítio muito bom, que vais ser muito feliz.

E - Aceito porque eu já ando a chateá-lo há muito tempo e ela não ligava nada!

Voz - Eu... pois. Eu não podia fazer nada!

E - Pois, mas não ligavas nada. Só dizias que ele que era este, que era aquele!

A - Coitadinha, se até a minha casa ele não a deixava vir.

E - Pois é por ele, bem: aquilo não era ele. Era eu que não o deixava. Eu andava sempre mais ele e depois a gente puxava-o sempre para trás.

Voz - Então não eras só tu?

E - Nada! Anda cá outro.

A - Então esse outro, a gente também tem que falar com ele, não achas?

E - Pois é, ele também aqui está!

A - Então, vamos primeiro tratar de ti, amigo Joaquim. Sabe quem ele é, não sabe?

Voz - Eu não sei, mas se ele diz que é o pai, será o pai mesmo? O Sr. Joaquim?

E - Sou.

A - Bom, então vamos lá tratar disto. Tu quando andavas cá na terra sabias que eras pecador, não sabias?

E - Sabia.

A - E temos de pedir perdão a Deus. Mas ouve cá uma coisa:

tu estás realmente arrependido?

E - Estou .

A - Mas é do coração ou da boca?

E - Do coração .

A - Bom! Mas também deves saber que tens de perdoar a todos aqueles que te magoaram a ti .

E - Eu perdoou .

A - Então vamos lá a isso . Dizes "Meu Deus/ Eu fui um pecador cá na Terra/ E agora..."

E - Andei a perturbar muito o meu filho...
Andava com ideias de o levar para o pé de mim.
Meu Deus perdoa-me.

Voz - Eu não lhe disse que ele se tentou matar, vê, ele tentou-se matar!

A - Pois é, mas viu, ele confessou .
Portanto Deus vai perdoar porque Deus é pai, ama os seus filhos e quando vê que os seus filhos estão arrependidos de verdade... hem?

E - Pois eu estou .

A - E se estivesses agora aqui, fazias isso?

E - Não .

A - Então vamos . Diz: "Meu Deus/ Perdoai-me as minhas faltas/ Não só aquelas que eu pratiquei em vida/ Como estas agora de eu andar atrás do meu filho/ E agora quero

também perdoar/ a todos aqueles que me fizeram mal" Agora vamos falar com Jesus. Diz: "Jesus/ Eu quero ir ao pé de ti/ Mas não sei o caminho/ Manda alguém buscar-me"

Agora olha: diz-me quem é que vem aí. Olha bem para a frente.

E - Vem lá um amigo meu. Eu vou com ele .

A - Pois vai com ele.

E - Perdoa-me, ó rapariga.

Voz - Perdoo-o, pois.

A - Deus te abençoe .

(ouve-se um suspiro)

A - Agora é outro. Então amigo, também estás aqui connosco. Quem és tu, agora?

E - Já aí bem? Já aí bem?

A - O que é que aí vem?

E - O comboio .

A - Então tu queres ir de comboio?

E - Eu matei-me debaixo do comboio .

Ah! Então...

... então isso vai andar ou não? Eu já puxei para ele fazer o mesmo .

A - Ai sim? E depois tinhas de esconder isso perante Deus...

E - ... dá o quê! É só fechar os olhos e aquilo passa num instante .

A - Ai é? E agora andas aí a penar.

E - Agora ando aqui porque eu não era mau, mas fiz o que fiz.
Não me devia ter matado...

A - Pois não, ainda bem que o sabes.

E - ... mas andava tão arreliado na minha vida que fiz.

A - Julgavas que a gente matando-se acabava tudo.

E - Pois era. Fazia crítica dos que diziam que não.

A - Pois, e depois é que vê.

E - E agora estou arrependido.

A - Ainda bem que estás arrependido. Então olha: queres que eu te dê um bom lugar.

E - Queria.

A - Vais ter um bom lugar. Então olha: vais pedir perdão a Deus das tuas faltas.

E - Mas eu não sei rezar.

A - Não interessa. Eu é que indico o que tu vais dizer. Mas olha: também tens alguém cá na Terra que te fizeram mal, a quem tens de perdoar.

E - Pois tenho. E também tenho de pedir perdão.

A minha mulher, principalmente, que a incomodei muito.

A - Então vê. Vamos então falar com Deus. Diz: "Meu Deus/
Eu fui um grande pecador cá na Terra/ Tirei a minha vida/
Que ela não era minha mas sim tua/ Peço-te perdão
meu Deus/ Porque eu estou muito arrependido/ Se fosse

hoje eu não fazia isso/ E além disso meu Deus/ Peço-te também perdão/ Por andar a perturbar estes irmãos/ Portanto meu bom Pai/ Perdoai-me".

Agora vamos também saber perdoar aos outros. Diz "Meu Deus/ Mas eu também quero perdoar/ A todos aqueles que me fizeram mal!"

Agora vamos também falar com Jesus. Diz "Jesus/ Eu quero ir ao pé de ti/ Mas eu não sei o caminho/ Manda alguém buscar-me"

Olha para a tua frente. Quem é que tu vês?

Vê lá, diz-me.

E - É a minha mãe!

A - Ai a mãe, que bom! a mãe vem buscar o seu filho! Que Deus te abençoe.

S.M.A. - Eu vim em nome de Deus e da nossa Mãe, Maria Santíssima. Dizei irmãos. Aqui sobre o nosso irmão andaram 2 espíritos. Andava muito carregada. A nossa irmã que faça as rezas, mas este nosso irmão tem corrente. Pode andar um bocado nervoso durante uns tempos, mas depois passa-lhe, o que é... pode-lhe voltar a vir, porque tem corrente.

A - Podem-lhe vir outros, não é?

S.M.A. - Pois é irmã, durante toda a vida, ele tem corrente
Pois é, o mal é isso.

Portanto minha irmã, dê-lhe a mão (1) e pergunte de si
O que é que se passa ?

(1) à espírita

Voz - Estes são os filhos, não é? É um maior e outro mais pequeno. O que se passa com eles?

S.M.A. - Eles estão bem.

A - Estão bem? O espírito não andava sobre eles?

S.M.A. - Não, não andava.

A - Pronto.

2ª Sessão

A - Agora vamos ver os pêlos desta minha vaca.

S.M.A. - Pois é irmã, aqui anda um espírito dum homem. Mas já levantou.

A - Já levantou?

S.M.A. - Já. Desde que safste de casa ele fugiu.

A - Quando eu saf da minha casa? Ai! E é capaz de voltar lá?

S.M.A. - Pode ser que não, irmã. Pode ser que não volte. Esta irmã faz a reza aos pêlos.

A - Faz a reza. E mais nada?

S.M.A. - Mais nada. Levas os pêlos e deitas no curral

.... oOo

B I B L I O G R A F I A

ANONIMO:

- 1976 O grande livro de S. Cipriano, Porto, Lello e Irmão

ARIES, P.:

- 1975 Essais sur l'histoire de la mort en Occident du Moyen Age à nos jours, Paris, Seuil

DIRECÇÃO GERAL DE ACÇÃO REGIONAL:

- 1981 Planificação biofísica da zona das barragens da Aguieira, Coiço e Fronhas, Dir. Ger. Ac. Reg., Ministério da Administração Interna
- 1981 Plano de ordenamento e desenvolvimento da bacia das barragens da Aguieira, Coiço e Fronhas, Dir. Ger. Ac. Reg., Ministério da Administração Interna

DIRECÇÃO GERAL DO ORDENAMENTO:

- 1983 Plano regional de ordenamento do território do alto Mondego. Bacia hidrográfica a montante de Penacova. Área prioritária - zona envolvente de barragens do Coiço, Aguieira e Fronhas, Dir. Ger. Ord., Ministério da Qualidade de Vida

DOUGLAS, M.:

- 1981 De la souillure. Essai sur les notions de pollution et de tabou trad. A. Guérin, Paris, Maspero
(1967)

DOUGLAS, W.:

- 1969 Death in Murelaga. Funerary Ritual in a Spanish Basque Village, Washington, University of Washington Press

EVANS-PRITCHARD, E.:

- 1972 (1937) Sorcellerie, oracles et magie, chez les Azandé
trad. L. Évrard, Paris, Gallimard

FAVRET-SAADA, J.:

- 1977 Les mots, la mort, les sorts. La sorcellerie dans le Bocage, Paris, Gallimard

FONSECA, T.:

- 1949 O Pinheiro. Palestra aos seus vizinhos da Montanha na Primavera de 1913, Biblioteca de Fomento Rural

GOLDEY, P.:

- 1983 "The good death: personal salvation and community identify" in Death in Portugal ed. Feijó; Martins; Cabral; Jaso; Oxford

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA:

- 1981 Estatísticas agrícolas, Lisboa, I.N.E.

LASLETT, P (ed.)

- 1978 (1972) Household and Family in Past Time, Cambridge, C.U.P.

LEVI-STRAUSS, C.:

- 1974 (1950) "Introdução à obra de Marcel Mauss" in Mauss, M. Sociologia e Antropologia trad. L. Puccinelli, S. Paulo, EPU

- 1974 (1958) Anthropologie structurale, Paris, Plon
- LIMA, F.C.P. (ed.):
- 1944-1945 Arquivo de medicina popular, 2 vol., Porto,
Jornal do Médico
- MALINOWSKI, B.:
- 1976 Crime e Costume na Sociedade Selvagem, Lisboa,
Meridiano
- MARWICK, M. (ed.):
- 1982 (1970) Witchcraft and Sorcery, Penguin Books
- MAUSS, M.:
- 1974 (1902-1903) "Esboço de uma teoria geral da magia"
in Sociologia e Antropologia trad. L. Puccinelli,
S. Paulo, EPU
- NGUBANE, H.:
- 1977 Body and Mind in Zulu Medecine Academic Press,
London
- SAHLINS, M.:
- 1981 (1972) Age de pierre, âge d'abondance. L'économie
des sociétés primitives trad. T. Jolas, Paris,
Gallimard
- SANTOS, J.A.:
- 1969 O pelourinho de Mortágua, Mortágua
- SHANIN, T. (ed.):
- 1973 Peasants and peasant societies, Penguin Books
- TOLLOSANA, C.L.:
- a) 1979 (1971) Antropologia cultural de Galicia, Madrid,
Akal
- b) 1979 Brujería, estructura social Y simbolismo en
Galicia (Antropologia cultural de Galicia, 2) Madrid, Akal

1981 (1974) Perfiles simbolico-morales de la cultura gallega, Madrid, Akal

TOMAS, M.C.:

1976 "Notas sobre la "envidia", los "ojos malos" entre los "Vaqueros de Alzada" "in Tolosana, C.L. Temas de Antropologia Española, Madrid, Akal

VAN GENNEP, A.:

1978 (1911) Os ritos de passagem, Petrópolis, Vozes

VASCONCELOS, J.L.:

1980 Etnografia Portuguesa, vol VII, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda